

YMORIAN VILELA ZWARG

**PAUSAS EM JUSTIFICATIVAS E CONCLUSÕES NOS
DISCURSOS DE UM SUJEITO COM DOENÇA DE
PARKINSON E DE UM SUJEITO SEM LESÃO
NEUROLÓGICA**

São José do Rio Preto
2012

Ymorian Vilela Zwarg

Pausas em justificativas e conclusões nos discursos de um sujeito com doença de Parkinson e de um sujeito sem lesão neurológica

Dissertação apresentada ao Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista, Câmpus de São José do Rio Preto, para obtenção do título de Mestre em Estudos Lingüísticos (Área de Concentração: Análise Lingüística).

Orientador: Prof. Dr. Lourenço Chacon Jurado Filho

São José do Rio Preto, 24 de fevereiro de 2012

Zwarg, Ymorian Vilela.

Pausas em justificativas e conclusões nos discursos de um sujeito com doença de Parkinson e de um sujeito sem lesão neurológica /

Ymorian Vilela Zwarg. -- São José do Rio Preto, 2012

142 f. : il., tabs.

Orientador: Lourenço Chacon Jurado Filho

Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas

1. Linguística. 2. Análise linguística (Linguística) 3. Linguagem. 4. Análise do discurso. 5. Parkinson, Doença de. 6. Hesitação (Linguística) I. Jurado Filho, Lourenço Chacon. II. Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho". Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas. III. Título.

CDU – 41

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca do IBILCE
UNESP - Campus de São José do Rio Preto

COMISSÃO JULGADORA

Prof. Dr. Lourenço Chacon – orientador
UNESP – São José do Rio Preto

Prof^ª. Dr^ª. Clélia Cândida Abreu Spinardi Jubran
UNESP – Assis

Prof^ª. Dr^ª Silvia Friedman
PUC – São Paulo

SUPLENTES

Prof^ª. Dr^ª. Fabiana Cristina Komesu
UNESP – São José do Rio Preto

Prof^ª. Dr^ª. Elaine Cristina de oliveira
UFBA – Salvador

AGRADECIMENTOS

Muitas pessoas estiveram comigo e repartiram um pouco do peso e da responsabilidade de realizar um trabalho científico. Assim, gostaria de agradecer ao meu orientador de pesquisa Lourenço Chacon, especialmente, por me iniciar nas práticas científicas e me acompanhar, com luz e paciência, durante minha graduação e mestrado. Agradeço à professora Silvia Friedman e a professora Clélia Jubran por comporem nossa banca e pela atenção e pelas contribuições à nossa dissertação. Também, às professoras Fabiana Komesu e Elaine Oliveira, pelas contribuições e companheirismo dentro do Grupo de Pesquisa.

Alguns trabalhos de amigos – companheiros do grupo de Pesquisa, liderado por meu orientador – foram extremamente importantes no embasamento de nosso trabalho. Nesse sentido, gostaria de agradecer, novamente, ao professor Lourenço e à professora Elaine, à LÍlian Zaniboni, ao Carlos Dias, à Roberta Vieira, à Maira Camillo, à Melody Witt, e principalmente à Julyana Nascimento, cujo trabalho foi grande inspiração à realização do nosso.

Agradeço aos professores, da Pós e da graduação, com quem tive o privilégio de aprender – principalmente à professora Graça Chama Ferraz e Ferraz.

Agradeço aos sujeitos que concederam seus dados para a realização desta pesquisa. Principalmente pela coragem e confiança destas pessoas, torço para que nosso trabalho traga um pouco mais de conhecimento sobre a doença de Parkinson.

Amigos estiveram ao meu lado, me animando nos momentos de angústia e comemorando nos momentos de vitórias. Agradeço à amizade de Dadi, Laurinha Barnabet, Perguntinha, Roberta, Maria Cláudia, Renata Gélamo, Formiguinha, Milena, Thales,

Monique, Karina, Jump, Augusto, Graça, Yukio, Lucas, Fernando, Misi, Batatão, Yuji, Clayton, Mimi, Valmir, Maura e Iuri.

Agradeço aos meus Pais e à Minha Irmã – a quem tenho imensa vontade de dar motivos para se orgulhar de mim.

Dedico esse trabalho à minha Avó que até hoje é meu porto seguro.

Agradeço à FAPESP pelo voto de confiança e pelo investimento em mim e em meu trabalho.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: comparação inter-sujeitos – dados numéricos e percentuais de <i>justificativas</i> e <i>conclusões</i>	35
Tabela 2: comparação inter-sujeitos – dados numéricos e percentuais de <i>justificativas</i>	36
Tabela 3: comparação inter-sujeitos – dados numéricos e percentuais de <i>conclusões</i>	37
Tabela 4: Relação entre <i>justificativas</i> e <i>conclusões</i> em presença ou não de pausas - sujeito parkinsoniano e em seu sujeito controle.....	64
Tabela 5: <i>justificativas</i> relacionadas à posição discursiva de doente.....	71
Tabela 6: <i>conclusões</i> relacionadas à posição discursiva de doente.....	71
Tabela 7: <i>justificativas</i> relacionadas à posição Mestre de Obras.....	75
Tabela 8: <i>conclusões</i> relacionadas à posição discursiva de Mestre de Obras....	76
Tabela 9: <i>justificativas</i> nas posições discursivas não predominantes do sujeito parkinsoniano.....	80
Tabela 10: <i>conclusões</i> nas posições discursivas não predominantes do sujeito parkinsoniano.....	81
Tabela 11: <i>justificativas</i> relacionadas à posição <i>vencedor</i>	89
Tabela 12: <i>conclusões</i> relacionadas à posição <i>vencedor</i>	90
Tabela 13: <i>justificativas</i> em posições discursivas não predominantes do sujeito controle.....	93
Tabela 14: <i>conclusões</i> em posições discursivas não predominantes do sujeito controle.....	93
Tabela 15: <i>justificativas</i> do sujeito parkinsoniano.....	94
Tabela 16: <i>justificativas</i> por posições discursivas do sujeito parkinsoniano.....	95
Tabela 17: <i>conclusões</i> do sujeito parkinsoniano.....	96
Tabela 18: <i>conclusões</i> por posições discursivas do sujeito parkinsoniano.....	96
Tabela 19: <i>justificativas</i> do sujeito controle.....	96
Tabela 20: <i>justificativas</i> por posições discursivas do sujeito controle.....	97
Tabela 21: <i>conclusões</i> do sujeito controle.....	97
Tabela 22: <i>conclusões</i> por posições discursivas do sujeito controle.....	98
Tabela 23: <i>justificativas</i> por posições discursivas dos dois sujeitos.....	98
Tabela 24: <i>conclusões</i> por posições discursivas dos dois sujeitos.....	102

SUMÁRIO

Resumo.....	08
Abstract.....	10
1. INTRODUÇÃO E JUSTIFICATIVA.....	12
1.1 O olhar biomédico.....	12
1.2 Trabalhos de orientação enunciativo-discursiva.....	16
1.3. Justificativa.....	22
2.OBJETIVOS.....	26
3.MATERIAL E METODOLOGIA.....	27
3.1 Material.....	27
3.2 Normas para transcrição.....	28
3.3 Os sujeitos da pesquisa.....	29
3.4 Procedimentos éticos.....	29
3.5 Forma de análise dos resultados.....	30
4. RESULTADOS.....	35
4.1 Números de irrupção de pausas em <i>justificativas</i> e <i>conclusões</i>	36
4.2 <i>Justificativas</i> e <i>conclusões</i> nos processos discursivos dos sujeitos.....	40
4.2.1 Exposição e análise dos exemplos do sujeito parkinsoniano.....	43
4.2.2 Exposição e análise dos exemplos do sujeito controle.....	55
4.3 Pausas e funcionamento discursivo dos sujeitos.....	66
4.3.1 Posições discursivas do sujeito com doença de Parkinson.....	67
4.3.2 Posição discursiva de doente.....	69
4.3.3 Posição discursiva de instrutor.....	74
4.3.4 Posições discursivas não predominantes do sujeito parkinsoniano.....	79
4.3.5 Posições discursivas do sujeito sem lesão neurológica.....	84
4.3.6 Posição discursiva de vencedor.....	86
4.3.7 Posições discursivas não predominantes do sujeito controle.....	93
4.3.8 Incidência de pausa e posições discursivas dos sujeitos.....	97
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	104
Referências Bibliográficas.....	106
Anexo.....	109

RESUMO

Trabalhos biomédicos frequentemente relacionam pausas na fala de sujeitos com doença de Parkinson às dificuldades motoras causadas por esta doença. Contrapondo-se a essa tendência, trabalhos de orientação enunciativo-discursiva têm encontrado relações semântico-discursivas envolvidas na irrupção de pausas nos discursos desses sujeitos. Seguindo essa tendência, nosso trabalho investigou a relação entre irrupção de pausas e funcionamento discursivo de um sujeito com doença de Parkinson e de um sujeito controle. Para tanto, utilizamos gravações em áudio e vídeo – e suas transcrições – de sessões de conversação desses sujeitos. Nestas sessões, os sujeitos tiveram como interlocutor uma fonoaudióloga. Contabilizamos, em seus materiais discursivos, as pausas irrompidas diante de ocorrências de funcionamentos semântico-discursivos que representam o sentido de *justificativas* e *conclusões*. Os números encontrados indicaram existir forte relação entre pausas e *justificativas* e *conclusões*. Compreendidas essas relações, procuramos pistas, nas sessões de conversação dos sujeitos, com o propósito de entender de que maneira as *justificativas* e *conclusões* – e as pausas atreladas a elas – agiriam na construção da materialidade discursiva dos sujeitos. Desse modo, pudemos identificar, no material discursivo do sujeito com doença de Parkinson, o discurso *Saúde/doença* – no qual este sujeito é colocado na posição de *Doente* na medida em que sua interlocutora fonoaudióloga ocupa o lugar de *Orientadora da Saúde*. Também, o discurso de *Mestre de Obras* – no qual este sujeito é colocado na posição de *Instrutor* na medida em que sua interlocutora é colocada na posição de leiga no assunto. Identificamos, no material discursivo do sujeito controle, o discurso de *Superação* – no qual o sujeito é colocado na posição de *Vencedor* na medida em que sua interlocutora ocupa o lugar de *Expectadora*. Categorizadas posições discursivas, foi possível estabelecer relações numéricas entre pausas; *justificativas* e *conclusões*; e os funcionamentos discursivos dos

sujeitos. Observamos que, na posição discursiva de *Doente*, a materialidade discursiva do sujeito com doença de Parkinson tende a mostrar menos irrupções de pausas diante das *justificativas*, quanto que, em sua posição discursiva de *Instrutor*, tende a utilizar mais pausas diante deste funcionamento. Atribuímos essa diferença à natureza do funcionamento discursivo dessas posições discursivas, pois, na posição de doente, o sujeito com doença de Parkinson precisa apenas manter a ideologia de que seu corpo funciona mal. Na posição de *Instrutor*, este sujeito precisa elucidar um conteúdo técnico específico para uma pessoa leiga – tarefa discursivamente mais complexa. Na posição de vencedor, a materialidade discursiva do sujeito controle tende a mostrar mais irrupções diante de justificativas. Atribuímos esse resultado aos discursos – como o discurso de hierarquização do saber acadêmico – concorrentes, nas cadeias parafrásticas, cujas latentes materialidades competiriam – gerando turbulência e a irrupção de pausas nos momentos de escolha de elementos lingüísticos – com as materialidades do discurso de pessoa que venceu na vida apesar de não ter estudado. As pausas diante das *conclusões* se mostraram relacionadas à tarefa de atribuir coesão e fechamento aos discursos de ambos os sujeitos. Assim, concluimos que há mais questões a serem relacionadas à irrupção de pausas que somente as questões motoras, como alega grande parte dos trabalhos biomédicos.

Palavras chaves: Doença de Parkinson, Discurso, Pausa.

ABSTRACT

Biomedical research frequently related pauses in speech of people with Parkinson's disease with motor difficulties caused by this disease. Opposed to this tendency, speech- enunciation research have found semantic- discursive relations involved in the outbreak of breaks in the speech of people with Parkinson's disease. Following this trend, our study investigated the relationship between breaks and speech functioning of a person with Parkinson's disease and a normal person. Thus, we use audio and video recordings - and their transcripts – of the person with Parkinson's disease and the normal person talk sessions. In these sessions, the persons had a conversation with an speech therapist interlocutor. Accounted, in their speeches materials, pauses eruptions before occurrences of semantic- discursive mechanism that represent the meaning of justifications and conclusions. The numbers obtained indicted exists strong relationship between breaks and justifications and conclusions. Understood these relationships, we looked for clues in the conversation sessions in order to understand how the justifications and conclusions - and breaks linked to them - they would act in the construction of discursive materiality of the person with a Parkinson's disease and a normal person. Thus, we discovery at the speech materials of the person with Parkinson's disease, the speech Health / illness - in which the person with Parkinson's disease is placed in the sick position in that his speech therapist interlocutor occupies the post of Supervisor of Health. Also the Foreman speech - in which the person whit a Parkinson disease is placed in the position of instructor in that their interlocutor is placed in the lay position. Identified in the normal person discursive material, the speech Resilience - in which the person is placed in the winner position in that his interlocutor takes the place of spectator. Categorized discursive positions, it was possible to establish numerical relationships between breaks; justifications and conclusions, and the discursive mechanism of the persons. Observed that in the discursive position of the Sick, the

discursive materiality of the subject with Parkinson's disease tend to show less outbursts of breaks on the justifications, as that in their discursive position of Instructor, tends to use more pauses before this operation. We attribute this difference to the nature of the discursive functioning of these speech positions, therefore the sick position, the person with Parkinson's disease need only maintain the ideology that your body works sick. At Instructor position, this person needs to elucidate a specific technical content to a lay person - discursively task more complex. In winning position, the discursive materiality of the normal person tends to show more outbursts before explanations . We attribute this result to the speeches - how the discourse of hierarchy of academic knowledge - competitors in metonymic chains, whose latent materiality compete - generating turbulence and eruption pauses in moments of choice of linguistic elements - with the materiality of speech of person who won the life despite not having studied . The breaks on the findings proved related to the task of assigning cohesion and closing speeches to both persons. Thus, we conclude that there are more questions to be related to the emergence of breaks that only motor issues, as claimed much of biomedical papers.

Keywords: Parkinson's Disease, Speech, Pause

1. INTRODUÇÃO E JUSTIFICATIVA

1.1 O olhar biomédico

Em 1817, James Parkinson publicou seu célebre trabalho “*An essay on the shaking palsy*”. Desde então, muitos trabalhos da literatura biomédica vêm publicando descrições sobre os sintomas dessa doença, que tem como principais características a rigidez muscular, a bradicinesia e o tremor. Hoje se sabe, como observado em Machado (2000) e Ferraz e Aguiar (2001), que a Doença de Parkinson é uma doença degenerativa progressiva causada pela morte de células da substância negra compacta e outros núcleos pigmentados do tronco encefálico. Segundo esses trabalhos, esse processo degenerativo ocasionaria um esgotamento do neurotransmissor *dopamina*, afetando a atividade motora dos sujeitos com essa doença.

Ao longo dos anos, muitos outros sintomas, além do tremor, rigidez e bradicinesia, foram observados e descritos por vários autores, como é o caso de Jankovic (2008), que acrescenta a essa lista de sintomas disartria, hipofonia, disfagia e sialorréia. Segundo esse autor, esses sintomas seriam decorrentes da bradicinesia orofacial-laríngea e rigidez características da doença. Porém, além de questões motoras, Samii et. al (2004) descrevem no quadro dessa doença alterações cognitivas, psiquiátricas, sensoriais e do sono.

Questões relativas à linguagem também são citadas por inúmeros trabalhos, mesmo nos que enfocam as características motoras da doença. Jankovic (2008) caracteriza a fala dos sujeitos com Doença de Parkinson como monótona e ofegante. Cita, também, uma freqüente dificuldade em encontrar as palavras. Num enfoque mais voltado para dificuldades da comunicação oral de sujeitos com Doença de Parkinson, Azevedo et. al. (2003), Quedas et al (2007), Dias e Limongi (2003), Azevedo e Cardozo (2009), Ceravolo et al (2001) utilizam parâmetros físico-acústicos como intensidade, freqüência e duração para realizar suas investigações sobre dificuldades de fala e de produção da voz nesses sujeitos. Já Barros et al

(2004), Kempler e Lancker (2002) e Silveira e Brasolotto (2005) privilegiam a descrição de dificuldades motoras ou articulatórias.

Um fato interessante é que, mesmo dentre os trabalhos que enfocam questões preferencialmente motoras a respeito das dificuldades de fala de sujeitos com Doença de Parkinson, podemos encontrar resultados que indiciam a influência de outros fatores, que não os motores, nos sintomas presentes nos processos discursivos desses sujeitos. O medicamento Levodopa é utilizado para diminuir os sintomas motores da Doença de Parkinson. Azevedo e Cardozo (2009), em trabalho sobre a relação desse medicamento com a performance de fala e voz de sujeitos com Doença de Parkinson, observaram que, embora o Levodopa proporcione muitas melhoras nos sintomas motores dos sujeitos, o mesmo não seria constatado quando observados os ganhos para a comunicação oral. A esse respeito, concluem que:

provavelmente, o parâmetro prosódico duração apresenta evidente melhora após a administração da levodopa, tendo em vista que ela interfere diretamente nesta variável, o que também pode ser observado nos sintomas motores globais, quando verificamos melhora do sintoma bradicinesia após administração da levodopa. Por outro lado, o fato de os déficits de fala na DP relacionados aos parâmetros prosódicos frequência e intensidade não serem resultado de alterações dopaminérgicas, faz com que esses não sofram interferência do uso da medicação. (AZEVEDO e CARDOZO, 2009, p. 140).

Esses resultados não isentam os parâmetros prosódicos *frequência* e *intensidade* de suas relações com as questões motoras da doença; porém, evidenciam a existência de outros fatores relacionados a esses parâmetros que o medicamento que atua no funcionamento motor desses sujeitos não consegue modificar.

No que se refere à terapia, tem se popularizado o *Método Lee Silverman*, que tem por objetivo aumentar a intensidade vocal por meio do incremento do esforço fonatório. Ao avaliarem a eficácia desse método, Dias e Limongi (2003) destacam que, embora o padrão articulatório de sujeitos parkinsonianos tenha permanecido impreciso, houve melhoras na intensidade e qualidade vocal e essas melhoras se refletiram numa comunicação oral mais

eficaz. Contudo, Jaywant e Pell (2009) mostraram gravações de fala de sujeitos com Doença de Parkinson e de sujeitos controle para que pessoas descrevessem as sensações causadas pela fala desses sujeitos. As pessoas que ouviram esse material não sabiam que as amostras de falas que ouviam eram, também, de pessoas com algum tipo de alteração. Como resultado, esses autores observaram que, a respeito das amostras de fala dos sujeitos parkinsonianos, as pessoas que ouviram as descreviam, freqüentemente, como coerente, bem organizada, compreensível; porém, menos interessada, menos envolvida, menos amigável em relação às amostras de fala dos sujeitos controle. Apesar de esses resultados descreverem impressões subjetivas, dados como esses nos alertam para o fato de que outras questões, além de qualidade e intensidade vocal ou questões articulatórias, estariam envolvidas na performance discursiva desses sujeitos.

Em relação às pausas – fenômeno cujo funcionamento estudamos nesse trabalho – encontramos em Illes et al. (1988), Pitcairn, Clemie, Gray & Pentland (1990), Knoop e Padovani, (2001) e Troche e Altmann (2011) relações entre os aspectos motores da doença e a interrupção dessa marca na fala de sujeitos parkinsonianos.

A alteração na fluência da fala manifesta-se, por exemplo na sua aceleração repentina, que prejudica o entendimento das palavras. Em geral, essa aceleração ocorre em pequenos grupos – conhecidos como jatos de fala. Outras alterações na fluência apresentadas por parkinsonianos são as hesitações e pausas inadequadas no início de frases ou palavras, de modo semelhante à gagueira. Estas manifestações são representações na fala das alterações motoras de festinação (jatos de fala) e dificuldades em iniciar os movimentos (pseudogagueira). (KNOOP e PADOVANI, 2001, p. 128).

Outra questão importante a ser levantada é o fato de que a maioria dos trabalhos que se propõem a estudar fenômenos na fala, na voz ou a na articulação de sujeitos com Doença de Parkinson utiliza repetição de sentenças e tarefas de leitura para coletar seus dados. Poucos utilizam análise de fala espontânea. O trabalho de Kempler e Lancker (2002) ilustra a importância dessa questão. Esses autores estudaram a inteligibilidade da fala de sujeitos com

Doença de Parkinson em contextos de repetição, leitura, canto e fala espontânea. Como resultado, encontraram que, em contextos de fala espontânea, esses sujeitos demonstraram fala menos inteligível do que nos outros contextos estudados na pesquisa, demonstrando que testes calcados em repetição de sentenças ou em tarefas de leitura não refletem o desempenho dos sujeitos em suas outras atividades lingüísticas.

De qualquer maneira, a grande maioria dos trabalhos sobre aspectos da comunicação oral de sujeitos com Doença de Parkinson, quando citam a fala, privilegiam a descrição de suas características acústicas de duração, frequência e intensidade (que podem ser mais facilmente avaliadas por instrumentos de medida objetiva), ou características mais ligadas ao encadeamento verbal, como a velocidade. Reduz-se, pois, a fala, nesses trabalhos, a aspectos que poderíamos classificar como essencialmente fonéticos – desconsiderados, portanto, os outros aspectos da linguagem que se mostram organizados na fala. Destaque-se, ainda, que, além de reduzirem a fala a seu aspecto físico, esses estudos extraem o material lingüístico de amostras de leitura de palavras ou sentenças, ou, ainda, de monólogos curtos produzidos por sujeitos com Doença de Parkinson.

Em contraposição a essa tendência, trabalhos de orientação enunciativo-discursiva têm observado relações semântico-discursivas envolvidas no que a literatura biomédica freqüentemente chama de “problemas de fala”, nos enunciados de sujeitos parkinsonianos:

1.2 Trabalhos de orientação enunciativo-discursiva

Para os autores desses trabalhos, características como: pausas silenciosas, pausas preenchidas, alongamentos, gaguejamentos, repetições e falsos inícios – características da chamada “fala monótona”, descrita pela literatura biomédica – indicariam momentos em que o sujeito que enuncia volta-se sobre seu próprio enunciado, sobre o enunciado do seu interlocutor ou, ainda, sobre fatos contextuais de sua produção enunciativo-discursiva. Assim, nessa perspectiva, a ocorrência de pausas – tanto em contextos sintomáticos, quanto em contextos não-sintomáticos de linguagem – indiciam momentos de turbulência no processo discursivo nos quais o sujeito negocia com os *outros* constitutivos do (seu) discurso. Em termos metodológicos – inspirados em investigações desenvolvidas no Centro de Convivência de Afásicos (o CCA) da Unicamp baseadas no trabalho de Coudry (1996) –, trabalhos de orientação enunciativo-discursiva têm utilizado, como material de análise, gravações e transcrições de conversações dos sujeitos que investigam. Porém, face à perspectiva que orienta a condução desses trabalhos, as sessões de conversação são, neles, concebidas como processos discursivos.

Exporemos resultados de investigações, sobre os sintomas de linguagem produzidos pela Doença de Parkinson, que se filiam a essa orientação enunciativo-discursiva. Partindo do princípio de que pausas constituem um fenômeno complexo em qualquer tipo de atividade verbal, e mais ainda em se tratando da atividade verbal de sujeitos parkinsonianos, Chacon & Schulz (2000) desenvolveram um estudo piloto visando a entender melhor essa complexidade. Para tanto, usaram como dados apenas pausas extraídas de conversas espontâneas de dois parkinsonianos. Tiveram como principal preocupação um aspecto prosódico: a duração das pausas.

Como resultados, encontraram grande abrangência da faixa de duração das pausas numa mesma atividade conversacional. Ambos os sujeitos apresentaram variabilidade na duração de suas pausas em função do tópico em desenvolvimento em sua atividade verbal. Do ponto de vista lingüístico, esse fato estaria relacionado ao que está em consideração no tópico conversacional e/ou à menor ou maior dificuldade do sujeito em desenvolvê-lo durante a atividade enunciativa. As pausas maiores poderiam indicar que alguma organização semântico-discursiva estaria ocorrendo nesses pontos da atividade verbal. Poderiam indicar, também, o nível de abstração das palavras que sucedem pausas em momentos de busca de palavras. Ambos os sujeitos da pesquisa demonstraram dificuldade em emitir palavras que apresentavam a característica semântico-discursiva *tempo*.

Também nessa perspectiva, Zaniboni (2002) teve como objetivo geral de seu trabalho encontrar teorias lingüísticas que, correlacionadas com teorias empregadas na literatura especializada sobre a doença de Parkinson, pudessem favorecer a identificação e a compreensão de possíveis peculiaridades lingüístico-discursivas em sujeitos parkinsonianos. Como objetivo mais específico, buscou compreender os possíveis papéis desempenhados pelas pausas que ocorrem em início de turno discursivo de sujeitos com doença de Parkinson. Essa autora, em seu estudo, assumiu o princípio de que a doença de Parkinson é uma patologia na qual os comprometimentos motores estão em correlação com ajustes e soluções de outras ordens, tais como, por exemplo, os de ordem discursiva/enunciativa. Assumindo esse princípio, buscou indícios de alguns mecanismos conversacionais que poderiam estar envolvidos na maior incidência e na maior duração das pausas na fala de parkinsonianos. Para tanto, baseou-se em autores de orientação lingüístico-discursiva.

Segundo Zaniboni (2002), a pausa deve ser vista em relação a outros fatos da atividade verbal, tais como aqueles de ordem fisiológica, de ordem lingüística, de ordem pragmática, ou de ordem emocional, bem como em relação a características individuais dos sujeitos – os

quais levam para a sua atividade enunciativa marcas de sua inserção sociocultural. Essa autora destaca a grande importância em averiguar a dinâmica da pausa na atividade conversacional como fenômeno intrínseco à linguagem e não como um fenômeno exterior a ela, pois compreender a funcionalidade das pausas na atividade conversacional significa vê-las em sua correlação com aspectos dessa atividade que vão desde os de natureza fisiológica até os de natureza pragmático-discursiva. Em sua investigação, comparou o funcionamento das pausas em dois sujeitos com doença de Parkinson e dois sujeitos controle. Trabalhou com dados retirados de conversas espontâneas. Como resultado, encontrou maior incidência de pausas em pares dialógicos com maior conteúdo de informação e em pares dialógicos abertos, se comparada com sua incidência em pares que exigiam uma resposta fundamentada no uso de sim-não e em pares dialógicos de pedido de informação ou confirmação, de forma fechada. Quanto à frequência das pausas, especialmente das pausas preenchidas e mistas, observou que as dificuldades dos parkinsonianos de formularem seus enunciados levam a uma maior ocorrência de pausas.

Oliveira (2003) propôs uma comparação do funcionamento das pausas em enunciados de sujeitos parkinsonianos registrados com um intervalo de um ano e oito meses de diferença. No enfoque lingüístico-discursivo assumido pela autora, a fala é vista como um modo de enunciação da linguagem e a pausa como constitutiva do exercício da linguagem e possível de ser analisada em correlação com fatores conversacionais nas e pelas instâncias discursivas.

Essa autora enxergou a pausa como um marcador conversacional, fundamental para a organização do diálogo. Teria uma função de segmentação da fala, por isso, pode ocorrer depois de frases, sintagmas, palavras e até sílabas – quando se silaba uma palavra. Quanto à sua ocorrência, ainda segundo Oliveira (2003), parecem ocorrer tipicamente em três lugares no enunciado. Primeiramente, em fronteiras de constituintes maiores, principalmente entre orações e entre sujeito e predicado. Existiria, nessa posição, uma correlação entre o tipo de

fronteira de constituinte e a duração da pausa, ou seja, quanto maior a fronteira maior a duração da pausa. O segundo lugar de ocorrência da pausa no enunciado seria antes de palavras de alto conteúdo lexical, ou em pontos de baixa probabilidade transicional. Já o terceiro lugar de ocorrência seria após a primeira palavra num grupo entonacional.

As pausas podem criar um tempo disponível para o processo cognitivo do falante e ajudar o ouvinte em sua tarefa de compreender o falante. A menor previsibilidade de ocorrência de uma palavra num determinado contexto incidiria numa maior possibilidade da ocorrência de pausa e sua maior duração, pois quanto maior a possibilidade de escolha do falante maior seria a latência para os processos envolvidos nessa escolha. Assim, observamos vínculos entre lugares de ocorrência de pausas e fatos de natureza gramatical e contextual. Além disso, verificamos que, ao tratar de pontos de ocorrência das pausas, autores dessa perspectiva as relacionam a fatos ligados à organização da atividade conversacional, na medida em que destacaram o vínculo entre pausas e estratégias conversacionais, hesitações, atividades de formulação e processos enunciativo-discursivos envolvendo o planejamento da conversação. Por outro lado, a autora ressalta que também há a função aerodinâmica da pausa, pois sua presença na fala pode coincidir com momentos respiratórios.

Assim, desse ponto de vista, o trabalho de Oliveira (2003) teve como objetivos: analisar se o modo como as pausas de início de turno são utilizadas na conversa espontânea de parkinsonianos se modifica após um intervalo significativo de tempo; em caso afirmativo, identificar quais aspectos da linguagem poderiam estar envolvidos nessas modificações; identificar se essa modificação no uso das pausas iniciais estaria ligada a uma possível progressão da doença; propor uma mudança na metodologia utilizada pela maioria dos estudos sobre a doença de Parkinson, buscando, por meio de registros de conversa espontânea, um enfoque interacionista e discursivo para os problemas verbais destes sujeitos. Como resultados, verificou que o intervalo de tempo de um ano e oito meses foi significativo

para que se pudesse observar mudanças na ocorrência das pausas, e em suas características de duração e preenchimento. Quanto à ocorrência, observou-se uma tendência à diminuição; no que se refere à duração, constatou-se que os sujeitos passaram a utilizar menos pausas breves e mais pausas médias e longas em sua atividade verbal; e, quanto ao seu aspecto de preenchimento, os sujeitos diminuíram o uso de pausas silenciosas e aumentaram o uso de pausas preenchidas e mistas. A partir da análise dos dados, a autora constatou que fatores de ordem motora, cognitiva, conversacional e enunciativa parecem atuar no funcionamento das pausas iniciais de turnos dos sujeitos da pesquisa. Constatou também que, com relação à atividade enunciativo-discursiva, houve, sim, progressão da doença, nos dois sujeitos, e que a pausa pode ser um elemento que possibilita indiciar essa progressão.

Também nessa mesma perspectiva, mas atentando para, além do funcionamento das pausas, o funcionamento dos fenômenos hesitativos na atividade enunciativa de sujeitos com Doença de Parkinson, Dias (2005) comparou as hesitações encontradas nos enunciados de dois sujeitos com Doença de Parkinson com as hesitações encontradas nos enunciados de dois sujeitos controles.

Dentre os inúmeros resultados encontrados por Dias, destacaremos o fato de os sujeitos com Doença de Parkinson hesitarem percentualmente mais nos momentos que se seguem a perguntas abertas do diálogo (nas quais os sujeitos não poderiam se apoiar no enunciado do interlocutor) do que nos momentos que se seguem a perguntas fechadas; também, hesitaram percentualmente mais – em relação aos sujeitos não-parkinsonianos – nos momentos que se seguem a perguntas abertas. Esse resultado indicou a presença de aspectos semântico-discursivos envolvidos no funcionamento hesitativo dos sujeitos estudados.

Na mesma direção, Nascimento (2005) analisou dados extraídos de sessões de conversações de um sujeito com Doença de Parkinson e de um sujeito sem lesão neurológica. Dentre outros resultados encontrados por essa autora, destacaremos o fato de que, tanto no

processo discursivo do sujeito com Doença de Parkinson, quanto no do sujeito sem lesão neurológica, cinco tipos de funcionamentos hesitativos envolveram diferenciações semântico-discursivas.

Também com olhar voltado para o funcionamento das hesitações, Camillo (2009) comparou *mudanças de orientação de sentido* – característica dos processos hesitativos encontrada em Nascimento (2005) – em enunciados de um sujeito com Doença de Parkinson e de um sujeito sem lesão neurológica. Baseada em diferenças observadas entre os dois sujeitos, Camillo (2009) levantou a hipótese de que, nas mudanças de orientação de sentido, a diferença de condição enunciativa (parkinsoniano/não-parkinsoniano) estaria afetando o controle da deriva por parte do sujeito parkinsoniano, dificultando, assim, seus processos de autoria¹.

Também Zwarg (2008) investigou características semântico-discursivas das hesitações em enunciados de sujeitos com Doença de Parkinson. Em seu trabalho, comparou momentos de *avaliação* marcados por hesitação – momentos também detectados por Nascimento (2005) – em enunciados de um sujeito com Doença de Parkinson e de um sujeito sem lesão neurológica. Dentre outros resultados, o autor observou diferenças entre os sujeitos no que se refere aos momentos de avaliação que envolviam relações de *causa e consequência* e de *confirmação/negação*:

Interpretamos essas diferenças em função das próprias características das avaliações envolvidas nesses momentos. Na *avaliação de causa e consequência*, os elementos que se relacionam entre si podem estar relativamente distantes no sintagma. É uma característica que demanda um raciocínio mais complexo em relação às outras características. Assim, acreditamos que – em razão dessa maior complexidade de raciocínio exigido por esta característica de avaliação – o sujeito com doença de Parkinson, em seus enunciados, a evita. Já a *avaliação de confirmação/negação* dá ao sujeito a oportunidade de relações mais próximas, no sintagma, entre os elementos que se relacionam entre si e, ainda, a possibilidade de se apoiar no enunciado de seu interlocutor. Acreditamos que esses motivos façam dessa característica de avaliação a mais usada pelo sujeito com doença de Parkinson. (ZWARG, 2008, p. 26).

¹ Tal como a postula Tfouni (2001).

Zwarg (2008) relaciona o funcionamento hesitativo *avaliação* ao conceito de *autoria* desenvolvido por Tfouni (2001):

O que o sujeito faz, no momento da *avaliação*, é “revestir de simbólico” um conteúdo que, na verdade, é inacessível. É impossível evitar a deriva de sentidos presente na língua. Assim, na condição de autor, o sujeito deve manter a “unidade” ilusória do texto. De acordo com Tfouni (2001), ele precisa controlar as formações do inconsciente, deve evitar os lapsos e os atos falhos. Para um sujeito que, por apresentar dificuldades nos aspectos motores da fala, se vê obrigado a direcionar uma grande atenção à execução da fala – como é o caso do sujeito com doença de Parkinson –, manter a unidade ilusória de texto pode ser uma tarefa muito difícil. Assim, acreditamos que a escolha – inconsciente ou não – do sujeito com doença de Parkinson pela característica menos complexa do funcionamento avaliativo – a avaliação de confirmação/negação – permite que ele, apoiando-se nos enunciados de seu interlocutor, mantenha, em seu discurso “uma unidade aparente, com começo, meio e fechamento”. (ZWARG, 2008, p. 27).

1.3. Justificativa

Como podemos observar, esses trabalhos de orientação enunciativo-discursiva – a fim de questionar uma literatura biomédica que relaciona “dificuldades de fala” de sujeitos com Doença de Parkinson diretamente a dificuldades motoras causadas por essa doença – centraram-se no funcionamento: (a) das pausas, como em Chacon & Schulz (2000), Zaniboni (2002), Oliveira (2003) e Zwarg (2009); e (b) das hesitações, como em Dias (2005), Nascimento (2005), Camillo (2009) e Zwarg (2008).

Independentemente da marca estudada por esses autores, suas investigações chegam a um resultado comum: o funcionamento de pausas e hesitações estaria relacionado a aspectos semântico-discursivos que se detectam no processo discursivo, e esses aspectos levariam – juntamente com o quadro motor característico da Doença de Parkinson – a um funcionamento “diferente”, em relação aos sujeitos sem lesão neurológica, no que diz respeito à fluência verbal dos sujeitos que são acometidos por essa doença.

Alguns trabalhos de orientação enunciativo-discursiva chegam a descrever detalhadamente as relações semântico-discursivas envolvidas nos processos hesitativos, como

Nascimento (2005), de Camillo (2009) e de Zwarg (2008): (1) mudanças de orientação de sentido; (2) avaliações de causa e consequência, de confirmação/negação, de quantidade e de qualidade; e (3) especificações.

Contudo, em seus estudos, esses autores procuraram – dentre outros fatos – características semântico-discursivas preferencialmente envolvidas ou marcadas por pausas e/ou hesitações. Assim, até o momento, características semântico-discursivas foram sempre estudadas de forma atrelada ao funcionamento das pausas ou e/ou hesitações.

De modo a explicar a motivação para a realização desse presente estudo, organizemos algumas informações:

1. Nascimento (2005), Camillo (2009) e Zwarg (2008) – focados na relação entre pausas e/ou hesitações – encontraram discrepâncias semântico-discursivas entre os funcionamentos discursivos de sujeitos parkinsonianos e sujeitos sem lesão neurológica.
2. Essas discrepâncias foram sempre observadas dentro da relação entre funcionamentos semântico-discursivos e funcionamento das pausas e/ou hesitações nos discursos desses sujeitos.
3. Não encontramos, na literatura científica sobre linguagem na doença de Parkinson, trabalhos que estudassem funcionamentos semântico-discursivos de modo a comparar suas ocorrências em presença de pausa com suas ocorrências em ausência de pausa.

Frente a estas questões, julgamos necessária a realização de um trabalho que preenchesse essa lacuna, isto é, que estudasse e relacionasse a ocorrência de características semântico-discursivas em presença de pausa e/ou hesitações e em ausência dessas marcas e a implicação dessas relações com os funcionamentos discursivos dos sujeitos.

É justamente esta a proposta de investigação do presente estudo. No entanto, dada sua abrangência nos limites de uma dissertação de mestrado, um recorte mostrou-se necessário. No interior desse recorte, nossa proposta é investigar, mais especificamente, dois funcionamentos semântico-discursivos que nos têm chamado a atenção tanto na produção do discurso de sujeitos parkinsonianos, quanto na de sujeitos sem lesão neurológica: *justificativas* e *conclusões*. Ainda no interior desse recorte, nosso olhar para esses dois funcionamentos será orientado pelo fato de serem, ou não, marcados por pausas.

Nossa escolha por esses funcionamentos foi inspirada numa relação observada numa característica de outro funcionamento: “Na *avaliação de causa e consequência*, os elementos que se relacionam entre si podem estar relativamente distantes no sintagma. É uma característica que demanda um raciocínio mais complexo em relação às outras características” (ZWARG, 2008, p. 30). Além dessa relação de distância no sintagma e de sua complexidade semântico-discursiva, freqüentemente o funcionamento *justificativa* escancara a presença do outro (e também do *Outro*) no discurso dos sujeitos. Já o funcionamento *conclusão* oferece grande chance de o sujeito „(...) dar ao seu discurso uma unidade aparente, com começo, meio e „fechamento“ (...)“ (TFOUNI, 1997, p. 82-3)”.

Quanto à escolha do tipo de marca, esta se deve, sobretudo, ao fato de a literatura biomédica sobre os problemas de linguagem em sujeitos com Doença de Parkinson atribuir a presença de pausas na fala desses sujeitos especialmente às dificuldades motoras que lhes são impostas pela doença. É, portanto, nossa preocupação entender até que ponto a presença de pausas é motivada especificamente por dificuldades motoras dos sujeitos ou por questões que acreditamos serem fundamentalmente da ordem da produção do discurso.

2. OBJETIVOS

Com base nos argumentos expostos até aqui, definimos como objetivos deste trabalho investigar – no processo discursivo de um sujeito com Doença de Parkinson e de um sujeito sem lesão neurológica:

- (1) em que medida, nos discursos dos dois sujeitos, justificativas e conclusões são ancoradas, ou não, na presença de pausas;
- (2) em que medida, nos discursos dos dois sujeitos, os momentos de *justificativas* e de *conclusões* se explicam por fatos recuperáveis em seus processos discursivos;
- (3) em que medida a irrupção de pausas nos enunciados dos dois sujeitos sofreria a influência de seus funcionamentos discursivos.

3. MATERIAL E METODOLOGIA

3.1 Material

Como material, utilizamos registros em áudio e em vídeo (assim como suas respectivas transcrições) de sessões de conversação de um sujeito com Doença de Parkinson e de um sujeito sem lesão neurológica. Este material pertence a um banco de dados financiado pelo CNPq² que subsidiou o desenvolvimento do projeto *Características semânticas das hesitações em enunciados falados de sujeitos com Doença de Parkinson: um enfoque discursivo*³. Este projeto é coordenado por nosso orientador de pesquisa Lourenço Chacon.

As sessões de conversação duraram cerca de quarenta minutos e foram gravadas na residência de cada sujeito. Consistiram em sessões de conversa entre os sujeitos e uma documentadora. Os temas abordados nessas sessões se desenvolveram, no geral, em torno da vida dos sujeitos.

Os equipamentos de registro foram um gravador DAT (*Digital Audio Tape*), acoplado a um microfone localizado a cerca de trinta centímetros da boca dos sujeitos gravados, e uma filmadora SONY 203. As transcrições das sessões foram feitas de acordo com normas propostas em Preti & Urbano (1998), complementadas com normas adotadas no desenvolvimento do projeto *Características semânticas das hesitações em enunciados falados de sujeitos com Doença de Parkinson: um enfoque discursivo*. Seguem as normas:

² CNPq – Processo 401675/2004 – 1.

³ CNPq – Processo 306705/2006 – 0.

3.2 Normas para transcrição

OCORRÊNCIAS	SINAIS	EXEMPLIFICAÇÃO*
Incompreensão de palavras ou segmentos	()	do nível de renda...() nível de renda nominal
Hipótese do que se ouviu	(hipótese)	(estou) meio preocupado (com o gravador)
Truncamento (havendo homografia, usa-se acento indicativo da tônica e/ou timbre)	/	e comé/ e reinicia
Entonação enfática	Maiúscula	porque as pessoas reTÊM moeda
Prolongamento de vogal e consoante (como s, r)	:: podendo aumentar para :::: ou mais	ao emprestarem os... éh::: ... o dinheiro
Silabação	-	por motivo tran-sa-ção
Interrogação	?	e o Banco... Central... certo?
Qualquer pausa	+	são três motivos+ ou três razões + que fazem com que se retenha moeda+
Comentários descritos do transcritor	((minúscu-las))	((tossiu))
Comentários que quebram a seqüência temática da exposição; desvio temático	- -	... a demanda de moeda - - vamos dar essa notação - - demanda de moeda por motivo
Superposição, simultaneidade de vozes	{ligando as linhas	A. na {casa da sua irmn B. {sexta-feira?
Indicação de que a fala foi tomada ou interrompida em determinado ponto. Não no seu início, por exemplo	(...)	(...) nós vimos que existem...
Citações literais ou leituras de textos durante a gravação	“ ”	Pedro Lima... ah escreve na ocasinio... “O cinema falado em língua estrangeira não precisa de nenhuma baRREIra entre nós”...

3.3 Os sujeitos da pesquisa

O sujeito com doença de Parkinson, escolhido para este estudo, tinha 51 anos à época da gravação de sua sessão de conversação. Sua profissão, durante a maior parte de sua vida profissional, foi como Mestre de Obras. Sua procedência geográfica é a cidade de Monte Carmelo – MG. Sua escolaridade corresponde ao segundo grau incompleto. O sujeito sem lesão neurológica – cujos dados foram utilizados para comparação com os dados do sujeito parkinsoniano – tem a mesma idade, mesma profissão e mesma procedência geográfica do sujeito parkinsoniano, porém, escolaridade diferente – primeiro grau incompleto. Essa diferença se justifica pela dificuldade em se encontrar sujeitos coincidentes em todas as características expostas aqui.

3.4 Procedimentos éticos

O material utilizado neste trabalho foi retirado do banco de dados *Características semânticas das hesitações em enunciados falados de sujeitos com Doença de Parkinson: um enfoque discursivo*⁴. Em posse desse banco de dados, estão os *Termos de Consentimento Livre e Esclarecido* assinados pelos sujeitos dessa pesquisa autorizando a utilização de suas amostras de fala para estudos científicos. A realização de nosso estudo foi autorizada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UNESP – Campus de Marília, cujo processo se registra pelo número: 0187/2010.

⁴ CNPq – Processo 306705/2006 – 0.

3.5 Forma de análise dos resultados

A seleção de nossos dados, assim como sua análise, foram baseadas, sobretudo, em subsídios teórico-metodológicos que vêm sendo construídos em discussões e em produções do Grupo de Pesquisa *Estudos sobre a linguagem* (GPEL/CNPq), ao qual estamos vinculados, e que é coordenado por nosso orientador de pesquisa, Lourenço Chacon. As produções do GPEL – sejam elas centradas em marcas hesitativas, ou não – têm se dedicado a estudar os momentos de negociação entre o sujeito que se assume como enunciador e os *outros* constitutivos do seu dizer. Esses momentos se mostram, no fio do discurso, pela presença de diversas marcas lingüísticas (AUTHIER-REVUZ, 1990).

Assim, considerando as sessões de conversação como materializações de processos discursivos, nossos dados foram interpretados como elementos indiciários do funcionamento desses processos. Nossas análises foram realizadas com atenção às marcas lingüísticas presentes na materialidade do discurso, pois, como os *corpora* discursivos são “o ponto de partida da AAD⁵, é normal que o dispositivo comporte uma fase de análise lingüística (...)” (PÊCHEUX e FUCHS, 1990, p. 171).

Em outras palavras, analisamos o processo discursivo dos sujeitos de nossa pesquisa a partir das marcas lingüísticas que se destacaram ou se uniram a outras pistas no sentido de evidenciarem as características semântico-discursivas que estamos investigando. Realizamos nossa investigação dessa maneira, pois:

É o processo discursivo que dá ao analista as indicações de que ele necessita para compreender a produção de sentidos e as posições do sujeito. Logo, a interpretação dos dados não é mecânica, automática, pois a AD, como dispositivo de análise, parte do pressuposto de que um objeto simbólico produz sentidos, não a partir de mero gesto de decodificação, mas como um procedimento que desvenda a historicidade contida na linguagem, em seus mecanismos imaginários. (TFOUNI & ASSOLINI, 2008, p. 5).

⁵ A sigla AAD significa Análise Automática do Discurso. Trata-se do sistema de análise discursiva defendida em Pêcheux e Fuchs (1990).

Assim, assumindo essa perspectiva, de posse do material, realizamos uma revisão das transcrições com o olhar voltado para os fenômenos escolhidos para este trabalho. Esses fenômenos, como antecipamos, são indiciados por um conjunto de marcas lingüísticas – materializadas no eixo sintagmático da linguagem – que se unem em amarração a um sentido passível de interpretação. Contudo, atentamos para o fato de que “(...) o sentido de uma seqüência só é materialmente concebível na medida em que se concebe esta seqüência como pertencente necessariamente a esta ou àquela formação discursiva (o que explica, de passagem, que ela possa ter vários sentidos).” (PÊCHEUX e FUCHS, 1990, p. 169).

Trabalhamos no sentido de identificar – nos enunciados, contidos no material gravado e no material transcrito, do sujeito com Doença de Parkinson e do sujeito sem lesão neurológica – as características semântico-discursivas privilegiadas para análise atentando-nos às marcas que descreveremos mais adiante. Para melhor explicarmos o modo de identificação dessas características, utilizaremos, como exemplo, recortes de corpus discursivo de sujeitos com doença de Parkinson e de sujeitos controle retirados do banco de dados citado na metodologia de nosso trabalho. Lembramos que, nas transcrições, os símbolos “+” representam a irrupções de pausas no sintagma. O trecho a seguir, traz o enunciado da parkinsoniana AP – sujeito não estudado neste trabalho – no qual relata à documentadora JN sua preferência por não se confrontar com sua filha ou com seu marido. Nesse relato, podemos observar marcas lingüísticas que evidenciam o que descrevemos como o funcionamento semântico-discursivo *justificativa* – cujas marcas encontram-se sublinhadas na transcrição à seguir:

AP + eu fico muitas vezes nervosa mas eu fico calada porque eu acho muito feio brigar + **então eu calo** + se eu for/ se eu for responder pra A. + sai briga + eu f/for responder ao F. sai briga **então + eu fico calada** + depois eu converso com ele falo que não é assim que/ tem que ser/ ter mais paciência ± porque eu falei eu não queria ter essa doença que eu tenho também mas deu + eu não queria ter Parkinson não + ah:: minha filha cê acredita que o povo não pára de ter medo de mim

Como podemos observar, no trecho sublinhado “porque eu acho muito feio brigar” emerge uma justificativa para um fato anteriormente materializado no sintagma: “eu fico muitas vezes nervosa mas eu fico calada”. Discursivamente, essa *justificativa* promove coerência ao discurso do sujeito, por preencher o que poderia significar uma lacuna entre *ficar nervosa* e *ficar calada*. Uma resposta a uma possível antecipação do estranhamento do *outro*, na medida em que é comum pessoas, quando nervosas, reagirem com enfrentamento. Assim, haveria a necessidade de se justificar a emergência de “mas eu fico calada”. Num movimento de amarração de sentidos, a *justificativa* age limitando (ilusoriamente) as possíveis interpretações do *Outro*. Uma característica do funcionamento semântico-discursivo *justificativa* é a irrupção – no sintagma – de elementos que agem numa tentativa (possivelmente inconsciente) de reparação às inúmeras possíveis interpretações do *outro* sobre os enunciados materializados. Dessa maneira, as *justificativas* parecem emergir em decorrência da irrupção de conteúdos semântico-discursivos que se mostram, no discurso, como não desejados.

Por outro lado, a *justificativa* coloca o discurso do sujeito no espaço do “questionável”, na medida em que esse funcionamento semântico-discursivo é materializado justamente em reparo a uma (possível) ausência. Emerge na necessidade do discurso em defender uma posição. Não é apenas uma antecipação ao sentido interpretado pelo outro, mas é o argumento que sustenta sua proposição. Esse funcionamento age dando força à uma conjectura. Assim, quando o sujeito A.P. enuncia: “eu fico muitas vezes nervosa mas eu fico calada porque eu acho muito feio brigar”, mais do que descrevendo seu posicionamento diante de determinado fato, está baseando, dando corpo para a defesa de sua proposição. Sustentar uma proposição, dentro de um discurso, é a principal característica da *justificativa*.

Na seqüência das marcas, no sintagma, do funcionamento semântico-discursivo *justificativa*, no interior do mesmo enunciado exposto acima, podemos observar – em negrito

– um exemplo do funcionamento semântico-discursivo *conclusão*: “então eu calo”. Esse funcionamento é evidenciado pelas marcas que agem num sentido de forjar o sentido de desfecho para uma problemática. Nesse caso, a problemática envolve a relação entre os elementos semântico-discursivos representados pelos enunciados: “eu fico muitas vezes nervosa mas eu fico calada porque eu acho muito feio brigar”. Assim, surge no sintagma o desfecho para a questão: “então eu calo”.

Podemos notar que a verbalização da ação de “calar-se” emerge antes de materializadas as marcas do funcionamento *conclusão*: “mas eu fico calada”. Porém, enunciada num sentido de adversidade – inclusive marcada pela conjunção adversativa *mas* – em relação à proposição anterior: “eu fico muitas vezes nervosa”. O funcionamento *conclusão* destaca a relação de desenlace para uma proposição enunciada.

No interior do mesmo enunciado exposto acima, podemos observar, também em negrito, outro exemplo do funcionamento semântico-discursivo *conclusão*. Recuperemos, mais especificamente, o recorte:

+ se eu for/ se eu for responder pra A. + sai briga + eu f/for responder ao F. sai briga **então + eu fico calada.**

Diferentemente do caso exposto anteriormente, essa ocorrência do funcionamento semântico-discursivo *conclusão* não aparece no sentido de remate para uma *justificativa*, mas, sim, de remate ao conflito mostrado nos enunciados “+ se eu for/ se eu for responder pra A. + sai briga + eu f/for responder ao F. sai briga”. De qualquer maneira, o conflito que se mostra abre possibilidades de remate para o texto, no caso, uma *conclusão*: “então + eu fico calada”, marcado, nesse caso, pela conjunção conclusiva “então”. Vale ressaltar que existem diversas maneiras de se construir a imagem de remate a um texto; a *conclusão* é apenas um deles.

Para melhor ilustrarmos a singularidade do funcionamento semântico-discursivo *justificativa*, examinemos outro recorte do enunciado exposto acima:

+ depois eu converso com ele falo que não é assim que/ tem que ser/ ter mais paciência + porque eu falei eu não queria ter essa doença que eu tenho também mas deu

No universo das questões do convívio familiar – um dos objetos do processo discursivo em questão –, qual ou quais questões (não-diretamente mostradas nesse processo) teriam desencadeado o pedido de paciência? Dessa forma, a *justificativa* “porque eu falei eu não queria ter essa doença que eu tenho também mas deu” é materializada no sintagma de modo a sustentar sua posição de que “tem que ser/ter mais paciência”. Assim, a *justificativa* opera fornecendo a ilusão de embasamento e coerência ao discurso.

Ainda no sentido de caracterizar a singularidade do funcionamento semântico-discursivo *justificativa*, observemos um recorte, dessa vez do sujeito controle AB – sujeito estudado em nossa pesquisa –, no qual ocorre um funcionamento (cujas marcas encontram-se sublinhadas) semanticamente semelhante ao funcionamento *justificativa*, porém outro:

AB + eu com dezenove anos arrumei pra ir pra + L. S. + trabalhar de mecânico + ganhando um salário mínimo naquela época em sessenta e: cinco + ganhando um salário mínimo + aí + minha mãe + não sabia assinar + mas porque/ por eu não ter vinte e um ano + eu não podia assinar por mim + minha mãe tinha que + me autorizar +

Reparemos que, no trecho destacado, ocorre a irrupção do significante *porque/*. Lembramos que “/” representa o efeito de interrupção brusca da palavra. A irrupção desse significante indicia um primeiro impulso (consciente ou não) de *justificativa*; contudo, num movimento de “mudança de orientação de sentido” (CAMILLO, 2009) irrompe, na cadeia discursiva, uma seqüência com o estatuto de causa. Embora sejam funcionamentos semanticamente semelhantes, é possível distingui-los pela materialidade lingüística, pois uma *justificativa* naquele momento do sintagma não daria, ao sujeito, a ilusão de coesão ao texto. Por exemplo, o enunciado *porque eu não tinha vinte e um* deixaria pendente a relevância da informação, pois, atualmente, o marco legal para a maioridade é a idade de 18 anos. Dessa

forma, a informação de que o sujeito não tinha vinte e um anos funciona como causa de outro fato, a informação sentida como relevante, a de que ele precisaria da assinatura de sua mãe. Este funcionamento semântico-discursivo, diferentemente da *justificativa*, não opera defendendo uma proposição, e sim, antevendo a necessidade de uma informação que poderia faltar ao outro (do aqui e agora). As diferenças materiais manifestadas por esses funcionamentos podem ser sutis, porém, podem ser muito significativas no momento de se identificar os discursos que mais fortemente atravessam os sujeitos. Por esta razão, acreditamos, inclusive, que a *mudança de orientação de sentido*, mostrada no exemplo acima, não tenha ocorrido à toa, mas por processos inconscientes dos processos discursivos.

Assim, delimitados os funcionamentos semântico-discursivos chaves de nossa investigação, passemos para a exposição de nossos resultados.

4. Resultados

Realizaremos a exposição de nossos dados em acordo com a ordem das questões que guiaram nosso estudo. Assim, de modo a respondermos à primeira questão de nossa pesquisa, a lembrar, em que medida, nos dois sujeitos, *justificativas* e *conclusões* são ancoradas, ou não, na presença de pausas, exporemos os dados numéricos e percentuais na sessão a seguir:

4.1 Números de irrupção de pausas em *justificativas* e *conclusões*

Organizamos os dados dos sujeitos de nossa pesquisa na tabela abaixo:

	Sujeito com doença de Parkinson	Sujeito controle (GC)
Total de ocorrências de justificativas	42	37
Justificativas ocorridas em presença de pausa	17 (40,5%)	26 (70,3%)
Justificativas ocorridas em ausência de pausa	25 (59,5%)	11 (29,7%)
Total de ocorrências de conclusões	23	14
Conclusões ocorridas em presença de pausa	13 (56,5%)	10 (71,4%)
Conclusões ocorridas em ausência de pausa	10 (43,5%)	4 (28,6%)

Tabela 1: comparação inter-sujeitos – dados numéricos e percentuais de *justificativas* e *conclusões*.

Como podemos observar, no que se refere aos números totais de ocorrências de justificativas – 42 ocorrências no corpus discursivo do sujeito com Doença de Parkinson e 37 ocorrências no corpus discursivo do sujeito controle – esses números não se mostram significativamente discrepantes. Ressaltamos que o foco de nossa investigação não se dirige aos funcionamentos *justificativa* e *conclusão*, mas, sim, às pausas que se relacionam com esses funcionamentos. Dessa forma, nos interessa a proporção entre as ocorrências desses

funcionamentos em presença e em ausência de pausa. Assim, no que se refere às ocorrências de justificativas em presença e em ausência de pausa, observemos a Tabela 2:

	Sujeitos com doença de Parkinson	Sujeitos controle
Justificativas ocorridas em presença de pausa	17 (40,5%)	26 (70,3%)
Justificativas ocorridas em ausência de pausa	25 (59,5%)	11 (29,7%)

Tabela 2: comparação inter-sujeitos – dados numéricos e percentuais de *justificativas*.

Observamos nos números do sujeito com doença de Parkinson uma pequena distância no percentual de ocorrência de justificativas: uma diferença de 19% a mais para as justificativas ocorridas em ausência de pausa. Já os percentuais do sujeito controle demonstram números mais distantes: uma diferença percentual de 40,6% e, ao contrário da tendência observada nos números do sujeito parkinsoniano, essa diferença é a favor das ocorrências de *justificativas* em presença de pausa no corpus discursivo do sujeito controle.

Esses resultados sugerem, no caso do sujeito com doença de Parkinson, uma tendência a irrupção do funcionamento semântico-discursivo *justificativa* em ausência de pausa em seu funcionamento discursivo. Enquanto que, no caso do sujeito controle, os resultados sugerem uma tendência a irrupção de *justificativas* em presença de pausa em seu funcionamento discursivo.

Observemos, agora, os números relativos ao funcionamento semântico-discursivo **conclusão**. Para tanto, observemos a Tabela 3:

	Sujeito com doença de Parkinson	Sujeitos controle
Conclusões ocorridas em presença de pausa	13 (56,5%)	10 (71,4%)
Conclusões ocorridas em ausência de pausa	10 (43,5%)	4 (28,6%)

Tabela 3: comparação inter-sujeitos – dados numéricos e percentuais de conclusões.

No que se refere aos percentuais do funcionamento conclusão em presença de pausa – 56,5% no discurso do sujeito com doença de Parkinson e 71,4 % no discurso do sujeito controle –, não observamos números contrastivos. Esse fato ocorre, também, quando observados os valores percentuais do mesmo funcionamento em ausência de pausa – 43,5% no discurso do sujeito com doença de Parkinson e 28,6% no discurso do sujeito controle.

Porém, no que se refere à distância entre os percentuais de ocorrências de conclusões em presença de pausa e em ausência de pausa – diferença de 13% no discurso do sujeito com doença de Parkinson e de 42,8% no discurso do sujeito controle –, encontramos considerável discrepância. Embora, no caso das conclusões, os números apontem para uma tendência de ambos os sujeitos para uma maior utilização da *conclusão* em presença de pausa, os números encontrados para o sujeito controle denotam, neste, uma tendência ainda mais acentuada.

Assim, a partir de nossa comparação dos dados, observamos que, de modo geral, tanto para o sujeito com doença de Parkinson, quanto para o sujeito sem lesão neurológica, os funcionamentos semântico-discursivos *justificativas* e *conclusões* apresentam grande relação com a irrupção de pausas na materialidade de seus discursos. Sustentamos essa afirmação no fato de que encontramos – no discurso do sujeito parkinsoniano – a ocorrência de 40,5% dos funcionamentos *justificativas* em presença de pausa. Esse número – que representa quase metade das ocorrências de justificativas – denota a importância da irrupção das pausas, na cadeia sintagmática, para os momentos de negociação entre as cadeias parafrásticas latentes e, também, para a escolha (inconsciente) das marcas que representam o funcionamento

justificativa no sintagma. No discurso do sujeito controle, observamos incidência maior ainda: 70,3% de justificativas em presença de pausa.

No que se refere ao funcionamento semântico-discursivo *conclusão*, encontramos, no discurso do sujeito parkinsoniano, 56,5% de ocorrências de conclusões em presença de pausa. No discurso do sujeito controle, encontramos uma incidência novamente maior, 71,4% de *conclusões* em presença de pausa.

Dada a grande incidência da marca *pausa* nos funcionamentos *justificativas* e *conclusões*, constatamos a importante relação dessa marca com a materialização dos elementos que denotam os aspectos semântico-discursivos em questão. Levantamos a hipótese que a *pausa*, em muitos casos, ocorra em virtude dos momentos em que as diversas correntes discursivas, que constituem e atravessam o sujeito, ameaçam a deriva dos sentidos. Acreditamos que a pausa possa servir como intervalo necessário para a escolha de materialidades discursivas relativamente complexas, como seria o caso dos elementos lingüísticos que, dentro de determinada formação discursiva, apóiam o efeito de sentido de *justificativa* e *conclusão*. Supomos que, além de permitir ao funcionamento discursivo dos sujeitos um espaço para organização, a pausa funcione como marca prosódica, separando os momentos de *justificativa* e de *conclusão*, de modo a destacá-los dos outros elementos do mesmo enunciado. Desta maneira, pelo menos no que diz respeito aos funcionamentos discursivos em observação, a pausa se mostraria como de fundamental importância nos momentos em que, na produção do discurso, detecta-se uma volta do sujeito sobre o (seu) processo discursivo.

Ao realizar a comparação numérica entre as ocorrências em presença e ausência de pausa dos funcionamentos semântico-discursivos *justificativas* e *conclusões* identificados nos discursos dos sujeitos de nossa pesquisa, e; ao levantar uma hipótese explicativa para a forte relação da marca *pausa* com os funcionamentos *justificativas* e *conclusões*, esperamos ter

respondido ao nosso primeiro objetivo: em que medida, nos discursos dos dois sujeitos, *justificativas* e *conclusões* são ancoradas, ou não, na presença de pausas.

Para responder à segunda questão de nossos objetivos (em que medida, nos discursos dos dois sujeitos, os momentos de *justificativas* e de *conclusões* se explicam por fatos recuperáveis em seus processos discursivos) descreveremos uma etapa de análise sobre os processos discursivos dos sujeitos na próxima sessão de nosso trabalho.

4.2 *Justificativas* e *conclusões* nos processos discursivos dos sujeitos

Observamos, na sessão 4.1, a importante relação entre a marca pausa e os funcionamentos semântico-discursivos *justificativas* e *conclusões*. Contudo, outras importantes relações entre aspectos semântico-discursivos e a marca *pausa* é estabelecida ao juntarmos as seguintes informações:

1. trabalhos como Nascimento (2005), Zwarg (2008) e Camillo (2009) descrevem relações entre marcas prosódicas – dentre elas a *pausa* – e a irrupção de materialidades lingüísticas que indiciam funcionamentos semântico-discursivos.

Nascimento (2005) relaciona essas marcas com materialidades lingüísticas que denotam aspectos semântico-discursivos de *avaliação*, *especificação*, *mudança de orientação de sentido* e *tropeços* nos enunciados dos sujeitos que investigou. Zwarg (2008) relaciona essas marcas com funcionamentos dos aspectos semântico-discursivos *causa e consequência*, *confirmação/ negação*, *qualificação* e *quantificação*. Camillo (2009) relaciona essas marcas com *mudanças de orientação de sentido* e com diversos aspectos semântico-discursivos envolvidos nesse funcionamento. Como podemos observar, nos trabalhos desses autores, muitos aspectos semântico-discursivos operam em relação íntima com – dentre outras – a marca *pausa*. Vamos à segunda informação:

2. Nesse trabalho, identificamos elevado percentual de *pausas* atreladas às ocorrências dos funcionamentos semântico-discursivos *justificativa* e *conclusão*.

Apreciadas essas informações, chegamos ao seguinte raciocínio: se funcionamentos semântico-discursivos – como os estudados por Nascimento (2005), Zwarg (2008) e Camillo (2009) e como os estudados neste trabalho – apresentam forte relação com a irrupção de pausas nos enunciados dos sujeitos, então o número total de pausas identificadas na materialidade enunciativo-discursiva será influenciada pelo número de ocorrência dos funcionamentos semântico-discursivos. Num outro plano de raciocínio, o número total de pausas encontradas em materiais como o que utilizamos neste trabalho – transcrições de sessões de conversação gravadas em áudio e vídeo – pode ser aumentado ou diminuído em decorrência dos aspectos semântico-discursivos evocados no processo enunciativo-discursivo dos sujeitos. Pois, dentro de cada formação discursiva, existe o que se pode ou não ser dito de modo a afirmar o discurso, ou negá-lo, “não se está no verdadeiro sem que se obedeça às regras de uma „polícia” discursiva que temos de reativar em cada um dos seus discursos”. (FOUCAULT, 1971, p. 09).

Por essa ótica, os aspectos semântico-discursivos evocados nos processos discursivos – e principalmente o discurso – se tornam objetos importantes no trabalho de investigação sobre o funcionamento das pausas. Encontramos detalhes dessa complexa relação – entre a marca *pausa* e aspectos semântico-discursivos – ao realizarmos o procedimento de análise que nos levou a responder à segunda questão de nossos objetivos: (2) em que medida, nos dois grupos de sujeitos, seus momentos de *justificativas* e de *conclusões* se explicam por fatos recuperáveis em seus processos discursivos.

Para tanto, voltamo-nos aos processos discursivos do sujeito com doença de Parkinson e do sujeito controle, de modo a juntar pistas – lingüísticas ou não – que evidenciassem formações discursivas contidas em seus enunciados. Exporemos, mais adiante, trechos das sessões de conversação em que identificamos os funcionamentos semântico-discursivos *justificativa* e *conclusão* de modo a observarmos suas relações com os processos discursivos

dos sujeitos. Para melhor identificação desses funcionamentos, sublinhamos as marcas que mostram *justificativas* e colocamos em negrito as marcas que mostram *conclusões*. Ambos os sujeitos da pesquisa têm nas sessões de conversação a mesma interlocutora, JN. Destaquemos que JN é fonoaudióloga, informação que se mostrou relevante durante nossa análise dos dados.

A seguir, apresentaremos exemplos de ocorrências de *justificativas* e de *conclusões* do sujeito parkinsoniano NL e descreveremos condições que permearam a irrupção desses funcionamentos semântico-discursivos. Em seguida, faremos o mesmo procedimento em relação aos dados de AS, seu sujeito controle. Sobre esses sujeitos, destaca-se:

Nome	Nascimento	Condição	Sexo	Profissão	Procedência	Escolaridade
NL	12/10/1946	parkinsoniano	M	Mestre de Obras	Minas Gerais	2º grau incompleto
AS	09/11/1946	Sem lesão neurológica	M	Mestre de Obras	Minas Gerais	1º grau incompleto

Começaremos nossa etapa de análise sobre os discursos dos sujeitos pelos dados do sujeito com doença de Parkinson:

4.2.1 Exposição e análise dos exemplos do sujeito parkinsoniano

No trecho abaixo, da sessão de conversação do sujeito parkinsoniano NL com a interlocutora JN, o processo discursivo, inicialmente, tem como objeto os pratos que haviam sido servidos em sua ceia de natal:

Exemplo (a) – página 111 do anexo.

NL depois da/da/da janta teve doce
 JN hum:: que doce foi esse?
 NL uai mas é claro que doce de leite
 JN hum + do jeito que é bom doce de leite hein?
 NL uhum + cê gosta?
 JN eu gosto
 NL + eu ado:ro também + mas eu não posso comer né?
 JN + por quê?
 NL por causa da gastrite
 JN parece que o senhor deu uma emagrecida né?
 NL + tô magro?
 JN o senhor emagreceu um pouquinho não emagreceu não?
 NL ah eu tô comendo menos né?
 JN + por quê?
 NL a MA zanga comigo pra mim comer mais mas eu tô comendo menos
 JN por que que o senhor tá comendo menos?
 NL é pra evitar muito né problema dor assim no estômago

O relato de NL – sobre o mal que o doce de leite faria a ele – ancora e marca o deslocamento do objeto discursivo – anteriormente o relato sobre a ceia de natal – para questões de saúde que o afligiam. Nesse trecho, identificamos três momentos de justificativas: no primeiro momento, irrompe a justificativa de não se comer doce de leite. Essa irrupção, no entanto, parece suscitar, em JN, a necessidade de um complemento, talvez porque o doce de leite, por si, não justificaria qualquer impedimento, por não se tratar de alimento conhecidamente indigesto ou nocivo à saúde. Dessa forma, num funcionamento discursivo de amarração de sentidos, NL justifica: “por causa da gastrite”, o que lhe parece conferir coesão e fechamento para seu discurso. Destaquemos que essa *justificativa* ocorre em ausência de pausa, como se um conteúdo latente esperasse, apenas, seu momento de irrupção. Essa

dinâmica é provável, pois, apesar do questionamento da interlocutora, esse funcionamento age em reparo à própria proposição de NL. É o encadeamento necessário à mudança de objeto discursivo.

No segundo momento, emerge, em NL, a *justificativa* para um enunciado de JN: “o senhor emagreceu um pouquinho não emagreceu não?”. Frente a esse enunciado, caminhos discursivos possíveis para NL seriam negar ou confirmar a proposição de sua interlocutora. Esse movimento de confirmação ou negação já traria coesão e remate ao discurso, pois o enunciado da interlocutora permite essa possibilidade. Porém, no enunciado de NL, surge, não só o aspecto semântico-discursivo de confirmação – ou possibilidade de – mas uma *justificativa* ao enunciado de sua interlocutora. A confirmação de que estaria mais magro, ou pelo menos a possibilidade de estar, vem implícita em seu enunciado. Parece ser um funcionamento semântico-discursivo relativamente mais complexo do que o apresentado anteriormente.

Essa *justificativa*, como a anterior, ocorre em ausência de pausa – e a computamos dessa forma em nossa contagem de dados.–, porém, vem ancorada pela irrupção da interjeição “ah”, no sintagma, indiciando momentos de negociação, entre as correntes parafrásticas, e “escolha” dos elementos lingüísticos que atribuiriam o efeito de sentido que o enunciado “ah eu tô comendo menos né?” representaria dentro de seu discurso”. Ressaltamos que o que referimos como “escolha” seria um processo enunciativo-discursivo regido pelas diversas formações discursivas que atravessam e constituem os sujeitos.

No terceiro momento, a *justificativa* ocorre em amarração de sentidos à própria *justificativa* enunciada anteriormente por NL. Esse enunciado: “ah eu to comendo menos né?” também abre a possibilidade de complemento, necessidade escancarada pelo enunciado da interlocutora: “por quê?”. Contudo, irrompe no discurso de NL o seguinte enunciado: “a MA zanga comigo pra mim comer mais mas eu tô comendo menos”. Esse enunciado – no contexto

discursivo – parece não funcionar como fechamento para a proposição de que NL estaria comendo menos. Essa relação é confirmada pela insistência da interlocutora: “por que que o senhor tá comendo menos?”. Assim, com o enunciado “é pra evitar muito né problema dor assim no estômago”, o sujeito, finalmente cria o efeito de coesão em seu discurso. Esse enunciado atua no processo de “amarrar a dispersão que está sempre virtualmente se instalando, devido à equivocidade da língua.” (TFOUNI, 2001, p. 11). Observamos, nessas três ocorrências de *justificativa*, o processo de lapidação que sustenta a imagem de uma superfície discursiva imaculada. Essa é a função dos funcionamentos semântico-discursivos: forjar a forma do enunciado ao molde do discurso.

O exemplo (b) tem, como objeto discursivo, a visita a parentes:

Exemplo (b) – página 119 do anexo.

JN e eles vem visitar o senhor ou não?

NL muito pouco

JN cê não vai eles não vêm e fica por isso mesmo

NL parece que/ parece mais é que é porque eles não vêm me ver eu não vou também né? + ((risos))

JN desculpa hein?

NL a::i a::i

JN tá certo a gente também tem que ir quando a gente tá com vontade né?

Essa justificativa, diferentemente das demonstradas anteriormente, não ocorre em complemento ao enunciado do interlocutor ou ao próprio enunciado. Nessa situação, no enunciado da interlocutora JN “cê não vai eles não vêm e fica por isso mesmo” emerge uma problemática – “cê não vai eles não vêm” – e um desfecho – “e fica por isso mesmo”. Sua materialização não gera lacuna no discurso. Não ocorre, nesse caso, a necessidade de um complemento fundamental à contenção da deriva dos sentidos. Porém, evidencia o impasse que afastaria NL de seus parentes e o coloca como, em parte, responsável por esse impasse. A *justificativa*: “porque eles não vêm me ver eu não vou também né?” é necessária, não ao processo de amarração aos sentidos do enunciado de sua interlocutora, mas na construção de sua posição defensiva, em sua tomada de posição discursiva. Posição que, em muitos casos, se

perde ao misturar-se com as inúmeras práticas discursivas concorrentes e latentes no processo enunciativo. Contudo, o próprio ato de justificar-se já denota uma formação discursiva, pois só se justifica perante proposições e as proposições só têm sentido no interior de formações discursivas. Afinal,

Se o discurso, na verdade, existe, então, na sua legitimidade, o que é que pode ele ser senão uma discreta leitura? As coisas murmuram já um sentido que a nossa linguagem apenas tem de erguer; e a linguagem, desde o seu projeto mais rudimentar, fala-nos de um ser do qual ela seria a nervura. (FOUCAULT, 1971, p.13)

Outro aspecto a ser mencionado é a ausência de pausa na ocorrência dessa *justificativa*. Partindo do princípio de que a pausa marcaria o espaço de um conflito entre diferentes possibilidades de direção do discurso, a ausência dela poderia evidenciar um conflito em grande medida já solucionado, talvez em decorrência do fato de o elemento semântico-discursivo já ter sido previamente preparado – pré-construído – e, assim, estar prestes a irromper.

Em razão dessa concorrência entre os elementos que representam as discursividades – já que “Os discursos devem ser tratados como práticas descontínuas que se cruzam, que às vezes se justapõem, mas que também se ignoram ou se excluem”. (FOUCAULT, 1971, p. 14) – é comum os sujeitos materializarem pistas, principalmente em momentos de *berlinda*, de uma ou de outra formação discursiva, tornando possível a sua identificação por parte do analista. O enunciado de JN “desculpa hein?”, no sentido de não aceitação à *justificativa* de NL, corrobora essa posição de *berlinda*. Assim como seu enunciado posterior “tá certo a gente também tem que ir quando a gente tá com vontade né?”, marca sua mudança de posição discursiva, agora, condescendente ao posicionamento de NL.

Exemplos como os expostos até aqui trazem evidências de formações discursivas que coexistem e se misturam, e cujas marcas indiciam competições entre elementos de redes

parafrásticas da constituição dos processos discursivos (PÊCHEUX & FUCHS, 1990). Os funcionamentos semântico-discursivos – que constroem a materialidade das formações discursivas – funcionam mais por denegação do que por escolha dos significantes. A cada elemento lingüístico materializado no fio do discurso, uma infinidade de outros são reprimidos. Alguns desses elementos reprimidos o são por não representarem, para o sujeito, em sua ilusão subjetiva, elementos que forneceria coesão ao discurso. Outros elementos são reprimidos por não mostrarem, para o sujeito, sentidos condizentes com a posição discursiva por ele defendida no processo discursivo. Outros elementos são reprimidos por caprichos quase impenetráveis dos processos inconscientes dos sujeitos. No entanto, nossa preocupação recai sobre o processo discursivo dos sujeitos; assim, pretendemos:

não ir do discurso até ao seu núcleo interior e escondido, até ao centro de um pensamento ou de uma significação que nele se manifestasse, mas, a partir do próprio discurso, do seu aparecimento e da sua regularidade, ir até às suas condições externas de possibilidade, até ao que dá lugar à série aleatória desses acontecimentos e que lhes fixa os limites. (FOUCAULT, 1971, p. 15)

Desse modo, atentando-nos à materialidade discursiva desses sujeitos e às condições de produção de seus discursos, sustentaremos nossa proposição de que a ausência de pausa diante de funcionamentos semântico-discursivos como a *justificativa* poderia indiciar – dentre diversos outros fatores não-recuperáveis no processo discursivo – a existência de fórmulas pré-construídas de sustentação da materialidade discursiva. Essas fórmulas seriam elementos semântico-discursivos previamente preparados. Embora sejam representados por variadas materialidades lingüísticas, esses conteúdos semântico-discursivos irrompem no fio do discurso com uma direção de sentido traçada antecipadamente. Essas fórmulas pertenceriam a formações discursivas latentes nos processos discursivos dos sujeitos. Tfouni (2005) descreveu esses elementos pré-construídos como conteúdos genéricos:

“A identificação do sujeito com essas fórmulas, através da interpelação pela ideologia, o faz acreditar que o que é dito é uma verdade inquestionável, ou melhor, que o único sentido possível é aquele que o genérico coloca em funcionamento. O genérico, então, engana o sujeito exatamente ali onde ele pensa estar escolhendo a melhor formulação”. (TFOUNI 2005, p. 08).

Assim, no exemplo 1, quando emerge na cadeia discursiva do sujeito parkinsoniano a relação comer menos/gastrite, mais do que uma irrupção de uma relação, o que emerge na cadeia – num processo inconsciente – é a materialidade de uma formação discursiva latente: a de doente:

“(...) o comentário não tem outro papel senão o de dizer *finalmente* aquilo que estava silenciosamente articulado no texto primeiro. O comentário deve, num paradoxo que ele desloca sempre mas de que nunca se livra, dizer pela primeira vez aquilo que já tinha sido dito entretanto, e repetir incansavelmente aquilo que, porém, nunca tinha sido dito. O emaranhar indefinido dos comentários é trabalhado do interior pelo sonho de uma repetição mascarada no seu horizonte, não há talvez mais nada senão aquilo que estava no ponto de partida, a simples recitação. O comentário, ao dar conta das circunstâncias do discurso, exorciza o acaso do discurso em relação ao texto, ele permite dizer outra coisa, mas com a condição de que seja esse mesmo texto a ser dito e de certa forma realizado. Pelo princípio do comentário, a multiplicidade aberta, os imprevistos, são transferidos daquilo que corria o risco de ser dito para o número, a forma, a máscara, a circunstância da repetição. O novo não está naquilo que é dito, mas no acontecimento do seu retorno. (FOUCAULT, 1971, p. 07).

Podemos observar mais indícios da posição discursiva de doente do sujeito parkinsoniano NL no próximo exemplo. Nesse fragmento, emerge uma *justificativa* que, embora ocorra em ausência de pausa, vem precedida de turbulência no fio do discurso:

Exemplo (c) – página 114 do anexo.

JN o senhor tá cuidando das plantinha direitinho lá?

NL tô mais ou menos

JN + ei mas tá tudo mais ou menos?

NL tá/ tá/ + e::u num sei não antes eu sou desanimado demais + eu não era assim não sabe mas agora

Como podemos observar, nesse trecho, a *justificativa* ocorre em reparo a um enunciado que demonstra, justamente, a constante irrupção de uma fórmula pré-construída de

manutenção da materialidade do discurso de doente de NL: “+ ei mas tá tudo mais ou menos?”. Ao materializar esse enunciado, a interlocutora JN escancara ao sujeito parkinsoniano NL seu próprio funcionamento discursivo. Apesar de a *justificativa* de NL remeter ao repertório discursivo da posição de doente, a turbulência no fio do discurso indicia um possível conflito entre elementos latentes na cadeia parafrástica. Observamos que essa justificativa emerge não apenas sustentando sua posição discursiva, mas diferenciando duas posições discursivas: uma anterior à doença e outra posterior: “tá/ tá/ + e::u num sei não antes eu sou desanimado demais + eu não era assim não sabe mas agora”

Seria displicência desconsiderar os fatos de JN ser uma fonoaudióloga e de NL saber que a sessão de conversação ocorre justamente em virtude de uma pesquisa sobre a linguagem na Doença de Parkinson. Essa situação discursiva ímpar poderia impor, a ambos, tomadas de posições influenciadas por seus lugares sócio-históricos. No caso de NL, o lugar da doença; no caso de JN, o lugar da saúde. Essas posições trariam, inclusive, uma questão hierárquica ao discurso: o papel do paciente – aquele que recebe informações e orientações a respeito de práticas de saúde – e o papel do médico – aquele que orienta e é detentor de um conhecimento mítico sobre a saúde e a própria vida. Apesar de JN ser fonoaudióloga, e não médica, no imaginário de NL possivelmente não haja distinção entre essas duas profissões, como nos sugere o trecho abaixo, da página 12, do anexo:

NL quantos anos faz que você tá trabalhando na medicina?
 JN + vai fazer quatro
 NL faz quatro ano que você terminou o estudo também?
 JN faz cinco

Essa relação hierárquica que o saber dos profissionais da saúde estabelece perante a sociedade é disseminada em muitos contextos e atinge todas as classes sociais. Esse mito do saber médico sustenta seu poder:

“(…) de um lado, [sobre] as regras de direito que delimitam formalmente o poder, de outro, [sobre] os efeitos de verdade que este poder conduz e que reconduzem este poder. Portanto a tríade: poder, direito e verdade”. (FOUCAULT, 2000a, p. 28). Esta tríade tem sua materialidade na constituição das profissões da área da Saúde, que, no Brasil, estão organizadas pelas leis de exercício profissional, leis que regem suas formações (Leis de Diretrizes e Bases para a Educação Superior, Diretrizes Curriculares) as quais concedem a cada área seu poder de direito, delimitando espaços de exercício profissional, instituindo normalizações às práticas e, ao mesmo tempo, legitimando determinados saberes e desconsiderando outros. (OJEDA, 2004, p.37).

Certos discursos, como o discurso dos profissionais da saúde, são tão fortes e presentes que tomam papel de verdade inquestionável no interior das formações discursivas dos sujeitos, inclusive, abafando discursos oponentes. Dessa forma, numa situação como a gravação de conversação utilizada para este estudo, protagonizada, de um lado, por um sujeito diagnosticado com doença de Parkinson, de outro, por uma fonoaudióloga, o discurso saúde/doença emerge não através dos sujeitos, mas apesar deles, regendo suas práticas e comportamentos. Esses sujeitos são absolutamente capturados por esse discurso, são constituídos e assujeitados por ele:

“Essas práticas vêm nos dizer das verdades, dos regimes de verdade que, independentemente do que pregam as leis e o desejo das pessoas, de grupos, são suficientemente fortes para, nas relações de poder, se instituírem como inquestionáveis. São naturalizáveis!” (OJEDA, 2004, p. 32).

Observemos, no exemplo abaixo, mais uma ocorrência de *justificativa* em manutenção ao discurso do sujeito parkinsoniano NL:

Exemplo (d) – página 115 do anexo.

JN quanto mais tempo fica sem comer a hora que vai comer mais vai doer

NL entendi eu vou falar hum:: f/fica difícil viu + cê não tem vontade de fazer nada

JN porque dói demais né?

NL dá ruindade né um: moleza no corpo + o dia que eu levanto de manhã s:/ igual a hoje + cinco e meia + mas me dá um sono que eu vou te falar + tem hora que eu falo não vou mexer com nada vou ficar quieto em casa

Nesse recorte, podemos verificar, no primeiro enunciado de JN, o sentido de orientação de práticas de saúde: “quanto mais tempo fica sem comer a hora que vai comer mais vai doer”. Destaquemos que esse enunciado não remete apenas ao discurso médico. Esse mesmo enunciado poderia emergir do discurso da chamada *sabedoria popular*. A questão é de que lugar emerge esse enunciado e o quanto seu sentido se desloca a partir do lugar em que emerge. Que peso teria esse “comentário” (FOUCAULT, 1971), emergido da posição de profissional da saúde, para a manutenção dos discursos de ambos os sujeitos? O enunciado que segue confirma a posição de *quem recebe a informação*, por parte de NL: “entendi eu vou falar hum:: f/fica difícil viu + cê não tem vontade de fazer nada”. A *justificativa* irrompe em reparo ao enunciado de JN “porque dói demais né?”. Assim, abre-se oportunidade para a irrupção de um enunciado do discurso de doente em NL: “dá ruindade né um: moleza no corpo + o dia que eu levanto de manhã s:/ igual a hoje + cinco e meia + mas me dá um sono que eu vou te falar + tem hora que eu falo não vou mexer com nada vou ficar quieto em casa”.

A irrupção desses pré-construídos auxilia no fluxo da materialidade discursiva. Ao utilizar – inconscientemente – esses elementos, o sujeito confere a ilusão de coesão, coerência e lapidação a seus enunciados. Esse funcionamento é constitutivo do sujeito e age conferindo veracidade e sustentação a seu enunciado. No interior do discurso de doente, seus pré-construídos mostram-se como estáveis e sempre prontos a emergir no fio do discurso:

O discurso nada mais é do que o reflexo de uma verdade que está sempre a nascer diante dos seus olhos; e por fim, quando tudo pode tomar a forma do discurso, quando tudo se pode dizer e o discurso se pode dizer a propósito de tudo, é porque todas as coisas que manifestaram e ofereceram o seu sentido podem reentrar na interioridade silenciosa da consciência de si. (FOUCAULT, 1971, p.13)

O trecho a seguir traz – além de uma ocorrência do funcionamento semântico-discursivo *justificativa*, sublinhada – duas ocorrências do funcionamento semântico-discursivo *conclusão*, destacadas em negrito:

Exemplo (e) – página 123 do anexo.

NL talvez diz que tinha engenheiro que eu ainda entendia mais do que ele né?

JN + ah é?

NL é uai + tem muitos uai + isso aí porque a gente tá dentro né e: + e ele tá: só faz o desenho + então às vezes tem coisa que cê cê vai fazer ele quer que cê faz mas não sabe como é que faz né + então você vai ter que explicar pra ele como é que tem que fazer e fazer

Nesse momento do processo discursivo, o objeto em curso era a vida profissional de NL como mestre de obras. O enunciado de NL: “talvez diz que tinha engenheiro que eu ainda entendia mais do que ele né?” demanda um complemento, pois em qual discurso *o mestre de obra saber mais do que o engenheiro* pertenceria a um “regime de verdade” (FOUCAULT, 2002) Na sequência do processo, o enunciado de JN “ah é?” abre uma lacuna, uma necessidade de remate. Um simples elemento de confirmação “é uai + tem muitos uai” – como o enunciado por NL – preencheria a lacuna discursiva e daria a ilusão de coesão ao discurso. No entanto, a proposição de NL permaneceria absurda – por ter se materializado no interior de um discurso que a impede – ou carente de sentido – por estar fora do discurso. Assim, num embate ao discurso que impede sua proposição, ou em reparo a uma carência de sentido, irrompe a *justificativa*: “+ isso aí porque a gente tá dentro né e: + e ele tá: só faz o desenho” materializando o elemento discursivo que forneceria coerência a sua proposição de que poderia saber mais do que um engenheiro.

Observemos que essa *justificativa* ocorre em presença de pausa. Considerando que justificar a proposição de que um *mestre de obras poderia saber mais do que um engenheiro* não parece ser usual, a pausa parece marcar justamente o espaço em que ocorreriam as negociações entre os elementos que poderiam se materializar no sintagma de modo a representar essa contradição discursiva. Nesse caso, além de levantarmos a hipótese de que a pausa, além de marcar esse espaço, poderia marcar, também, o tempo da busca de conjunção entre funcionamentos semântico-discursivos que se caracterizam como disjuntos.

Afinal, essa justificativa apenas tece os primeiros fios da teia que enlaçaria uma dispersão latente no processo discursivo, pois a informação de que *o mestre de obra está dentro da obra enquanto o engenheiro faz apenas o desenho* também suscita, ao sujeito, um complemento. É necessário um remate semântico-discursivo. A *conclusão* é um funcionamento semântico-discursivo que auxilia no desfecho, transformando o enunciado anterior numa problemática passível de resolução: “+ então às vezes tem coisa que cê cê vai fazer ele quer que cê faz mas não sabe como é que faz né?”. Isto é, em decorrência de o engenheiro não estar dentro da obra, existem coisas que ele não saberia como são feitas; dessa forma, seria possível um mestre de obra saber mais do que um engenheiro. Depois da pausa, eis o remate semântico-discursivo.

Esse discurso dialoga com os discursos do operariado, de “gente que faz”; dialoga, enfim, com discursos que se opõem ao saber acadêmico como presença imprescindível no trabalho. Esse diálogo é necessário, pois “Na sua realidade, ao ser colocado na ordem do significante, o discurso anula-se.” (FOUCAULT, 1971, p. 13). O significado que não se prende a teia do discurso em curso, precisa ser tecido.

Ainda surge, na seqüência, outro enunciado a reforçar a posição discursiva de NL: “+ então você vai ter que explicar pra ele como é que tem que fazer e fazer”. Esse enunciado reverte os tradicionais pressupostos que se conhecem acerca da relação entre engenheiros e mestres de obras. Coloca NL na posição de instrutor diante do engenheiro. É mais um enunciado a sustentar a proposição de que NL poderia saber mais do que um engenheiro. A pausa auxilia a emergência desse enunciado e limita sua materialidade lingüística, na medida em que seus elementos são separados daqueles que compõem o enunciado anterior.

Esse trecho – retratado no exemplo 5 – marca uma mudança de posição por parte dos sujeitos. Na medida em que NL “explica” para a interlocutora JN detalhes técnicos dos procedimentos de construção civil, o discurso muda. Sai de cena o parkinsoniano doente,

desanimado, que não sente vontade de sair de casa; emerge o Mestre de Obras competente que chega a saber mais do que o Engenheiro. Por sua vez, a interlocutora JN se coloca – ou é colocada – na posição de quem recebe a informação. Dessa forma, grande parte das *justificativas* e *conclusões* passam a funcionar nesse discurso como recurso de explicação técnica à interlocutora. Observemos o próximo exemplo:

Exemplo (f) – página 123 do anexo.

JN mas aí ele fica dando palpite ou não?

NL + não ele dá palpite porque: a ordem vem/ parte dele né mas é que ele não sabe fazer + então muitas coisa que às vezes que cê tem/ tinha que discutir pra cê + pra ele entender o que que tinha que fazer né?

O exemplo (f) traz uma configuração semelhante ao exemplo (e) no que se refere aos funcionamentos semântico-discursivos. Observamos uma ocorrência de *justificativa* “porque: a ordem vem/ parte dele né mas é que ele não sabe fazer” e de uma *conclusão* “+ então muitas coisa que às vezes que cê tem/ tinha que discutir pra cê + pra ele entender o que que tinha que fazer né?”, que criam a ilusão de fechamento ao discurso. No entanto, esse trecho nos chama a atenção por demonstrar a insistência na irrupção de certos elementos discursivos. Por evidenciar a forte relação com a qual o sujeito é atravessado por esses elementos.

Sobre a insistência com que esses elementos irrompem nos processos discursivos de NL, podemos supor que, para um sujeito que se vê limitado pelas dificuldades de uma doença cujo discurso lhe impõe verdades desagradáveis, lutar por um discurso que lhe constitui numa posição privilegiada pode deslocá-lo para lugares mais confortáveis. Afinal, “o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas é aquilo pelo qual e com o qual se luta, é o próprio poder de que procuramos assenhorear-nos”. (FOUCAULT, 1971, p. 02). Os elementos discursivos que defendem sua posição de mestre de obras devolvem-lhe a autoridade tirada pela doença.

Observemos, a seguir, a análise sobre os exemplos de *justificativas* e *conclusões* encontradas no discurso do sujeito sem lesão neurológica:

4.2.2 Exposição e análise dos exemplos do sujeito controle

Exemplo (a) – página 128 do anexo.

AS aí eu tive que largar os estudos + pra poder trabalhar em cerâmica

JN hum

AS pra poder:

JN + ajudar em casa

AS ajudar na renda familiar + **aí: f/foi esse vidinha assim custosa né** + sofrido sempre/ + eu era um: eu era um eu sinceridade eu não julgo um cara: + analfabeto porque eu conheço muitas coisas conheço muitas áreas + e: graças a Deus as pessoas que tem estudo + me ajudou + porque eu trabalho na construção civil + aí eu comecei/ larguei a cerâmica + passei pra construção civil pra poder: + eu ter mais um: uma renda/ melhor + pra poder ajudar minha mãe

Nesse trecho, o objeto discursivo em curso era o trabalho de AS. O funcionamento semântico-discursivo *conclusão* (destacado em negrito) irrompe na cadeia sintagmática completando o sentido de sua proposição. Destaquemos que o pré-construído *deixar de estudar para poder trabalhar* é condizente com o discurso de AS, na medida em que pertence a um “regime de verdade” (FOUCAULT, 2001). Pré-construído, inclusive, que contribuiu para a consolidação das classes sociais que conhecemos atualmente em nosso país e que, se, por um lado, impôs a condição discursiva atual de AS, é, agora, por outro lado, imposto por ele: “É necessário conceber o discurso como uma violência que fazemos às coisas, em todo o caso como uma prática que lhes impomos; e é nessa prática que os acontecimentos do discurso encontram o princípio da sua regularidade”. (FOUCAULT, 1971, p. 15).

Embora esse regime de verdade fosse mais corrente em tempos passados, à época da juventude de AS, ainda é conhecido atualmente; assim, o pré-construído que emerge no processo discursivo não causa estranhamento a JN. E, num outro sentido, nesse momento desse processo, os enunciados de AS voltam-se para o passado, e nenhuma ferramenta

remonta melhor ao passado do que o discurso. Enfim, dessa forma, não haveria necessidade de um complemento que atuasse na contenção da deriva dos sentidos. A irrupção da *conclusão*: “+ aí: f/foi esse vidinha assim custosa né?” colmata a não-emergência de *por não ter estudo a vida foi difícil*. Nesse caso, observamos uma breve narrativa que tem como remate uma conclusão. A pausa parece marcar justamente a delimitação desse momento de conclusão da narrativa.

Ainda no exemplo (a), observamos duas ocorrências de *justificativa*. A primeira ocorre em reparo à proposição de que AS não se enxergaria como um “cara” analfabeto. Porém, seríamos negligentes se deixássemos de mencionar a mudança de orientação de sentido que ocorreu em seu enunciado antes de materializada sua emergência: “+ eu era um: eu era um eu sinceridade eu não julgo um cara: + analfabeto”. Os elementos materializados, num momento de turbulência na cadeia discursiva, indiciam que o sujeito iria comentar algo sobre si. Iria dizer que era analfabeto? De qualquer modo, o enunciado “porque eu conheço muitas coisas conheço muitas áreas” justifica sua proposição, seja ela genérica ou direcionada a sua pessoa. Destaquemos que o pronome “eu” aparece na justificativa reforçando nossa interpretação. A ausência da pausa nos permite supor a existência de uma conexão já construída entre os elementos lingüísticos que emergem nesse momento de *justificativa*. De acordo com nossa observação do processo discursivo de AS, haveria grandes chances da irrupção de uma pausa antecedendo essa *justificativa*. Essa pausa poderia funcionar como delimitação entre funcionamentos semântico-discursivos e como índice da concorrência de significantes concorrentes nas redes parafrásticas do processo discursivo. Porém, a pausa precede a irrupção da palavra “analfabeto”, marcando esse ponto da cadeia discursiva como lugar de conflito.

A segunda justificativa ocorre em reparo a “e: graças a Deus as pessoas que tem estudo + me ajudou”. Trata-se de “+ porque eu trabalho na construção civil”. Essa

justificativa só tem sentido dentro de um regime de verdade que sustente a idéia de que trabalhadores da construção civil não têm estudo. A relação entre esses dois momentos da cadeia discursiva parece mostrar-se como complexa a AS. A pausa que os separa indicia, então, o tempo de se ajustá-la, mostrando, no entanto, o conflito entre essas suas duas partes.

Observemos mais um trecho da sessão de conversação de AS de modo a juntarmos mais pistas sobre o funcionamento discursivo desse sujeito:

Exemplo (b) – página 130 do anexo.

AS mas era: assim + nã:o + não é fácil não + eu sempre falo pras pessoas que tem pais que dá condições eu falo pros meus filho + que eu dei condições pros meus filhos estudar dei oportunidade pra eles + eu rale/ eu trabalhei + pensei em ter + era um/ a minha média mesmo era ter dois filhos que se fosse filho ou filha + seja bem-vindo do jeito que s/fosse + eu ia querer ser dois mesmo + aí: + eu sempre falo pra eles + aproveita essa oportunidade que tem

JN mas é dois que cê tem não é (risos)?

AS é + dois filho não veio filha mas a:s filha/ as nora vão ser a filhas (risos)

JN as nora vão substituir isso?

AS ahan então + sempre eu falo pra eles porque + a gente nã:o ++ não ++ não nasce infeliz ++ eu sempre falei pra eles + infelicidade na vida da gente + nunca tem + a gente procura ela + por os me/ por os mérito da gente + se a gente quiser ser infeliz a gente mesmo é que quer ser + eu por exemplo não quis ser + eu sempre procurei ser um/ um ser humano + feliz + pra poder + eu + eu queria conseguir minhas coisas eu sempre queria mais coisa

Nesse momento do processo discursivo, o objeto em curso era filhos e a importância de os pais os apoiarem financeiramente nos estudos. Esse é o objeto que vai suscitar a *justificativa* presente no trecho. Acreditamos que esse encadeamento – entre os elementos que sustentam essa proposição e os elementos que representam a *justificativa* – seja uma importante pista para a investigação sobre os processos discursivos desse sujeito. Observamos que entre esses dois conteúdos semântico-discursivos, no curso da situação dialógica, surgem outros enunciados que atuam em direções semântico-discursivas diferentes, como em: “+ pensei em ter + era um/ a minha média mesmo era ter dois filhos que se fosse filho ou filha + seja bem-vindo do jeito que s/fosse + eu ia querer ser dois mesmo”. Esse enunciado muda a

direção do sentido em curso e conta com o reforço de enunciados da interlocutora dentro dessa nova direção de sentido:

JN mas é dois que cê tem não é (risos)?

AS é + dois filho não veio filha mas a:s filha/ as nora vão ser a filhas (risos)

JN as nora vão substituir isso?

Contudo, AS retoma a direção de sentido anterior complementando-a com a *justificativa* “porque + a gente nã:o ++ não ++ não nasce infeliz ++ eu sempre falei pra eles + infelicidade na vida da gente + nunca tem + a gente procura ela + por os me/ por os mérito da gente + se a gente quiser ser infeliz a gente mesmo é que quer ser”. Essa retomada demonstra a insistência por esse conteúdo semântico-discursivo. Não há a irrupção de pausa antes do elemento que marca o início da justificativa – a palavra *porque* –; contudo o sintagma que se segue a ela vem repleto de pausas, indiciando conflitos entre os elementos concorrentes nas cadeias parafrásticas:

“O processo descrito gera momentos de uma dinâmica especial na enunciação, e isto é mostrado, na fala, pela ocorrência de hesitações, falsos começos, enfim, as assim chamadas parapraxias, que, atuando sobre a sequência sintagmática, indiciam a força paradigmática”. (TFOUNI, 2005, p. 03).

Esses conflitos também mostram a importância desse enunciado no processo discursivo de AS. O mérito, a responsabilidade – inclusive, por sua própria felicidade – e a superação de dificuldades impostas pela vida são lugares recorrentes no discurso de AS. Observemos o próximo exemplo:

Exemplo (c) – página 130 do anexo.

JN não mas eu acho que pra todo mundo onde cê tá: a:/ o ideal é cê fazer o serviço bem feito né?

AS é

JN + de trabalho eu acho que é essencial

AS porque porque igual eu já te expliquei + com segundo ano do primário pra você poder/ pegar uma planta de construção + ontem mesmo Ju parece que é ironia do destino + eu fui + num aniversário + pode falar/ pode falar? ah: aqui pode falar senão se não puder cês cortam

JN pode

AS eu fui num aniversário + com/ da Janete + que eu fiz a melhor casa de Monte Carmelo talvez da região + eu recebi tanto elogio eu falei gente + cheguei em casa aqui falei gente + será que eu mereço essas coisa será/será que é bajulação + será que é enganação + da pessoa? + mas não é + eu fiz uma coisa + eu tive o: eu tive condição

Esse exemplo traz uma ocorrência muito singular de *justificativa*. Nesse momento do processo discursivo, o objeto em curso era o trabalho. O enunciado de JN “não mas eu acho que pra todo mundo onde cê tá: a:/ o ideal é cê fazer o serviço bem feito né?” suscita uma confirmação de AS e, pouco adiante, uma *justificativa*, em ausência de pausa: “porque porque igual eu já te expliquei + com segundo ano do primário pra você poder/ pegar uma planta de construção”. Porém, num movimento de mudança de orientação de sentido, a deriva não é controlada pelo sujeito e sua ação sobre o discurso torna disperso o discurso. Emerge, nesse momento de dispersão, o relato de um reconhecimento a AS em consequência de um trabalho que realizou com qualidade. Os elementos lingüísticos da *justificativa* indiciam que uma relação de sentidos entre ter pouca escolaridade e ser capaz de ler uma planta seria materializada. Como o trecho que segue à *justificativa* é um relato de reconhecimento profissional, cremos que a relação interrompida, na cadeia discursiva, indicaria elementos sufocados do discurso de superação por parte de AS:

“sempre sob as palavras, outras palavras são ditas: é a estrutura material da língua que permite que, na linearidade de uma cadeia, se faça escutar a polifonia não intencional de todo o discurso, através do qual a análise pode tentar recuperar os indícios da „pontuação do inconsciente””. (AUTHIER-REVUZ, 1990, p. 28).

Assim, acreditamos que os elementos sufocados no discurso de AS fazem emergir o seguinte sentido: apesar de pouca escolaridade, ele seria capaz de realizar seu trabalho com competência. Observemos mais exemplos de *justificativa* que irrompem no fio do discurso de AS de modo a sustentar sua posição de superação:

Exemplo (d) – página 131 do anexo.

AS hoje funciona muito mais fácil + hoje é fácil demais + porque hoje cê pega vamos dizer assim cê pega uma decoradora + um arquiteto + um engenheiro civil + então eles te dá + tudo no papel + pro cê entender mais fácil + apesar d/deu + da gente ter pouco estudo + porque a classe que trabalha em construção civil não é uma pessoa que estudou muito não

Nesse trecho, AS compara a dificuldade em construir em tempos passados e em tempos atuais. A primeira *justificativa* materializada nesse trecho: “+ porque hoje cê pega vamos dizer assim cê pega uma decoradora + um arquiteto + um engenheiro civil” surge em complemento e contenção – ilusória – dos sentidos da proposição de que “hoje funciona muito mais fácil”. A *conclusão* que segue a *justificativa*: “+ então eles te dá + tudo no papel + pro cê entender mais fácil” opera complementando e restringindo os sentidos expostos na *justificativa*. A segunda *justificativa* do trecho: “+ porque a classe que trabalha em construção civil não é uma pessoa que estudou muito não” surge em reparo ao fragmento: “+ apesar d/deu + da gente ter pouco estudo”. Como podemos observar, nesse enunciado ocorre uma mudança de orientação de sentidos. Os elementos materializados indiciam que o sujeito comentaria algo a seu respeito – “apesar d/deu” –, mas uma turbulência (marcada por vários episódios hesitativos) dirige o (seu) discurso para uma generalização (eu/a gente): “da gente ter pouco estudo”. Identificamos, nesse trecho, outra ocorrência de recusa do sujeito a se mostrar, no discurso, como *pouco estudado*.

Diferente da relação exposta na descrição dos exemplos de *justificativa* e *conclusão* do sujeito parkinsoniano, não observamos, nos exemplos do sujeito controle, a polarização discursiva saúde/doença. Esse fato seria de se esperar, na medida em que o sujeito controle não tem diagnóstico de enfermidade. Porém, a questão da escolaridade é um *lôcus* discursivo recorrente em seu discurso. O sujeito AS sabe que a coleta de sua amostra de fala deve-se à realização de estudos futuros sobre a comparação entre a fala dita “patológica” e a fala tida como “normal” ou “saudável”. É provável que no imaginário de AS o que se espera de uma pessoa sem enfermidades é que apresente uma “boa” amostra de fala. JN representava,

naquele contexto, uma pessoa de formação socialmente mais prestigiada, a formação acadêmica, pois, além de ser fonoaudióloga, JN cursava o mestrado:

Interpretações acerca das relações sociais entre os profissionais de Saúde estão centradas nas diversas valorizações sociais que parecem normalizadas nas diversas profissões e também, ao longo de sua formação. Perpetuam-se idéias de diferenças sociais entre os(as) futuros(as) profissionais, instituindo-se distanciamentos, preconceitos, territórios hierarquizados e fragmentados das práticas assistenciais.(OJEDA, 2004, p. 20)

Assim, apesar do discurso de superação sustentado no fato de ter conseguido exercer sua profissão de Mestre de Obras com competência (apesar de sua falta de estudos), resta a força do discurso que impõe o prestígio social e a hierarquização do saber acadêmico sobre outros saberes. Talvez, em virtude dessa hierarquização, detecta-se, no discurso de AS, dificuldade em se posicionar como “analfabeto”, gerando essa contradição em seu discurso: a vaidade de ser competente em sua área, apesar de ter pouco estudo, contra a frustração, justamente, de ter tido pouco estudo.

O próximo exemplo de *justificativa* opera, dentre outros fatos, no sentido de sustentar a posição hierárquica entre seu saber e o saber de sua interlocutora:

Exemplo (e) – página 131 do anexo.

AS cê acaba aprendendo alguma coisa porque eu/eu procuro tirar apor/ a::aproveito das coisas + é igual por exemplo + eu tô conversando com você eu sei que eu tô conversando com uma pessoa + estudada intelectual + **então eu tenho que aproveitar esse momento pra mim aprender alguma coisa**

Nesse trecho, a *justificativa*: “porque eu/eu procuro tirar apor/ a::aproveito das coisas” emerge em reparação à proposição de que, convivendo com pessoas com grau mais elevado de educação formal, seria possível aprender com elas. Observemos que essa *justificativa* ocorre em ausência de pausa, indiciando escolhas não muito conflituosas nas cadeias parafrásticas, talvez em razão da existência de pré-construídos nessas cadeias: “aproveite as

chances”, “veja o lado bom”, “seu destino é você quem faz”. A *conclusão* emerge em fechamento ao enunciado em que AS explicita seu imaginário a respeito dos “saberes” de sua interlocutora JN. As palavras utilizadas para descrevê-la são: “uma pessoa + estudada intelectual”. A pausa que antecede a conclusão: “+ então eu tenho que aproveitar esse momento pra mim aprender alguma coisa” atribui separação/destaque aos elementos que constroem o sentido de *conclusão* a seu discurso, conferindo-lhe a ilusão de coesão e polimento. Observemos alguns trechos retirados da transcrição de AS que ilustram sua relação com o saber socialmente mais prestigiado do *outro*:

“graças a Deus as pessoas que tem estudo + me ajudou”

“eu tive foi condição/ então cê cê convive graças a Deus a gente convida com gente a gente convive + com gente que: + tem um: bom grau de estudo gente formada”

“é igual por exemplo + eu tô conversando com você eu sei que eu tô conversando com uma pessoa + estudada intelectual + então eu tenho que aproveitar esse momento pra mim aprender alguma coisa”

“não vou dizer eu sou um leigo + que: já se/ já trabalhei demais com engenheiro então cê já pode até + cê já sabe até o que: é certo e que é errado”

“sem contar quando ocê encontra uns profissional bom que te explica eu tive uma chance na vida + de ter uns + uns co/ u::ns ++ engenheiro + pra explicar + de uma carismática”

Observemos outro exemplo de funcionamento de *justificativa* e *conclusão* no discurso de AS:

Exemplo (f) – página 136 do anexo.

AS gosta de estudar + e: eu acho bom o G. é um menino que não + todos são bom + mas ele destaca porque ele quer fazer uma coisa mais fácil ele não quer errar + é igual eu falo ô E. + se você sofre cê vai trabalhar pros outros sofre ocê tem: cê tendo assim um: + cê sendo uma pessoa mais qualificada + ocê: + cê tem o direito de reivindicar as coisas + é igual JN + JN + JN + cê vai me um: uma aula aí por quanto? + eu não vou te pagar tanto não e:u eu tenho que saber o quanto que cê quer pra você fazer um trabalho pra mim de escola e essa coiserada né + então igual eu fiz com o G. né o: povo chega aqui e quer + traduzir um texto p/ em: inglês de português pra inglês de inglês pra português tudo ele faz + **então ele chega ele põe um preço dele** + é igual você no seu estudo também

O objeto discursivo em curso nesse trecho são os filhos de AS. Um deles fez graduação e outro optou por não fazer graduação. Em seu imaginário, o filho que fez graduação (G) se destaca: “porque ele quer fazer uma coisa mais fácil ele não quer errar”. Essa é justamente a *justificativa* para a parte anterior de seu enunciado – que emergiu em ausência de pausa. Essa justificativa integra a mesma rede de enunciados como os citados acima: “aproveite as oportunidades”, “seu destino é você quem faz”. Essa ideologia deixa marcas ao longo de todo o processo discursivo de AS. A preferência pela escolha do filho em fazer graduação é explicitada em seu discurso, assim como sua valorização do saber acadêmico emerge a todo o momento em seu discurso. A *conclusão*, em presença de pausa, remete a um elemento-chave de sua argumentação: “+ então ele chega ele põe um preço”. Esse comentário tem sentido no interior de regimes de verdade (FOUCAULT, 2001) que atribuem melhores rendimentos financeiros a profissionais graduados. Nos dias atuais, esses regimes de verdade estão perdendo força, pois muitas graduações já não dão retornos significativamente contrastantes em relação a profissões calcadas em conhecimentos técnicos. Porém, a tradição do discurso muitas vezes atribui mais força às escolhas de caminhos profissionais do que a análise atual sobre as relações profissão/rendimento.

Nesta sessão (4.2) de nosso trabalho, descrevemos e levantamos hipóteses explicativas sobre a relação entre presença/ausência de pausas, os funcionamentos semântico-discursivos *justificativa* e *conclusão* e suas relações com os processos discursivos dos sujeitos. Argumentamos no sentido de demonstrar como *justificativas* e *conclusões* operam na tarefa de tecer a materialidade do discurso e como os processos discursivos demandam ou não a irrupção de pausas quando emergem, na cadeia discursiva, esses funcionamentos. Observamos, nos discursos dos sujeitos de nossa pesquisa, processos de construção da materialidade discursiva no qual emergiram largamente – dentre outros – os funcionamentos *justificativa* e *conclusão* na tarefa de negociar “(...) com as forças centrífugas, de

desagregação da heterogeneidade constitutiva” (AUTHIER-REVUZ, 1990, p. 33), o que alimenta, em suas produções discursivas, a ilusão de coesão, coerência e fechamento.

Relações sócio-históricas constitutivas de seus discursos – como as relações de poder concernentes ao discurso da saúde, ou as relações de prestígio social concernentes ao discurso do saber acadêmico – mostraram-se fortemente na base da materialidade discursiva desses sujeitos, provocando a emergência de *justificativas* e de *conclusões*, bem como a irrupção ou não de pausas relacionadas a esses funcionamentos. Nossa análise sugere que as pausas irrompem em lugares bem marcados no fio do discurso, de modo a escancarar a heterogeneidade que os processos lingüístico-discursivos tentam esconder:

As formas marcadas de heterogeneidade mostrada representam uma negociação com as forças centrífugas, de desagregação da heterogeneidade constitutiva: elas constroem no desconhecimento desta, uma representação da enunciação, que, por ser ilusória, é uma proteção necessária para que um discurso possa ser mantido. (AUTHIER-REVUZ, 1990, p. 33)

Assim, ao analisarmos e descrevermos a relação entre os funcionamentos semântico-discursivos *justificativas* e *conclusões* e os funcionamentos discursivos dos sujeitos de nossa pesquisa, esperamos ter respondido à segunda questão de nossos objetivos: em que medida, nos discursos dos dois sujeitos, os momentos de *justificativas* e de *conclusões* se explicam por fatos recuperáveis em seus processos discursivos.

No próximo capítulo de nossa dissertação – de maneira a respondermos à terceira questão de nossos objetivos, a lembrar: em que medida a irrupção de pausas nos enunciados dos dois sujeitos sofreria a influência de seus funcionamentos discursivos –, descreveremos e analisaremos o efeito numérico que as tomadas de posições discursivas dos sujeitos geraram – sob nosso ponto de vista – sobre a irrupção de pausas nos discursos analisados de suas sessões de conversação:

4.3 Pausas e funcionamento discursivo dos sujeitos

Relembremos os dados numéricos de irrupções de pausas – relacionadas aos funcionamentos semântico-discursivos *justificativas* e *conclusões* – encontradas nos discursos dos sujeitos de nossa pesquisa:

Sujeito parkinsoniano NL

Total de justificativas = 42	Total de conclusões= 23
Justificativas em presença de pausa=17 (40,5%)	Conclusões em presença de pausa=13 (56,5%)
Justificativas em ausência de pausa= 25 (59,5%)	Conclusões em ausência de pausa= 10 (43,5%)

Sujeito controle AS

Total de justificativas = 37	Total de conclusões= 14
Justificativas em presença de pausa= 26 (70,3%)	Conclusões em presença de pausa= 10 (71,4%)
Justificativas em ausência de pausa= 11 (29,7%)	Conclusões em ausência de pausa= 4 (28,6%)

Tabela 4: Relação entre justificativas e conclusões em presença ou não de pausas - sujeito parkinsoniano e em seu sujeito controle.

Como já expomos na sessão 4.1 de nossa dissertação, os números demonstram que, diante dos funcionamentos semântico-discursivos *justificativa* e *conclusões*, as pausas foram muito mais freqüentes nos dados do sujeito sem lesão neurológica. Observamos que esses resultados são inesperados na medida em que grande parte da literatura biomédica, que aborda algum aspecto de Linguagem na doença de Parkinson, cita o elevado número de pausas na fala dos parkinsonianos. A partir dessa informação, poderíamos esperar que o maior número de irrupções de pausas relacionadas com *justificativas* e *conclusões* seria observado no corpus discursivo do sujeito com doença de Parkinson. No entanto, no caso dos sujeitos estudados nesse trabalho e no espaço específico onde foram estudadas essas pausas (diante de *justificativas* e *conclusões*), ocorreu justamente o contrário. Dessa forma, nos perguntamos: que fatos discursivos teriam ocasionado a diferença numérica de irrupções de pausas – relacionadas aos funcionamentos semântico-discursivos *justificativas* e *conclusões* – encontradas nos discursos do sujeito com doença de Parkinson e do sujeito sem lesão neurológica? Encontramos explicação para esta diferença numa segunda etapa de análise

sobre os processos discursivos dos sujeitos de nossa pesquisa. Observamos que os discursos emergidos nas sessões de conversação de nossos sujeitos imporia a eles certas posições a serem ocupadas dentro dos discursos. Esse fenômeno teria agido nos funcionamentos discursivos dos sujeitos de modo a influenciar a ocorrência de *justificativas* e *conclusões* – e o número de pausas relacionadas a elas – em seus enunciados. Assim, nas próximas sessões de nosso trabalho, descreveremos esse fenômeno e contabilizaremos as ocorrências de *justificativas* e *conclusões* que a ele se relacionam, de modo a responder em que medida a irrupção de pausas nos enunciados dos dois sujeitos sofreria a influência de seus funcionamentos discursivos. Começaremos nossa arguição pelos dados encontrados no discurso do sujeito sem lesão neurológica:

4.3.1 Posições discursivas do sujeito com doença de Parkinson

Como pudemos observar em nossa sessão *4.2.1 Exposição e análise dos exemplos do sujeito parkinsoniano*, dentre muitas formações discursivas latentes nas cadeias parafrásticas, em nossa análise sobre o material do sujeito com doença de Parkinson, dois discursos se mostraram mais destacados: o discurso saúde/doença – no qual esse sujeito se coloca (ou é colocado) na posição de doente – e o discurso de profissional competente, um Mestre de obras – no qual o sujeito representa a posição de quem elucida seu interlocutor sobre um conteúdo específico sobre o qual tem conhecimento, a posição de instrutor. Esse efeito de alternância de posições discursivas ocorre em função da força dos discursos que atravessam os sujeitos determinando, sistematicamente, regras restrições e lugares a serem ocupados dentro de cada formação discursiva:

A forma mais superficial e mais visível destes sistemas de restrição é constituída por aquilo que se pode agrupar sob o nome de ritual; o ritual define a qualificação

que devem possuir os indivíduos que falam (e que, no jogo do diálogo, na interrogação, na recitação, devem ocupar determinada posição e formular determinado tipo de enunciados); define os gestos, os comportamentos, as circunstâncias e todo o conjunto de sinais que devem acompanhar o discurso; o ritual fixa, por fim, a eficácia, suposta ou imposta, das palavras, o seu efeito sobre aqueles a quem elas se dirigem, os limites do seu valor constrangedor. Os discursos religiosos, jurídicos, terapêuticos, e em parte também os políticos, não são dissociáveis desse exercício de um ritual que determina para os sujeitos falantes, ao mesmo tempo, propriedades singulares e papéis convenientes. (FOULCAULT, 1971, p.10,)

Considerando a concepção teórica de Foucault (1971), a posição a ser ocupada pelo sujeito dentro das formações discursivas seria definida pela própria formação discursiva. Essas formações discursivas imporiam “rituais” com conjuntos de enunciados, gestos e comportamentos a serem realizados pelos indivíduos. Por outro lado, esse mesmo conjunto de regras, gestos e enunciados seriam responsáveis por marcar os lugares dos sujeitos dentro dos discursos. Dessa maneira, a posição discursiva teria íntima relação com a materialidade lingüística, podendo influenciar os funcionamentos semântico-discursivos que forjam os discursos, e, também, a irrupção das pausas que com esses funcionamentos semântico-discursivos se relacionam.

Desse modo – destacadas as formações discursivas predominantes e descritos os funcionamentos discursivos que, em nossa hipótese teórica, poderiam influenciar na irrupção das *justificativas* e *conclusões* encontradas na materialidade discursiva do sujeito com doença de Parkinson – verificaremos em que medida as pausas encontradas nos momentos de *justificativas* e *conclusões* irromperam em função das posições discursivas ocupadas nos discursos desse sujeito. Exporemos, na próxima sessão de nossa dissertação, cada uma das ocorrências de *justificativas* e *conclusões* identificadas no material gravado e transcrito da sua sessão de conversação. Agruparemos essas ocorrências em função de suas relações com: (a) o posicionamento discursivo de doente; (b) o posicionamento discursivo de instrutor; e (c) de outros posicionamentos discursivos não predominantes no material do sujeito parkinsoniano. Quantificaremos essas ocorrências e destacaremos se ocorrem em presença ou ausência de

pausa. Começaremos pela apresentação das *justificativas* e *conclusões* relacionadas à posição discursiva de doente:

4.3.2 Posição discursiva de doente

Abaixo, seguem relacionados recortes da transcrição da sessão de conversação do sujeito com doença de Parkinson nos quais constam todas as ocorrências de *justificativas* e *conclusões* que relacionamos à posição discursiva de doente. Ao final dessa exposição, apresentaremos um quadro contabilizando o total desses funcionamentos semântico-discursivos e quantos deles ocorreram em presença ou ausência de pausa. As ocorrências de *justificativa* seguem sublinhadas, as ocorrências de *conclusões* seguem em negrito e as pausas são representadas pelo sinal “+”:

Recorte 1 – página 112 do anexo.

J.N. hum::: que doce foi esse?
 N.L. uai mas é claro que doce de leite
 J.N. hum + do jeito que é bom doce de leite hein
 N.L. uhum + cê gosta?
 J.N. eu gosto
 N.L. + eu ado:ro também + mas eu não posso comer né?
 J.N. + por que?
 N.L. por causa da gastrite
 J.N. parece que o senhor deu uma emagrecida né?
 N.L. + tô magro?
 J.N. o senhor emagreceu um pouquinho não emagreceu não?
 N.L. ah eu tô comendo menos né
 J.N. + por que?
 N.L. a M.A. zanga comigo pra mim comer mais mas eu tô comendo menos
 J.N. por que [que] o senhor ta comendo menos?
 N.L. é pra evitar muito né () (problema) () dor assim no estômago

Recorte 2 – página 113 do anexo.

J.N. e como é que tá indo na fisioterapia?
 N.L. vim de lá agora
 N.L./J.N. ((silêncio inter-turno))

J.N. tá fazendo direitinho?

N.L. ah: faz m:ais ou menos (como se diz) devagar demais né

J.N. por que devagar?

N.L. ah porque começa:: né + até que tira a pressão tira + batimento cardíaco + começa depois pára mais pra fazer de novo né então + o máximo o máximo vinte e cinco minuto + porque a aula/ a aula é quarenta e cinco né ++ vai começa::r + dez d/ dez minuto depois então é vinte e cinco minuto + duas vezes por semana

Recorte 3 – página 113 do anexo.

J.N. e as caminhada o senhor não tá fazendo?

N.L. ((clique línguo-alveolar))

J.N. por que?

N.L. comecei fazer esses tempo atrás depois parei de novo

J.N. ai ih:: mas o senhor/ + toda vez eu ouço essa mesma história

N.L. teve um dia/ n:ão sabe o que + não (mas) sabe o q/ + o que aconteceu + (e::u a: e Ma:: fo/fo::i) nós tinha caminhado dois dia + (ch/ f/) segunda e terça parece + aí no outro dia eu fui + andei um pedacinho e parece que travou + aí depois desse dia eu não andei mais

Recorte 4 – página 114 do anexo.

N.L. ++ porque lá em casa cê sabe como é que é né pra descer é uma beleza pra subir daí a v/ volta minha filha

N.L./J.N. ((silêncio inter-turno))

J.N. fala pra M.A. te buscar de carro cê desce e ela te busca de carro

N.L. porque: + porque d/ pa/+ p/ra andar de a pé + descendo é um beleza e/eu ando quase normal

Recorte 5 – página 114 do anexo.

N.L. é + um dia eu falei pra M.A. um dia eu vou (querer) andar de a pé e ela vai atrás de mim de carro né + eu cansei eu entro no carro

J.N. nã:o o senhor vai até: a pista que é reta de ca:rrro

N.L. e out/ + e outra coisa + eu tenho] que fazer isso viu ++ eu tenho que dar um jeito de an/ de andar mais de sair mais de ca:sa (estalo línguo-alveolar) + todo mundo me cobra né + f/k/ + a M.A. v:ive me cobrando tem que sair mais de ca:sa +

Recorte 6 – página 114 do anexo.

N.L. mas não tem jeito né + igual eu venho aqui às vezes eu venho bem logo que eu entro aqui dentro já ++

J.N. já trança a perna

N.L. por que será? + cabeça né?

J.N. e se + eu não sei explicar pro senhor mas existe mesmo esse relato que/ por exemplo + que a hora que vai passar na por:ta tem dificulda:de que a hora que tem muita gente que fica mais/ + nervoso assim porque né

N.L. às vezes eu vou andar dou três quatro passos + eh:: normal depois eu já + descontrolo + o passo vai ficando miúdo meu corpo já + ((durante a pausa passa a língua entre os lábios)) cai pra/ + ((durante a pausa realiza movimento com os articuladores como se iniciasse a produção do segmento /f/)) frente né ((enquanto fala realiza gestos demonstrativos)) ++ **então pra mim isso é difícil**

Recorte 7 – página 115 do anexo.

J.N. senhor tá cuidando das plantinha direitinho lá?

N.L. tô mais ou menos

J.N. + ei mas tá tudo mais ou menos

N.L. ta/ ta/ + e::u num sei não antes eu () sou desanimado demais + eu não era assim não sabe mas agora +

Recorte 8 – página 116 do anexo.

N.L. não o prolopa e:: o acneton eu tomo de manhã né + e o:: amitriptilina eu tomo +

J.N. à noite?

N.L. à noite

N.L./J.N. ((silêncio inter-turno))

J.N. é ou às vezes tá de aumentar a do::se ++ né?

N.L. aumentar? ++ não gosto de remédio que me dá dor no estômago + tomar mais?

Recorte 9 – página 116 do anexo.

J.N. mas o senhor já tinha dor estômago já né?

N.L. já::

J.N. há muito tempo então às vezes

N.L. antes d/eu co/ d/eu s: deu come/s/s:/ que eu/ apareceu esse problema em mim eu/ tinha ++ porque eu tive úlcera no estômago né

Recorte 10 – página 116 do anexo.

N.L. entendi eu vou falar hum:: f/fica difícil viu + cê não tem vontade de fazer nada

J.N. + porque dói demais né?

N.L. dá ruindade (né um:) moleza no corpo + o dia que eu levanto de manhã s:/ igual a hoje + cinco e meia + ((durante a pausa passa a língua entre os lábios)) mas me dá um sono que eu vou te falar + tem hora que eu falo não vou mexer com nada vou ficar quieto em casa

J.N. ((risos))

N.L. vai leva ferrão né ((enquanto fala aponta na direção de M.A.))

J.N. + ainda bem que tem alguém pra te animar ué

N.L. rapaz olha tem que tem que ter mesmo porque se não tiver né vai indo pára né

Recorte 11 – página 116 do anexo.

J.N.((tosse)) + ah o senhor não terminou de me contar do Natal

N.L. uhum

J.N. só me contou o que teve de comi:da

N.L. ++ Natal só passamos em casa J.N.

N.L./J.N. ((silêncio inter-turno))

J.N. quem que tava lá?

N.L. a M:/ M.A. foi na casa da mãe dela e eu fiquei em quieto

J.N. o senhor não quis ir?

N.L. + ((durante a pausa realiza movimento de cabeça em sinal negativo)) é o problema que eu tô te falando né dif/ a gente acha difícil ficar no meio do povo

J.N./N.L. ((silêncio inter-turno))

J.N. mas mesmo se for família?

N.L. + mesmo se for família ++ ((durante a pausa se ajeita na cadeira e mantém olhar na direção de J.N.)) é uma coisa (d)in::teressante né: () porque eu não sei o quê que tá acontecendo comigo () + mas eu já vi muitas pessoa falar que esse probl/ que esse incômodo dá esse problema mesmo né

Recorte 12 – página 117 do anexo.

J.N. pois é mas a gente luta contra + a Adriana por exemplo (num/)

N.L. tem/ + tem pessoa que não divulga isso pra ninguém que tem (problema)

J.N. não a Adriana por exemplo ela/ + se mete no meio do povo

J.N./N.L. ((silêncio inter-turno))

N.L. é acostumou né?

J.N. + então mas é por que ela luta contra né?

N.L. p/ q/ ((incoordenação durante os segmentos interrompidos – articulação sem saída de som)) ± porque ela (é:la viv/) ela vive mais é sozinha (né)

Recorte 13 – página 120 do anexo.

J.N. + aí o senhor tem que aproveitar pra rodar e visitar o povo

N.L. mas n/ e:u do modo do outro eu não to/ indo na casa de ninguém não nem na casa da minha sogra eu num tô indo que é perto + a M.A. sai e fala assim vamos embora vamos na casa da mãe? eu falo não hoje não + depois outro dia eu vou + e vai indo

J.N. não vai dia nenhum

N.L. parece que eu fiquei um ano sem ir lá né? ((enquanto fala olha na direção de M.A.))

M. + acho que sim ((pigarreou))

N.L./J.N. ((silêncio interturno))

J.N. só fica enganando né?

N.L. na casa da minha família também eu passo ano sem ir lá + tem um irmão que tem aqui eu passo/ passei ano sem ir lá

Recorte 14 – página 120 do anexo.

J.N. e eles vem visitar o senhor ou não?

N.L. muito pouco

N.L./J.N. silêncio inter-turno

J.N. cê não vai eles não vem e fica por isso mesmo

N.L. parece que/ parece mais é que é porque eles não vêm me ver eu não vou também né? + ((risos))

J.N. desculpa hein?

N.L. ((enquanto suspira sorri e olha para baixo)) a::i [a::i]

J.N. tá certo a gente também tem que ir quando a gente tá com vontade né?

N.L. é: mas às vezes é uma hora que cê não tá com vontade cê sair cê:: f/ p/ é outra pessoa né? + se controla ma:is conversa (as vezes) mais um pouco né? + **então eh: eu sei que + difícil é cê começar +** é igual eu sempre v/v/v/ eu venho aqui f/f/fazer entrevista com você + no momento que nós começamos eu acho muito difícil + depois vou/ + vai soltando devagar né?

Observemos, agora, os números relativos à quantidade de *justificativas* – encontradas no discurso do sujeito parkinsoniano e expostas acima – relacionadas à posição discursiva de doente e, também, o número dessas ocorrências em presença ou ausência de pausas:

Total de <i>justificativas</i> relacionadas à posição discursiva de doente	19
Ocorrências em presença de pausa	4 (21%)
Ocorrências em ausência de pausa	15 (79%)

Tabela 5: justificativas relacionadas à posição discursiva de doente.

Os números no quadro acima – 4 (21%) ocorrências de *justificativas* em presença de pausa e 15 (79%) ocorrências de justificativas em ausência de pausa – indiciam uma tendência do funcionamento discursivo do sujeito com doença de Parkinson, em sua posição discursiva de doente, para a não utilização de pausas diante do funcionamento semântico-discursivo *justificativas*.

Observemos agora os números relativos ao funcionamento semântico-discursivo *conclusão* e suas ocorrências em presença ou ausência de pausa relacionados à posição discursiva de doente.

Total de <i>conclusões</i> relacionadas à posição discursiva de doente	4
Ocorrências em presença de pausa	3 (75%)
Ocorrências em ausência de pausa	1 (25%)

Tabela 6: *conclusões* relacionadas à posição discursiva de doente.

Como podemos observar, os números expostos no quadro acima – 3 (75%) ocorrências de *conclusões* em presença de pausa e 1 (25%) ocorrência de *conclusões* em ausência de pausa – indiciam uma tendência para a utilização das *conclusões* em presença de pausa no funcionamento discursivo que sustenta a posição discursiva de doente.

Observemos agora os recortes da transcrição da sessão de conversação do sujeito com doença de Parkinson em que ocorrem as *justificativas* e *conclusões* que relacionamos à posição discursiva de instrutor:

4.3.3 Posição discursiva de instrutor

Abaixo, seguem relacionados recortes da transcrição da sessão de conversação do sujeito com doença de Parkinson nos quais constam todas as ocorrências de *justificativas* e *conclusões* que relacionamos à posição discursiva de Instrutor. Ao final dessa exposição, apresentaremos um quadro contabilizando o total desses funcionamentos semântico-discursivos e quantos deles ocorreram em presença ou ausência de pausa. As ocorrências de *justificativa* seguem sublinhadas, as ocorrências de *conclusões* seguem em negrito e as pausas são representadas pelo sinal “+”:

Recorte 15 – página 124 do anexo.

N.L. eu já fiz foi oitava + fiz primeiro colegial + parei ++ tá bom
 J.N. quase que o senhor acaba
 N.L./J.N. ((silêncio inter-turno))
 N.L. pra quem quis/ queria ser engenheiro né
 J.N. o senhor queria ser engenheiro?
 N.L. + meu sonho era ser engenheiro
 J.N. engenheiro de quê?
 N.L. por tanto que e:u ((incoordenação)) minha profissão t/ foi em construção né
 J.N. ah cê queria ser engenheiro civil
 N.L. comecei trabalhar de servente depois fui pra pedreiro depois passei: mestre de obra + **aí eu só tinha o engenheiro/ m:ais do que eu né** ++ eu já fiz foi muita casa e: pré:dio aqui em Uberlândia + administração (minha entendeu?)

Recorte 16 – página 124 do anexo.

J.N. e como é que era a relação do senhor com: + o engenheiro + que que ele/ + que/
 N.L. olha ele/
 J.N. qual que é o papel dele?
 N.L. o papel dele é fazer a planta né +
 J.N. [[[tosse]]]
 N.L. e eu + admistrava a obra administrar a obra + colocar o que tá dentro do: + papel + que ele fez

N.L./J.N. ((silêncio inter-turno))

J.N. ah: tá

N.L. talvez diz que tinha engenheiro que eu ainda entendia mais do que ele né

J.N. + ah é?

N.L. é uai + tem muitos uai + isso aí porque a gente tá dentro né e: + e ele tá: só faz o desenho + então às vezes tem coisa que cê cê vai fazer ele quer que cê faz mas não sabe como é que faz né + então você vai ter que explicar pra ele como é que tem que fazer e fazer

Recorte 17 – página 124 do anexo.

J.N. + mas ele fica lá pra/ + vistoriar a obra ou não?

N.L. não não ele vai assim uma vez por semana: na uma vez por + por dia né + tem uns que vai todo dia e tem uns que vai uma vez por semana

N.L./J.N. ((silêncio inter-turno))

J.N. mas aí ele fica dando palpite ou não?

N.L. + não ele dá palpite porque: a ordem vem/ parte dele né mas é que ele não sabe fazer + então muitas coisa que às vezes que cê tem/ tinha que discutir pra cê + pra ele entender o que que tinha que fazer né?

Recorte 18 – página 125 do anexo.

N.L. eu acho que a pessoa vai estudar pra ser engenheiro que estudar e:: + ver fazer né

J.N. + é tem que fazer parte ver fazer né

N.L. é

N.L./J.N. ((silêncio inter-turno))

N.L. então meu problema foi esse eu a única coisa que eu aprendi fazer foi + foi obra

Recorte 19 – página 125 do anexo.

J.N. o senhor sabe fazer tudo esses cálculos?

N.L. tudo (a/ q/ m/na/) (alguma coisa) eu não sei f: já tá guardado na cabeça né

J.N. ((risos))

N.L. que (a obra) mais difícil:/c:/cil na obra + é a estrutura da: da: é a fundação entendeu? + é lá dentro do chão + porque não adianta cê fazer pra cima bonito e: dentro do chão tiver mal feito + que vai acontecer? + as paredes vai trincar + talvez vai cair + dá defeito + então o principal é na saída da/da/da construção depois + cê sai pra cima aí cê mais ou menos já f/

J.N. ((tosse)) aí é mais fácil

N.L. mais tranquilo mesmo + agora vem a laje j/já é outra coisa mais + cê tem que f/ administrar ela bem fazer bem feito né + porque ela pode cair pode trincar

Recorte 20 – página 126 do anexo.

N.L. isso é o reboque né + cê eh:: n/ pra colocar ali cê tem que colocar as tábuas que é o madeiramento + aí depois cê reboca + passa massa + maceia as paredes pra/ ficar lisinho + depois vem a pintura

N.L./J.N. ((silêncio inter-turno))

J.N. ((tosse)) + mas é com madeira?

N.L. não pra fazer a fôrma né

J.N. + ah:

N.L. a forma pro cê c/olocar o concreto em ci/ dentro

J.N. ah

N.L. porque o concreto cê coloca molinho + cê entendeu?

Recorte 21 – página 126 do anexo.

N.L. dá trabalho viu + só que tem que fica/ depois de acabadinho fica bom né + casinha limpinha arrumadinha cheirosa né

J.N. é:

N.L. todo mundo quer né?

J.N. com certeza

N.L. mas quando tá fazendo não passa nem perto

N.L./J.N. ((silêncio inter-turno))

J.N. uai mas a gente não entende também só vê aquela confusão

N.L. cê vê o povo sujo de terra ali não num vou nem passar perto desse obra + portanto que às vezes a gente faz uma obra + depois cê vai entrar dentro dela cê tem que tirar o sapato né senão cê vai ficar de fora

Recorte 22 – página 126 do anexo.

J.N. acontece muito + de dar problema assim nas obras?

N.L. + o/ é: justamente é q/ quando a pessoa faz a fundação mal feita né + dá muito problema + dá problema no madeiramento dá nas parede né + no piso mesmo

N.L./J.N. ((silêncio inter-turno))

N.L. que tem às vezes tem tem tem

J.N. eu acho pior quando trinca né

N.L. pois é a vezes cê vê tem pi/ tem piso que trinca assim todinho

N.L./J.N. ((silêncio inter-turno))

J.N. parede trincada

N.L. tudo é:: + estrutura + que manda é a dentro do chão + não adianta cê fazer bonito pra cima e dentro do chão fica mal feito + que às vezes o piso vai + acumulando né ele vai subindo e vai acumulando

Recorte 23 – página 126 do anexo.

N.L. cê fura uma valeta né + que é uma valeta quer dizer um buraco + quadradinho assim + fundo + mais ou menos isso aqui + e ali você coloca uma viga armada + de ferro + só uma + tem: quatro ferro de comprido e m::ilhares de + igual a ao redor da/ da/ da/ assim amarrando + e depois cê + primeiro cê vai fazer as broca que a broca é um: cê faz um: buraco fundo + porque a tendência é aqui ó é igual cê fazer assim ó + cê faz um buraco + cê enche de concreto + aí vai prender esse aí não desce cê pode fazer assim que cê não dá conta ó + ou senão aqui ó + puxa cê prende o dedo puxa pra cê ver + então cê fura um buraco fundo de uns três quatro metro pra baixo ++ mais ou menos assim ó + e aquilo você enche de concreto

J.N. + ah tá

N.L. depois cê vem os ferro por cima ((enquanto fala realiza gestos demonstrativos))

N.L./J.N. ((silêncio inter-turno))

N.L. **então tem pessoa que não faz nada só fura um buraquinho lá peque/ f/f/ razinho né + põe um ferrinho fininho + aí a construção vai dar trincamento**

N.L./J.N. ((silêncio inter-turno))

J.N. e aqueles prédio que cai né

N.L. pois é

J.N. Deus me livre

N.L./J.N. ((silêncio inter-turno))

N.L. pois é:/ ca/ a maior parte que cai é por causa disso problema + é porque a + a:: + a construção u:: o cimento é a base (a/a/b/) a base é d/ (u/) três lata de areia + u/ d/ duas lata de/de meia de areia e

u:/uma lata de cimento + são dois e meio por um que se fala + entendeu? + agora tem pessoa que põe quatro + o que acontece d/ co/co/ põe quatro da:: e:sfarinha né aí ele:

J.N. não firma?

N.L. não end/ não endurece + que acontece que os prédio cai né + cê vê que eles cai as vezes sai até poeria + eles vão esfarinhando né

N.L./J.N. ((silêncio inter-turno))

J.N. dá um medo né? pro cê ver o tanto que é sério

N.L. mas aquilo é: + aquilo já a pessoa que faz que faz pra vender quer fazer:: + pra dar mais lucro então põe menos de: cimento + põe menos ferro + f/ é a mão de obra ruim também entendeu + tu/tudo tudo é:: +

Recorte 24 – página 127 do anexo.

N.L. é + é: o prédio justamen/ igual eu tô te falan/ tava te explicando o vigamento n/na laje né + fundação + fazendo bem feito não tem problema não

N.L./J.N. ((silêncio inter-turno))

J.N. porque é s:/ é sério cê ter sua casa + abaixo]

N.L. porque é por exemplo é uma viga assim igual essa

N.L. aí ó + cê tá vendo ela ela pega dali + lá ó + mas ela deve tem uns/ um pilar no meio ou dois ainda

J.N. ((tosse))

N.L./J.N. ((silêncio inter-turno))

N.L. porque a a:/ uma viga desse tamanho assim dessa comprimento sem pilar não p/ não tem condições de colocar não pode + no máximo sete cimento de quarenta sete e meio sabe + eu já coloquei sete e quarenta + sem nada no meio + mas só que tem que a viga fica/ + cinquenta centímetro + e ela cheia ficou sessenta ++ e não pode ser larga também não tem que ser mais estreita + que quanto mais larga ela seja mais pesada ela fica

Recorte 25 – página 128 do anexo.

J.N. a gente não entende nada dessas coisas né eu acho que quando a gente + ir comprar casa essas coisa a gente tinha que saber né

N.L. justamente + é

N.L./J.N. ((silêncio inter-turno))

N.L. não mas a casa/ + a casa quando ela é nova é difícil de cê achar um defeito né + é com o espaço do tempo que ela vai dar problema + o que acontece é que ela tá ela estando arrumadinha novinha + né + aí acontece v/ vai começar a chover: + começar a molhar: + encharca um bocadinho ali um bocadinho aqui ela vai pesan:do entendeu? + **então vai os problemas vai aparecendo + então a casa pro cê comprar né se ocê pudesse + olhar o fu/fu/ o fundagem dela é que era bom + aí cê via ela subir se dizer essa casa tá bem feitinha bem arrumadinha**

O quadro a seguir mostra os números relativos às *justificativas* – e suas ocorrências em presença e ausência de pausa – que relacionamos à posição discursiva de instrutor:

Total de <i>justificativas</i> relacionadas à posição Mestre de Obras	16
Ocorrências em presença de pausa	10 (62,5%)
Ocorrências em ausência de pausa	6 (37,5%)

Tabela 7: *justificativas* relacionadas à posição Mestre de Obras.

Os números expostos no quadro acima – 10 (62,5%) ocorrências de *justificativas* em presença de pausa e 6 (37,5%) ocorrências de *justificativas* em ausência de pausa – indiciam uma tendência – no que se refere à posição discursiva de instrutor – à utilização das *justificativas* em presença de pausa.

Observemos agora os números relativos às conclusões – e suas ocorrências em presença e ausência de pausas – relacionadas à posição discursiva de instrutor:

Total de conclusões relacionadas à posição discursiva de Mestre de Obras	11
Ocorrências em presença de pausa	8 (72,8%)
Ocorrências em ausência de pausa	3 (27,2%)

Tabela 8: *conclusões* relacionadas à posição discursiva de Mestre de Obras.

Os números apresentados no quadro acima – 8 (72,8%) ocorrências de *conclusões* em presença de pausa e 3 (27,2%) ocorrências de *conclusões* em ausência de pausa – indiciam uma tendência para a utilização de conclusões em presença de pausa no que se refere à posição discursiva de instrutor.

Observemos agora as ocorrências de *justificativas* e *conclusões* relacionadas a posições discursivas que não se mostraram predominantes na sessão de conversação do sujeito com doença de Parkinson:

4.3.4 Posições discursivas não predominantes do sujeito parkinsoniano

Abaixo, seguem relacionados recortes da transcrição da sessão de conversação do sujeito com doença de Parkinson nos quais constam todas as ocorrências de *justificativas* e

conclusões que relacionamos a posições discursivas não predominantes na sessão de gravação do Sujeito com doença de Parkinson. Ao final dessa exposição, apresentaremos um quadro contabilizando o total desses funcionamentos semântico-discursivos e quantos deles ocorreram em presença ou ausência de pausa. As ocorrências de *justificativa* seguem sublinhadas, as ocorrências de *conclusões* seguem em negrito e as pausas são representadas pelo sinal “+”:

Recorte 26 – página 115 do anexo.

J.N. faz mais de uma hora que cês tão aqui?
 N.L. faz + porque nós p/ nós f:ez di/ nós veio direto da fisioterapia
 J.N. ah: não passaram em casa não? ((enquanto fala olha na direção de M.A. e realiza movimento de cabeça em sinal negativo))
 N.L. não
 M.A. a gente) veio direto
 J.N. ah:: se vocês tivessem me falado ++ tinha vindo mais cedo
 N.L. nós veio direto + porque ir lá e v/ depois voltar né?

Recorte 27 – página 118 do anexo.

N.L. em Minas não tem não + doutorado não?
 J.N. pra minha área não
 N.L. não?
 J.N. não + pro que eu queria não
 N.L./J.N. ((silêncio inter-turno))
 J.N. mas assim: eu vo::u mas + minha família tá aqui: né então + vou sempre tá aqui + também
 N.L. uhum
 N.L./J.N. ((silêncio inter-turno))
 J.N. né
 N.L. coisa boa
 N.L./J.N. ((silêncio inter-turno))
 J.N. mas é quatro anos né?
 N.L. quatro anos?
 J.N. ((realiza movimento de cabeça em sinal afirmativo))
 N.L. mas é uma vez por semana?
 J.N. + ((durante a pausa realiza movimento de cabeça em sinal negativo)) toda semana
 N.L. pois é mas é uma vez só
 J.N. três dias eu vou ter de aula
 N.L. três dias?
 J.N. ((realiza movimento de cabeça em sinal afirmativo))
 N.L. **então não tem jeito de cê ficar aqui nem si/**

Recorte 28 – página 118 do anexo.

J.N. suas filhas já acabaram a faculdade?
 N.L. termina esse ano agora
 J.N. termina esse ano? ++ e:ita luta né?
 N.L. é: + cinco ano agora se elas for estudar mais né ainda vem mais ainda
 J.N. vai ficar igual eu
 N.L. ((pressiona os lábios e realiza movimento de cabeça em sinal afirmativo))
 J.N. as duas acabam esse ano?
 N.L. é
 J.N. o que que elas/ as duas fizeram direito ou não?
 N.L. não uma vai fazer: + tá fazendo contabilidade né + e a outra administração
 J.N. ah: tá + era administração
 J.N./N.L. ((silêncio inter-turno))
 N.L. pra elas é bom que tá todas as duas trabalhando já no serviço delas né?

Recorte 29 – página 119 do anexo.

N.L. é: em frente ao Carro de Boi
 J.N. ((realiza movimento de cabeça em sinal afirmativo)) bonito
 N.L. onde é que cê vai todos fim de semana
 J.N. ahn?
 N.L. onde é que cê vai todo dia de fim de semana né?
 J.N. ixi + tô indo muito não
 N.L. não vai não?
 J.N. tô precisando ir mais + mas não tô indo muito não
 N.L. que a gente passa lá não tem nem jeito de entrar né tá cheio tá de fila

Recorte 30 – página 121 do anexo.

J.N. o senhor fez até o primeiro colegial?
 N.L. foi ++ depois parei
 J.N. + por que parou?
 N.L. + pra casar + casei p/
 J.N. e::ita + mas casar não pode estudar não?
 N.L. + pior que pode né mas eu num + ((durante a pausa realiza movimento de cabeça em sinal negativo)) não quis isso não + eu vi:: + quando vim pra Uberlândia eu vim pra estudar + m:as depois comecei só + aí nós resolvemos casar né **aí eu parei**

Recorte 31 – página 121 do anexo.

N.L. pois é + era mais difícil viu + J.N.
 J.N. + teve que trabalhar: né pra sustentar a casa né?
 N.L. hoje é mais fácil
 N.L. é: e outra coisa a pessoa t/rabalhar e: estudar não é fácil não ++ porque eu vejo o quanto que as minhas menina sofre que/ + elas sai de manhã s:ete hora + chega em casa onze hora onze e quinze já + d/do serviço vai direto pra faculdade

Recorte 32 – página 12 do anexo.

N.L. conforme o em/ + conforme o emprego ++ con/ nu/num dá nem (pro) cê estudar né + pagar o estudo seu ++ pior é: m:uitas pessoa às vezes n/ m/ trabalhar pra poder estudar né + o dinheiro que ganha vai tudo no estudo +**então aí fica difícil** + agora quando papai ajuda mamãe né **aí é bom**

J.N. [((risos))]

N.L. [((risos))]

J.N. + é: aí facilita né?

N.L. fica / fica/ é: **uai aí fica melhor né**

J.N. + ((durante a pausa sorri e realiza movimento de cabeça em sinal afirmativo))

N.L. [porque eu acho que] todo mundo que estuda e forma tem que s/ te:r + tem que trabalhar né ± porque não adianta a pessoa estudar (igual) estudar estudar e depois +

J.N. não poder trabalhar né?

Recorte 33 – página 122 do anexo.

J.N. o senhor lembra das reuniões a dificuldade que era pra marcar o di::a porque a gente viajava tal + é por isso porque

N.L. uhun

J.N. eu tava estudando ainda

N.L./J.N. ((silêncio inter-turno))

J.N. aí eu parei esses oito meses agora +

N.L. eh?

J.N. um ano quase né + agora eu vou voltar

N.L./J.N. ((silêncio inter-turno))

N.L. cê vai voltar a estudar de novo?

J.N. é bom porque a gente:: + cresce mais

N.L. é uai:

N.L./J.N. ((silêncio inter-turno))

N.L. **não é fácil não +**

Recorte 34 – página 123 do anexo.

N.L. mas fora os lá do primeirinho segundo + terceiro + tem que contar tudo aí

J.N. ah é + isso aí

J.N. só esses aí já dá:: + doze anos não dá? ((enquanto fala olha na direção de M.A.))

N.L. [((risos))] ((durante o riso olha na direção de M.A.))

M.A. por aí

J.N. ó primeira segunda terceira quarta ((enquanto fala conta os dedos))

N.L. é: ++ **a pessoa vive + meia vida ela vive de estudando**

J.N. já dá onze anos já

N.L./J.N. ((silêncio inter-turno))

N.L. pois é

J.N. o senhor estudou nove anos que o senhor fez até o primeiro

N.L. ++ ((durante a pausa esboça movimento de cabeça em sinal afirmativo)) diz que é diz que é doze porque tem/ tinha uma:: + como é que eles falava (acho) q/(ê) (q/) depois do quarto ano tinha um: + fazia uma: + esqueci como é que eles falava

Recorte 35 – página 123 do anexo.

J.N. ah é depois da quinta sexta sétima e oitava é que cê fazia essa admissão?

N.L. hoje não tem mais

N.L. não depois da qua/ do quarto ano

N.L./J.N. ((silêncio inter-turno))

J.N. então pra entrar em que série? + na quinta?

N.L. é:

J.N. ah tá
 N.L./J.N. ((silêncio inter-turno))
 N.L. fazia
 J.N. ((tosse)) aí pra entrar no primeiro colegial não tinha mais?
 N.L. não
 N.L./J.N. ((silêncio inter-turno))
 J.N. também Deus me livre né?
 N.L. ((risos)) + **pois é era difi/ era mui/ era difícil não era fácil não viu**
 N.L./J.N. ((silêncio inter-turno))
 J.N. o senhor fe/ o senhor estudou
 N.L. cidade pequena (ce) não tem não tem condição do cê estudar muito né

O quadro abaixo mostra os números relativos às justificativas – e suas ocorrências em presença e ausência de pausa – relacionadas a posições discursivas não predominantes na sessão de conversação do sujeito com doença de Parkinson:

Total de <i>justificativas</i> relacionadas a posições discursivas não predominantes	7
Ocorrências em presença de pausa	3(42,9%)
Ocorrências em ausência de pausa	4(57,1%)

Tabela 9: *justificativas* nas posições discursivas não predominantes do sujeito parkinsoniano.

Como podemos observar no quadro acima, os números – 3 (42,9%) ocorrências de justificativas em presença de pausa e 4 (57,1%) ocorrências em ausência de pausa – indiciam certo equilíbrio no que se refere à irrupção ou não de pausas diante do funcionamento semântico-discursivo *justificativas*, relacionados a posições discursivas não predominantes na sessão de conversação do sujeito com doença de Parkinson. Não pretendemos analisar a ocorrência desses números em função de não podermos relacioná-los com uma posição discursiva específica, pois os objetos discursivos variam entre a vida da interlocutora JN, a família de NL, a dificuldade de se estudar e trabalhar, e outros discursos.

Dessa forma, organizamos esses dados de modo a compará-los, mais adiante em nosso trabalho, com os dados totais e com os dados relacionados com posições discursivas.

Observemos agora os números relativos às *conclusões* – e suas ocorrências em presença e ausência de pausa – relacionadas a posições discursivas não predominantes na sessão de conversação do sujeito com doença de Parkinson:

Total de <i>conclusões</i> relacionadas a posições discursivas não predominantes	8
Ocorrências em presença de pausa	2 (25%)
Ocorrências em ausência de pausa	6 (75%)

Tabela 10: *conclusões* nas posições discursivas não predominantes do sujeito parkinsoniano.

Os números expostos no quadro acima – 2 (25%) ocorrências de *conclusões* em presença de pausa e 6 (75%) ocorrências de *conclusões* em ausência de pausa – indiciam uma tendência para a utilização de conclusões em ausência de pausa no que se refere a posições discursivas não predominantes na sessão de conversação do sujeito com doença de Parkinson. Também não analisaremos esses dados em virtude de terem se mostrado insuficientes para uma categorização sobre uma determinada posição discursiva.

A próxima sessão de nossa dissertação expõe todas as ocorrências de *justificativas* e *conclusões* que identificamos no discurso do sujeito sem lesão neurológica. Ao final dessa exposição, realizaremos a contabilização desses funcionamentos semântico-discursivos e suas ocorrências – em presença e ausência de pausa – em função das tomadas de posições discursivas por parte desse sujeito:

4.3.5 Posições discursivas do sujeito sem lesão neurológica

Na sessão 4.2.2 *Exposição e análise dos exemplos do sujeito controle* pudemos observar que, dentre inúmeros discursos concorrentes nas correntes parafrásticas latentes no discurso desse sujeito, o discurso de superação mostrou-se o mais marcado na materialidade lingüística. Acreditamos que a força desse discurso teria sido tão incidente em sua sessão de

conversação que, mesmo diante de uma tentativa de mudança de objeto discursivo, por parte da interlocutora JN, os sentidos em cursos teriam sido deslocados de modo a argumentarem a favor do discurso de superação. Observemos o exemplo abaixo, da página 22 do anexo:

J.N. Tonico e como é que funciona a construção civil hoje? eh + hoje tem m/mais eh: + porque sempre teve o engenheiro o pedreiro o mestre de obra + o arquiteto mas nem sempre + mas era a:assim + fazia uns quadradinho lá era montava a casa era assim mesmo como é que é que funciona hoje?
 A.S. hoje funciona muito mais fácil + hoje é fácil demais + porque hoje cê pega vamos super assim cê pega uma decoradora + um arquiteto + um engenheiro civil + então eles te dá + tudo no papel + pro cê entender mais fácil + apesar d/deu + da gente ter pouco estudo + porque a classe que trabalha em construção civil não é uma pessoa que estudou muito não

Nesse recorte, podemos observar que a interlocutora JN interroga o sujeito sem lesão neurológica sobre como funcionaria a construção civil atualmente. A palavra “atualmente” irrompe no discurso de JN provavelmente no sentido de fazer oposição à temporalidade em curso, o passado de dificuldade de AS. Assim, diante da oportunidade de ocupar a posição de instrutor – dentro do discurso de Mestre de Obras, profissional competente – o discurso do sujeito sem lesão neurológica desloca o sentido proposto por JN e mantém a posição discursiva do profissional que venceu na vida apesar de ter pouco estudo: “+ porque a classe que trabalha em construção civil não é uma pessoa que estudou muito não”. Dessa forma, mesmo ocupando grande parte da sessão de conversação, o objeto discursivo *construção civil* não incita no discurso do sujeito sem lesão neurológica a mudança de posição discursiva – tal como observamos na sessão de conversação do sujeito parkinsoniano, na qual ele passa a ocupar a posição de instrutor. Na sessão de conversação de AS ocorre um fenômeno diferente, seu discurso passa a utilizar o objeto discursivo *construção civil* para sustentar sua posição discursiva de *vencedor*. É possível observar, em momentos de seu discurso, enunciados elucidativos a respeito de conteúdos técnicos sobre construção civil, porém, de maneira diluída entre os enunciados que defendem a posição discursiva de *vencedor*. Assim, o discurso predominantemente marcado em sua sessão é o discurso de superação, no qual o

sujeito se coloca (ou é colocado) na posição de *vencedor*. É possível observar outros discursos concorrentes ao discurso de superação, na sessão do sujeito sem lesão neurológica, porém, de maneira relativamente dispersa, quando em comparação ao discurso predominante.

Assim, descrita a formação discursiva predominante e os funcionamentos discursivos que, em nossa hipótese teórica, poderiam influenciar na irrupção das *justificativas* e *conclusões* encontradas na materialidade discursiva do sujeito sem lesão neurológica – verificaremos em que medida as pausas encontradas nos momentos de *justificativas* e *conclusões* irromperam em função das posições discursivas ocupadas nos discursos desse sujeito. Exporemos, na próxima sessão de nossa dissertação, cada uma das ocorrências de *justificativas* e *conclusões* identificadas no material gravado e transcrito da sua sessão de conversação. Agruparemos essas ocorrências em função de suas relações com: (a) o posicionamento discursivo de vencedor; e (b) outros posicionamentos discursivos não predominantes. Quantificaremos essas ocorrências e destacaremos se ocorrem em presença ou ausência de pausa. Começaremos pela apresentação das *justificativas* e *conclusões* relacionadas à posição discursiva de *vencedor*. Lembramos que as *justificativas* seguem sublinhadas, as *conclusões* seguem em negrito e “+” representa as pausas:

4.3.6 Posição discursiva de vencedor

Recorte 1 – página 129 do anexo.

A.S. A. B. S. + cinquenta e nove anos de idades + eh + segundo ano primário

J.N. aí: cê vai me contar da sua vida [((risos))]

A.S. [((risos))]

J.N. ai ai + vamos ver me conta primeiro como é que foi o ir à escola + os estudos

A.S. ó: + o:/ eu tive: + pouca oportunidade de estudar + porque na época + eu tinha/ eu vim da zonas rural + com: + doze anos de idade + ingressei fui fazer o primeiro ano primário + com t/ com: treze anos

Recorte 2 – página 129 do anexo.

A.S. aí eu tive que largar os estudos + pra poder trabalhar em cerâmica

J.N. hum

A.S. pra poder:

J.N. + ajudar em casa

A.S. ajudar na renda familiar + **aí: f/foi esse vidinha assim custosa né** + sofrido sempre/ + eu era um: eu era um eu sinceridade eu não julgo um cara: + analfabeto porque eu conheço muitas coisas conheço muitas áreas + e: graças a Deus as pessoas que tem estudo + me ajudou + porque eu trabalho na construção civil + aí eu comecei/ larguei a cerâmica + passei pra construção civil pra poder: + eu ter mais um: uma renda/ melhor + pra poder ajudar minha mãe + que tinha: + igual eu já te falei tinha uma irmã co/ doente e tinha duas menor + pra tratar + pra tra/ pra/ sobreviVER né a sobrevivência da gente + era a vida/ a vida era essa + aí: eu peguei e: + logo fui pra construção civil + uma vida ((começa a rir enquanto fala)) aí Ju nem quero te falar que é s/ mu:ito sofrimento

Recorte 3 – página 129 do anexo.

J.N. e cê sempre morou aqui + Toninho?

A.S. sempre morei em Monte Carmelo + graças a Deus Monte Carmelo m/ + me deu muita alegria + e me deu tudo o que eu tenho + **entã:o é bom demais isso** aqui + e: +++ assim: ++ na construção civil + depois a gente começou a ganhar melhor + quer dizer + quando cê ganha bem + cê logo tem uma vida/ cê procura ter uma vida melhor + e foi disso aí que eu procurei a construção civil me deu essa oportunidade + mesmo sem estudo sem precisar de estudar + eu + consegui algumas coisas boas na minha vida + e: e tem mais + as outras coisas também + a gente conseguiu + boas amizades +

Recorte 4 – página 130 do anexo.

A.S. eu sou de Arcos

J.N. onde que é isso?

A.S. Arcos no centro-oeste de Minas

J.N. hum: nunca ouvi falar

A.S. tem + é perto de Formigas Divinópolis + por ali naquela região ali no centro-oeste + então + aí é ah: aqui + em Monte Carmelo me acolheu graças a Deus + eu consegui aqui + reabilitar + minha vida + ruim de/ + d/da juventude + não ruim assim + ruim porque (...)

J.N. [difícil né?]

A.S. [s/ s/]

A.S. difícil pra gente fazer as coisas

J.N. + hum

A.S. pra gente ter cons/ conseguir as coisas + porque não é fácil + eu t/ por exemplo trabalhava de servente eu não tinha nem uma boti/ não tinha condição nem de comprar uma botina + trabalhava descalço + é du/ é triste + hoje em dia a gente vê: todo mundo trabalha arrumadinho + nem é: muito muito mais (...)

Recorte 5 – página 131 do anexo.

A.S. mas era: assim + nã:o + não é fácil não + eu sempre falo pras pessoas que tem pais que dá condições eu falo pros meus filho + que eu dei condições pros meus filhos estudar dei oportunidade pra eles + eu rale/ eu trabalhei + pensei em ter + era um/ a minha média mesmo era ter dois filhos que se fosse filho ou filha + seja bem-vindo do jeito que s/fosse + eu ia querer ser dois mesmo + aí: + eu sempre falo pra eles + aproveita essa oportunidade [que tem]

J.N. [mas é dois] que cê tem não é ((risos))?

A.S. é + dois filho não veio filha mas a:s filha/ as nora vão ser a filhas [[[risos]]]

J.N. [as nora vão substituir] [isso?]

A.S. [ahan] então + () sempre eu falo pra eles porque + a gente nã:o ++ não ++ não nasce infeliz ++ eu sempre falei pra eles + infelicidade na vida da gente + nunca tem + a gente procura ela + por os me/ por os mérito da gente + se a gente quiser ser infeliz a gente mesmo é que quer ser + eu por exemplo não quis ser + eu sempre procurei ser um/ um ser humano + feliz + pra poder + eu + eu queria conseguir minhas coisas eu sempre queria mais coisa +

Recorte 6 – página 131.

A.S. é ahan e eu já tive oportunidade de deixar Monte Carmelo pra trabalhar não quis + quis ficar aqui + parece que eu tenho: + aqui foi + o meu lugar

J.N. + hum

A.S. **então eu não pretendo + sair por nada** + já tive boas propostas + pra mim + sair daqui + mas eu não quis + e eu a/ e é igualzinho + eu sempre falo pros meus menino

J.N. ((tossiu))

A.S. pode ser em qualquer situação + em qualquer lugar + se ocê for uma pessoa que: + age com boas intenções + com honestidade + você + será + bem sucedido na vida ++ cê pode ser um médico + pode estar lá: naquele arraiázinho pequenininho + cê pode ser um bom professor (da) na/na/naquela escolinha + sozinha lá + mas se ocê for um bom professor + cê faz as coisas bem feita ali + não adianta cê querer ir pra uma + pra um grande centro + no seu caso tá certo cê tem que procurar + pra estudar cê tem q/ + pra crescer cê tem que procurar um/um centro grande + mas igual pra mim na construção civil + qualquer lugar que dá pra empilhar um tijolinho + cê empilhando com amor com carinho + cê vai conseguir fazer a coisa certa

J.N. não mas eu acho que pra todo mundo onde cê tá: a:/ o ideal é cê fazer o serviço bem feito né

A.S. é

J.N. + de trabalho eu acho que é essencial

A.S. porque porque igual eu já te expliquei + com segundo ano do primário pra você poder/ pegar uma planta de construção + ontem mesmo Ju parece que é ironia do destino + eu fui + num aniversário + pode falar/ pode falar? ah: aqui pode falar senão se não puder cês cortam

J.N. pode

A.S. eu fui num aniversário + com/ da Janete + que eu fiz a melhor casa de Monte Carmelo talvez da região + eu recebi tanto elogio eu falei gente + cheguei em casa aqui falei gente + será que eu mereço essas coisa será/será que é bajulação + será que é enganação + da pessoa? + mas não é + eu fiz uma coisa + eu tive o: [eu tive condição]

J.N. [() seu] melhor né?

eu tive foi condição/ então cê cê convive graças a Deus a gente convida com gente a gente convive + com gente que: + tem um: bom grau de estudo gente formada + então cê acaba aprendendo alguma coisa porque eu/eu procuro tirar apor/ a::aproveito das coisas + é igual por exemplo + eu tô conversando com você eu sei que eu tô conversando com uma pessoa + estudada intelectual + então eu tenho que aproveitar esse momento pra mim aprender alguma coisa

Recorte 6 – página 132 do anexo.

J.N. Tonico e como é que funciona a construção civil hoje? eh + hoje tem m/mais eh: + porque sempre teve o engenheiro o pedreiro o mestre de obra + o arquiteto mas nem sempre + mas era a:assim + fazia uns quadradinho lá era montava a casa

A.S. [tinha decorador]

[uhum]

era assim mesmo como é que é que funciona hoje?

A.S. hoje funciona muito mais fácil + hoje é fácil demais + porque hoje cê pega vamos super assim cê pega uma decoradora + um arquiteto + um engenheiro civil + então eles te dá + tudo no papel + pro

cê entender mais fácil + apesar d/deu + da gente ter pouco estudo + porque a classe que trabalha em construção civil não é uma pessoa que estudou muito não

J.N. + hum

A.S. é uma c/ é uma classe de gente que vai pra aquilo ali + porque tem um salário melhor viu Ju

J.N. ++ [melhor que outras profissões né]

A.S. [o salário na construção civil] é melhor + **então você tem que ser um: + um profissional liberal + pra você conseguir ter uma: + um rendimento melhor**

J.N. + hum

A.S. isso aí que: + geralmente + [as pessoas (...)]

J.N. [geralmente] o pedreiro é profiss/ é profissional liberal?

A.S. é + geralmen/ as pessoas + [procura] buscar aquilo ali + porque: tem um rendimento melhor + é o t/ caso meu + eu pude dar um bom estudo pros meus filho + p/ a gente tem uma casinha + modéstia à parte melhor do que: + o que eu tive do meu início

J.N. + [hum]

A.S. [então] a gente t/ consegue tudo isso aí + através da construção civil porque ela/ ela te/ ela não exige muito estudo + se ocê for um pouquinho inteligente + se ocê aprender a ler uma planta + porque o arquiteto vai te passar um desenho + uma coisa que você tem que fazer + ele te dá um desenho + um: + um rabisco lá no papel + e ocê tem que pôr aquilo + em prática + em cerâmica + ou em: + em mármore + ou em granito + ou em madeira

J.N. + hum

A.S. muitas das vezes você tem que + fazer as/ as coisas tudo + corretamente com aquilo + madeira até não é muito pra gente não muito pouca madeira + madeira a parte da construção civil é/ tem outro setor que é outra profissão + mas geralmente você como mestre de obra + cê tem que saber entender tudo aquilo pr'ocê saber explicar + hoje tem o problema do/do gesso também que entra muito na construção + ocê t/ como um:/ como um: se o cê for um + igual eu sou mestre de obras + **então cê tem que: + entender tudo daquilo ali** + pro cê poder + saber ++ passar o projeto pra pessoa + porque ele/ + vem o projeto pra você + pra depois cê/ procurar o profissional qualificado

J.N. + hum

A.S. **então cê tem que saber isso daí**

Recorte 7 – página 133 do anexo.

J.N. uhum + eh hoje o negócio é bem mais sofisticado [é mais] é mais dividido né?

A.S. [é bem/]

A.S. é bem mais fácil pra/prá trabalhar hoje + porque de primeiro cê não tinha isso + cê ia fazer uma casa + o sujeito falava assim eu quero uma casa at/ assim assim assim + e ocê ti/ ((faz movimentos com o lábios)) é igual por exemplo + eu admiro muito as pessoas que construíram mais atrás + antes de mim cinquenta anos cem anos + cê vê umas fachadas + em Monte Carmelo mesmo tem + que: é coisa que: + é um dom da pessoa porque + hoje se for pra gente fazer + acho que a gente até nem não dá conta

Recorte 8 – página 134 do anexo.

J.N. sabe um museu que parece um disco voador que ele projetou que tem + eh:

A.S. + acho que é esse mesmo

J.N. do lado do Rio lá não tem: é Petrópolis?

A.S. é An/ é Angra dos Reis naquelas imediações ali + é esse mesmo + esse + parece um disco voador + aquilo ali + se ocê vê onde que aquilo é apoiado + aquele/ eu/eu vi o detalhe pela televisão + o/ ali + ele fez o projeto + mas a responsabilidade maior ali + é do engenheiro civil + que entra + o q/ o que sofre + as loucuras do arquiteto + o engenheiro civil é que sofre + porque ele tem que fazer (...)

J.N. o trem ficar em pé

A.S. s::: ficar em pé + eles faz no pa/ lá no papel eu quero isso aqui + aí foi o tal que eu tava me/ que ia/ que vou te falar + que eu vi uma reportagem que ele fez um + um: um: um vão livre + na França +

cinquenta metros quadrados uma viga + um apoio no outro ++ ele queria uma viga de dez centímetros de grossura + e cinquenta só de altura ++ ele falou/ + ele falou pro engenheiro + cê se vira

J.N. + Nossa Senhora

A.S. cê se vira + eu quero isso aí + e fez + parece que o acervo bibliote/ da biblioteca na: França + ele que fez + eu vi essa reportagem na televisão + eu fi/fico doido com essas coisas porque é do meu ramo

Recorte 9 – página 134 do anexo.

J.N. mas o arquiteto não tem que entregar um projeto com um cálculo não de se aquilo é possível de ficar em pé ou não?

A.S. não + ele faz + ele [()] ele estudou + porque + o: o arquiteto + es/ eh: seis anos de faculdade né + dois ano ele estuda só telhado só fachada

J.N. + hum: tá

A.S. o engenheiro civil é quatro ano + ele só estuda o peso + a sustentação + então + mas geralmente o arquiteto + ele sabe que vai + que aquilo que ele tá passando + tem condição + é só se de/ (...)

Recorte 10 – página 135 do anexo.

A.S. hoje hoje é muito mais fácil + porque: o: problema da construção uma vez/ se ocê for um leigo + igual + hoje + não vou dizer eu sou um leigo + que: já se/ já trabalhei demais com engenheiro então cê já pode até + cê já sabe até o que: é certo e que é errado + só que: muita gente chega pra mim + ah cê podia fazer isso pra mim calcular isso pra mim uai + eu não/ + projetar isso pra mim eu não posso + cê tem que procurar uma pessoa + capacitada + porque eu não posso + eu não posso assinar nada + cê tem que procurar uma pessoa que assina aquilo que te dá uma garantia + e uma sustentabilidade + pra que ocê (...)

Recorte 11 – página 135 do anexo.

A.S. cê vê ao invés de: + i: gual por exemplo assim + [ao invés da pessoa] + trabalhar com: a parede vamos supor assim de meio tijolo que é o tijolo em pezinho assim + eles trabalhavam com ele atravessado assim

J.N. + hum

A.S. era outro/ uma sustentação + mais resistente + pra pessoa ++ [não/ +] a/a/ a

J.N. [não ter perigo]

garantia dele + não era a garantia assim não tinha garantia assim + tecnicamente + ele tinha uma garantia + eh: ((mexe a cabeça de um lado para outro)) não eu vou f/ eu vou pro lado + do mais resistente + se gasta dois + eu ponho quatro ++ é igual ferragem + cê vai fazer uma viga por exemplo + às vezes nós gasta dois ferro + de dez milímetros ++ mas eu como leigo + eu vou pôr/ três quatro

J.N. + pra não ter [perigo]

A.S. [((faz movimentos com os lábios iniciando o som))] pra não ter/ aí não vai ter perigo nunca + mas/ eu/ vai ficar/ vamos supor [assim eu tô fazendo

J.N. [()]

um serviço desse pra você] + eu vou (canhetar) + o preço da sua obra + aonde tem que ter as pessoas que estudou + porque sabe ali a dis/ a: dimensão + e a distância e o valor que vai ser + agregado no peso tudo direitinho + pra pessoa tá::

Recorte 12 – página 136 do anexo.

A.S. + e: sem contar quando ocê encontra uns profissional bom que te explica eu tive uma chance na vida + de ter uns + uns co/ u::ns ++ engenheiro + pra explicar + de uma carismática

J.N. + porque não tem medo né [()]

A.S. [não tem medo de e/] não medo de se explicar + e explica a coisa certa tem paciência pra explicar + porque eu já tive engenheiro que pára assim + fica aí dez minutos me explicando as coisa assim + não é aquilo que eu/ nem queria aprender + não precisava a pra minha profissão não precisava + e eles vai me explicar aquilo até o que eles teve em/sala de aula + eles me explica que aqui em Monte Carmelo () o Didi que é o Porto + Maria do Rosário + é uma ótima arquiteta uma das me/melhor casa daqui + ela que faz + **então + a gente vê umas pessoas que tem uma paciência** + agora eu trabalhei com duas meninas de Uberlândia meninas eu vou falar assim elas é tudo já/ ((risos)) já é quarentona né (((risos))) eu chamo elas de menina né porque elas são mais nova + mas/ é gente de uma: + de uma delicadeza t/ inclusive eu até tive um convite agora pra elas pra mim ir pra Uberlândia eu falei não + com a idade que eu tô + é Monte Carmelo já tá grande demais pra mim eu quero ficar numa (...)

Recorte 13 – página 139 do anexo.

A.S. vou te contar + eu tinha dezenove anos + arrumado + e era meu sonho + eu sou apaixonado por avião + eu já consegui voar três vezes + bom demais já conseguir andar de avião três vezes pra mim tá de bom tamanho + se eu morrer hoje morro um cara feliz + mas o negócio é o seguinte + eu com dezenove anos arrumei pra ir pra + Lagoa Santa + trabalhar de mecânico + ganhando um salário mínimo naquela época em sessenta e: cinco + ganhando um salário mínimo + aí + minha mãe + não sabia assinar + mas porque/ por eu não ter vinte e um ano + eu não podia assinar por mim + minha mãe tinha que + me autorizar + me cortou esse barato

J.N. [mas] ela não podia pôr digital [não] podia época?

A.S. [()] [podia]

A.S. mas ela não quis pôr não ponho

J.N. hum:

A.S. + ela não deixou ++ hoje eu podia tá muito/ hoje eu podia ter morrido um avião comigo () + se eu fosse pra lá eu ia + eu ia fundo + eu ia estudar e/ + ia estudar ++ mecânica de avião + e estudar + lá em Lagoa Santa + perto de/ perto de Belo Horizonte + um cara daqui arrumou um/ + eh: + colega meu + pra mim ir pra lá + ganhava um salário mínimo falei mãe eu mando um salário mínimo + porque lá sei que tinha + era a farda + e comida + e estudo tudo de graça + eu falei eu mando o salário pra senhora + ela não quis + sabe o que que mãe falou pra mim? + se vestir farda + não entra na minha casa + falei mãe mas + é uma oportunidade que eu quero + eu não vou/ eu não vou ser um militar qualquer eu vou pra um + uma coisa boa + hoje quem tá ralando pra entrar na/aeronáutica + tem que ter muito estudo + e naquele tempo cê entrava de graça + minha mãe cortou isso isso aí e eu + não + Deus o tenha onde que ela tenha tá + mas + eu fiquei frustrado [+] eu podi/ eu podia ter dado muito mais conforto pra ela + e pra mim mesmo também

J.N. eh mas às vezes também o conforto que ela queria não era esse né [às] vezes

A.S. [é]

ela preferia ocê/ pra/ ocê [perto] era um conforto muito maior do que [+] dinheiro

A.S. [é] [é custoso]

né

A.S. a gente ah:ah: hoje quando a gente fica maduro assim fica velho + porque eu já tô entrando na terceira idade né (((risos)))

Recorte 14 – página 142 do anexo.

A.S. eu acho/ eu acho assim eu não tenho muito que pedir a Deus não tenho só que agradecer

J.N. ((tossiu))

A.S. () p/ + da onde que eu vim + a situação que eu já passei + hoje graças a Deus a gente tem uma casa + sossegado + tem lazer + tem um/ + as coisas tem/ tem carro pra andar tem moto pra andar + cê

não vai pro serviço mais numa bicicleta cê não precisa de ralar + andar descalço na rua cê não precisa disso + **então hoje eu acho assim que + ele foi muito generoso comigo**

J.N. + cê também ralou pra ajudar [ele] a ser [generoso]

A.S. [ralei] [bom]

A.S. é o que eu falo gente + a gente a gente não tem isso de graça + cê tem que fazer

[alguma coisa] igual as pessoas que eu trabalho sempre + eu sempre + agra/ eu

J.N. [((tossiu))]

nunca esqueço d/ cê ocê falar Tonico os patrão que cê teve na vida eu te falo todos + eu acabei de perder um agora essa semana + Hugo Siqueira

J.N. + faleceu?

A.S. é: faleceu seu Hugo Siqueira + a gente foi/ eu trabalhei naquela construção dele naquela casa dele + **então eu sempre falo assim a gente tem que agradecer aquelas pessoas que dá serviço pra gente + porque + não é porque eles me pagou + que não + que ficou tudo certo** + eu sempre tenho aquele carinho pelas pessoas sempre agradeço a Deus e rezo por eles + nas minha oração eu peço + que Deus dá muita vida pra eles e: saúde pra eles/ + du/ usufruir daquelas/ + construção que a gente fez + igual por exemplo ontem o Manoel Cardoso eu fui na casa dele + lá todo mundo me dando parabéns lá pela obra que eu fiz eu falei não se o seu Manoel não pagasse + não comprasse o material + não ia nós não fazia nada

Recorte 15 – página 143 do anexo.

A.S. + eu já trabalhei muito em construção grande **então + a gente vê assim as pessoas assim que a gente já trabalhou eu sei todas as construção** + (falo) ah tal rua assim assim foi tal ano + na carteira prof/ tá/ em registro em carteira eu falo que foi que começou foi dia tanto tanto + sei tudo isso daí

J.N. e todas a maioria] é registrado?

A.S. é ((movimenta a cabeça para cima a para baixo)) não + no início foi muito pouco registrado + porque eu fui um: + um grande: assim assim eh na/ nos meus colegas de construção + de construção + eu fui um batalhador disso aí pra poder pra ver se + se a gente não perdia essa coisa depois que eu + comecei + com pouco estudo mas comecei a + a escl/ a ter um esclarecimento das/ dos deveres de trabalhadores + e obrigações de patrão e tudo isso aí + sem + assim + cê: sem demagogia a gente procurava + entender com os patrão o que era bom pra gente () cê pa/ pra não prejudicar + uma nem outro mas sempre as pessoas começou a/ + a: ter mais consciência disso aí e [registrar]

O quadro abaixo expõe os números de *justificativas* – e suas ocorrências em presença e ausência de pausa – que relacionamos à posição discursiva de vencedor, no discurso de superação, do sujeito sem lesão neurológica.

Total de <i>justificativas</i> relacionadas à posição <i>vencedor</i>	29
Ocorrências em presença de pausa	21 (72,4%)
Ocorrências em ausência de pausa	8 (27,6%)

Tabela 11: *justificativas* relacionadas à posição *vencedor*.

Os números no quadro acima – 21 (72,4%) ocorrências de *justificativas* em presença de pausa e 8 (27,6%) ocorrências de justificativas em ausência de pausa – indiciam uma

tendência do funcionamento discursivo do sujeito sem lesão neurológica, em sua posição discursiva de *vencedor*, para a utilização de pausas diante do funcionamento semântico-discursivo *justificativas*.

Observemos agora os números relativos ao funcionamento semântico-discursivo *conclusão* e suas ocorrências em presença ou ausência de pausa relacionados à posição discursiva de *vencedor*.

Total de <i>conclusões</i> relacionadas à posição <i>vencedor</i>	11
Ocorrências em presença de pausa	8 (72,7%)
Ocorrências em ausência de pausa	3 (27,3%)

Tabela 12: *conclusões* relacionadas à posição *vencedor*.

Os números expostos acima – 8 (72,7%) ocorrências de *conclusão* em presença de pausa e 3 (27,3%) ocorrências de *conclusão* em ausência de pausa – indiciam uma tendência no discurso do sujeito sem lesão neurológica, em sua posição discursiva de vencedor, para a utilização de conclusões em presença de pausa.

Verifiquemos, na próxima sessão, as ocorrências de *justificativas* e *conclusões* relacionadas a posições discursivas que não se mostraram predominantes na sessão de conversação do sujeito sem lesão neurológica:

4.3.7 Posições discursivas não predominantes do sujeito controle

Abaixo, seguem recortes da transcrição da sessão de conversação do sujeito sem lesão neurológica nos quais constam todas as ocorrências de *justificativas* e *conclusões* que relacionamos a posições discursivas não predominantes na sessão de gravação desse sujeito. Ao final dessa exposição, apresentaremos um quadro contabilizando o total desses funcionamentos semântico-discursivos e quantos deles ocorreram em presença ou ausência de

pausa. As ocorrências de *justificativa* seguem sublinhadas, as ocorrências de *conclusões* seguem em negrito e as pausas são representadas pelo sinal “+”:

Recorte 16 – página 137 do anexo.

A.S. gosta de estudar + e: eu acho bom o Gustavo é um menino que não + todos são bom + mas ele destaca porque ele quer fazer uma coisa mais fácil ele não quer errar + é igual eu falo o Eduardo + se você sofre cê vai trabalhar pros outros sofre ocê tem: cê tendo assim um: + cê sendo uma pessoa mais qualificada + ocê: + cê tem o direito de reivindicar as coisas + é igual Ju + Ju + Ju + cê vai me um: uma aula aí por quanto? + eu não vou te pagar tanto não e:u eu tenho que saber o quanto que cê quer pra você fazer um trabalho pra mim de escola e essa coiserada né + então igual eu fiz com o Gustavo né o: povo chega aqui e quer + traduzir um texto p/ em: inglês de português pra inglês de inglês pra português tudo ele faz + **então ele chega ele põe um preço dele** + é igual você no seu estudo também

Recorte 17 – página 138 do anexo.

A.S. é brincadeira a pessoa que tem estudo ele tem chance pra tudo
J.N. + [acho que é + eu acho que é que] abre a cabeça né [às vezes nem é] o estudo em si né
A.S. [a pessoa tem mais po/ a pessoa tem] [é abre a cabe/]
A.S. não é pro/ não + a pessoa tem que/ + tem que ser as duas coisas + ela tem que ter estudo capacidade + e humildade + porque não adianta + se ocê achar que ocê estudou cê + cê sabe ler um livro de cabeça pra baixo (a b/a b/) sa/sa/sabe a bíblia de dentro pra trás de trás pra frente + não tem problema + você saber + tem que ver + a sua capacidade de: + eh esclarecer + o que cê leu

Recorte 18 – página 138 do anexo.

A.S. o meu papel de explicar + de orientar passar pra frente + é igual eu acho assim que todo mundo que tem: + estudo + a obrigação dele + é passar + claramente + e com facilidade + aquilo que ele aprendeu + pra dar oportunidade pra outras pes/ pra outra pessoa + aprender + e tudo aqui/ agora + tem uma coisa + igual nó/ eu sempre falo + aí tem uma vanta/ pra ocê passar isso claramente pras pessoa + cê tem que tá bem + remunerado + pra ocê passar com [tranquilidade] + pra ocê não ter problema + porque t/tudo na vida da gente + eu sempre falo + cê tem que ter Deus na vida da gente + mas aqui na terra se não tiver dinheiro + bom salário + não adianta + cê não faz nada com alegria ++ porque quando cê tá bem remunerado + igual cê faz uma casa tá trabalhando eu tô satisfeito + reboco () faço alguma coisa + mas eu sei que: + o salário meu à tarde + x por dia + vai + dar pra minha sobrevivência + é igualzinho você também que tá ralando tá estudando + tá fazendo as coisas assim + tá buscando cê tá buscando o seu espaço + mas se ocê não vê + recompensação financeira + cê vai falar porque que eu tô +

Recorte 19 – página 139 do anexo.

A.S. mesmo com o diploma que ocê tem se você não arrumar outro serviço ++ cê vai passar fome + porque não tem + aquela reserva né igual + hoje por exemplo na construção civil por exemplo + cê tem férias cê tem décimo terceiro + cê tem fundo de garantia + então () se ocê trabalhar muito tempo numa firma igual eu trabalhei três anos + cê pode ficar um ano à toa + que não tem problema

Recorte 20 – página 140 do anexo.

A.S. até acostumei hoje eu gosto de cerveja eu f/ eu tô + eu tô fazendo um esforço danado pra beber pouca cerveja

J.N. + [ai] agora tá ao contrário [((risos))]

A.S. [()] [tá ao contrário] cê vê tenho que esforçar pra não beber

J.N. + ai

A.S. mas que é gostoso é + ((pigarreou)) antes não (até) então na minha juventude eu + hoje eu vejo os/ + esses jovens tudo né tá numa + num num vício danado com bebida + quando é só bebida até tudo bem né porque a gente ainda tem + essa + coisa aí que é essas tal de droga tem muita gente que + não pensa né + vai + por esse lado +

Recorte 21 – página 141 do anexo.

A.S. mas até a gente que é velho fica inconseqüente + cê bebe uma cervejinha umas quatro garrafa de cerveja + cê/ eu acho que eu posso andar de moto eu acho que eu posso ir pra ali pra ali ++ não eu não condeno o jovem não + a gente at/ atrás de bebida + te dá um embalo

J.N. + cê perde a noção [né ()]

A.S. [perde a noção] cê acha que tá bonito tudo que cê tá fazendo tá bonito ++ agora eu sempre gosto/ eu sempre falo pra Divalda eu falo assim + eu gosto de beber aqui em casa + que a hora eu vejo que ela tá: + alterando eu vou pra cama deito + não vou amolar ninguém

J.N. uhum

A.S. **então cê fica tranquilo assim** + o jeito melhor que tem pra beber é em casa + cê viu/ cê não vai + pegar moto sair nem carro nem nada

J.N. + [e a] Divalda gosta de beber também uma cervejinha?

A.S. [cê ()]

A.S. de vez em quando ele bebe uma cervejinha + ao contrário de mim que aquilo ali () de fumar ainda gosta de fumar eu já não gosto

J.N. ah

A.S. e () um debate nós dois + [eu]

J.N. [é?]

A.S. + p/ eu já vai pra/prá sete anos que eu não tô fumando + sempre peço pra ela porque + a gente melhora demais ++ quando larga de fumar + parece/ eu não sei + mas eu acho que o cigarro é mais prejudicial do que a bebida + pra mim foi

Recorte 22 – página 142 do anexo.

A.S. eu fumei trinta e dois anos ++ eu achava que não/ + não largava do cigarro não + porque é o cigarro + cê vai tá trabalhando cê pode tá fumando + e: fumante cê sabe o que que a pessoa que fuma é? + uma pessoa sem educação

J.N. + é?

A.S. não respeita limite não respeita lugar + **então + eu achava que eu não largava do cigarro** + e um belo dia + no dia seis de + de maio de mil novecentos e noventa e nove + eu falei esse é o último cigarro que eu vou fumar sete horas da noite deitado no sofá aqui em casa + a sala era na + do outro lado dali que a entrada da casa era do lado de cá ((apontando para trás)) + aí eu falei assim + não vou fumar mais + parece que os anjos falou amém + era tarde + eu não larguei de cigarro não tive problema

O quadro abaixo expõe os números de *justificativas* – e suas ocorrências em presença e ausência de pausa – que relacionamos a posições discursivas que se mostraram não predominantes na sessão de conversação do sujeito sem lesão neurológica.

Total de <i>justificativas</i> relacionadas a posições discursivas não predominantes	8
Ocorrências em presença de pausa	5(62,5%)
Ocorrências em ausência de pausa	3(37,5%)

Tabela 13: *justificativas* em posições discursivas não predominantes do sujeito controle.

Os números no quadro acima – 5 (62,5%) ocorrências de *justificativas* em presença de pausa e 3 (37,5%) ocorrências de justificativas em ausência de pausa – indiciam uma tendência do funcionamento discursivo do sujeito sem lesão neurológica, em posições discursivas não predominantes em sua sessão de conversação, para a utilização de pausas diante do funcionamento semântico-discursivo *justificativas*. A exemplo de nossa atitude em relação à posições discursivas não predominantes encontradas na sessão de conversação do sujeito com doença de Parkinson, não analisaremos esses dados por não serem suficientes para a categorização de um posicionamento discursivo determinado.

Observemos agora os números relativos ao funcionamento semântico-discursivo *conclusão* – e suas ocorrências em presença ou ausência de pausa – relacionados a posições discursivas não predominantes na sessão de conversação do sujeito sem lesão neurológica.

Total de <i>conclusões</i> relacionadas à posições discursivas não predominantes	3
Ocorrências em presença de pausa	2(66,7%)
Ocorrências em ausência de pausa	1(33,3%)

Tabela 14: conclusões em posições discursivas não predominantes do sujeito controle.

Os números expostos acima – 2 (66,7%) ocorrências de *conclusão* em presença de pausa e 1 (33,3%) ocorrência de *conclusão* em ausência de pausa – indiciam uma tendência no discurso do sujeito sem lesão neurológica, em posições discursivas não predominantes em

sua sessão de conversação, para a utilização de conclusões em presença de pausa. Por razão dos dados serem insuficiente para a categorização de uma posição discursiva determinada, não analisaremos esses números. Porém, os utilizaremos para comparação com os números relacionados às posições discursivas dos sujeitos.

Na sessão a seguir, retomaremos e apresentaremos a análise dos números de ocorrências de *justificativas* e *conclusões* – e a irrupção de pausas atreladas a elas – relacionadas às posições discursivas dos sujeitos de nossa pesquisa:

4.3.8 Incidência de pausa e posições discursivas dos sujeitos

De modo a responder à terceira e última questão de nossos objetivos: em que medida a irrupção de pausas nos enunciados dos dois sujeitos sofreria a influência de seus funcionamentos discursivos. Retomaremos os números de irrupções de pausas atreladas às *justificativas* e *conclusões* relacionadas com as posições discursivas ocupadas pelos sujeitos dentro dos discursos.

O quadro abaixo mostra os números totais de *justificativas* identificadas na sessão de conversação do sujeito com doença de Parkinson. Compararemos estes números com os números de *justificativas* relacionadas com as posições discursivas desse sujeito:

Total de <i>justificativas</i>	42
<i>Justificativas</i> ocorridas em presença de pausa	17 (40,47%)
<i>Justificativas</i> ocorridas em ausência de pausa	25 (59,52%)

Tabela 15: justificativas do sujeito parkinsoniano

Como podemos observar no quadro acima, no que se refere aos números totais, os números de ocorrências de *justificativas* em presença de pausa não se distanciam muito dos números de *justificativas* em ausência de pausa. Dessa maneira interpretamos que os dados do

sujeito com doença de Parkinson demonstraram uma tendência a equilibrar a irrupção ou não de pausas diante desse funcionamento. Porém, quando observamos os números de ocorrências de *justificativas* relacionadas às posições discursivas ocupadas por este sujeito, obtemos outra impressão. Observemos o quadro abaixo:

Posições discursivas	<i>Justificativas</i>	Presença de pausa	Ausência de pausa
Doente	19	4 (21%)	15 (79%)
Instrutor	16	10 (62,5%)	6 (37,5%)
Não predominantes	7	3 (42,9%)	4 (57,1%)

Tabela 16: justificativas por posições discursivas do sujeito parkinsoniano.

Como podemos observar, no quadro acima, os números de irrupção de pausas atreladas às *justificativas* relacionadas à posição discursiva de doente demonstram uma tendência à não irrupção de pausas diante deste funcionamento. Já, os números de irrupção de pausas atreladas às *justificativas* relacionadas com a posição discursiva de instrutor demonstram uma tendência à utilização de pausas. Como os números de pausas das justificativas relacionadas às posições discursivas não predominantes são equilibrados; e as tendências a irrupção de pausas – diante de *justificativas* – entre as posições discursivas de doente e de instrutor são contrárias, na somatória geral, elas se anulam causando o efeito de equilíbrio entre os números de ocorrências no discurso do sujeito com doença de Parkinson. Porém, podemos considerar que se o recorte usado para a análise, neste trabalho, fosse o objeto discursivo *saúde/doença*, acreditariamos numa tendência a não utilização de pausas diante de *justificativas* do funcionamento discursivo deste sujeito. E, se o recorte fosse o objeto discursivo *profissão de Mestre de Obras*, obteríamos um resultado contrário. Esses resultados demonstram a influência dos discursos sobre a irrupção de pausas diante do funcionamento semântico-discursivo *justificativas*.

Observemos agora os números de ocorrências de *conclusão* na sessão de conversação do sujeito com doença de Parkinson:

Total de <i>conclusões</i>	23
<i>Conclusões</i> ocorridas em presença de pausa	13 (56,5%)
<i>Conclusões</i> ocorridas em ausência de pausa	10 (43,5%)

Tabela 17: conclusões do sujeito parkinsoniano.

Como podemos observar no quadro acima, os números de *conclusões* encontradas na sessão de conversação do sujeito com doença de Parkinson não demonstram discrepância entre suas ocorrências em presença de pausa ou em ausência de pausa. Contudo, ao observarmos o quadro abaixo, observamos o fator responsável por tal efeito:

Posições discursivas	Conclusões	Presença de pausa	Ausência de pausa
Doente	4	3 (75%)	1 (25%)
Instrutor	11	8 (72,8%)	3 (27,2%)
Não predominantes	8	2 (25%)	6 (75%)

Tabela 18: conclusões por posições discursivas do sujeito parkinsoniano.

Podemos observar, no quadro acima, que, em relação às posições discursivas de doente e de instrutor, houve uma tendência a irrupção de pausas diante do funcionamento semântico-discursivo conclusões. Porém, em relação a posições discursivas não predominantes na sessão de conversação, houve uma tendência a não irrupção de pausas diante deste funcionamento. Assim, na somatória geral, observamos um efeito de equilíbrio entre os números de pausas diante de *conclusões*.

Podemos considerar que se recortando – da sessão de conversação – os objetos discursivos *saúde/doença* e *profissão de Mestre de obras*, os números de irrupção de pausa diante de *conclusões* se mostrariam tendenciosos para o uso destas diante deste funcionamento.

Observemos agora os números de pausas atreladas às *justificativas* identificadas na sessão de conversação do sujeito sem lesão neurológica:

Total de <i>justificativas</i>	37
<i>Justificativas</i> ocorridas em presença de pausa	26 (70,3%)
<i>Justificativas</i> ocorridas em ausência de pausa	11 (29,7%)

Tabela 19: justificativas do sujeito controle.

Podemos observar, no quadro acima, uma tendência à ocorrência de *justificativas* em presença de pausa na sessão de conversação do sujeito sem lesão neurológica. Lembramos que, em nossa análise sobre os processos discursivos deste sujeito, os dados observados permitiram categorizar apenas um discurso – o discurso de *superação*, no qual o sujeito é colocado na posição de *vencedor* – em detrimento de outras formações discursivas que não se mostraram predominantes.

O quadro abaixo mostra os números de *justificativas* – assim como as pausas atreladas a elas – relacionadas às posições discursivas deste sujeito:

Posição discursiva	<i>Justificativas</i>	Presença de pausa	Ausência de pausa
Vencedor	29	21 (72,4%)	8 (27,6%)
Não predominantes	8	5 (62,5%)	3 (37,5%)

Tabela 20: *justificativas* por posições discursivas do sujeito controle.

Podemos observar tanto no discurso de vencedor, como nos discursos não predominantes, uma tendência para a utilização de pausa diante do funcionamento semântico-discursivo *justificativas*. Neste caso, o discurso predominante e a categoria dos discursos não predominantes convergiram para a mesma tendência.

Observemos agora, no quadro abaixo, os números de *conclusões* – e pausas atreladas a elas – encontradas na sessão de conversação do sujeito sem lesão neurológica:

Total de <i>conclusões</i>	14
<i>Conclusões</i> ocorridas em presença de pausa	10 (71,4%)
<i>Conclusões</i> ocorridas em ausência de pausa	4 (28,6%)

Tabela 21: *conclusões* do sujeito controle.

Como podemos notar, no que se refere à sessão de conversação do sujeito sem lesão neurológica, há uma tendência à ocorrência de *conclusões* em presença de pausa. Observemos agora, no quadro abaixo, os números de *conclusões* – e as pausas atreladas a elas – relacionadas às posições discursivas do sujeito sem lesão neurológica:

Posição discursiva	Conclusões	Presença de pausa	Ausência de pausa
Vencedor	11	8 (72,8%)	3 (27,2%)
Não predominantes	3	2(66,7%)	1(33,3%)

Tabela 22: conclusões por posições discursivas do sujeito controle.

Tal como acontece com as *justificativas* do sujeito sem lesão neurológica, reparamos que, tanto para a posição discursiva de *vencedor*, como para posições discursivas não predominantes, há uma tendência para irrupção de pausas no que se refere às ocorrências das *conclusões* nos discursos deste sujeito.

Observemos, agora, uma comparação entre os números de ocorrência de *justificativas* – e as pausas atreladas a elas – nas posições discursivas de *Doente* e de *Instrutor* – do sujeito com doença de Parkinson – e na posição discursiva de *Vencedor* do sujeito sem lesão neurológica:

Posições discursivas	Justificativas	Presença de pausa	Ausência de pausa
Doente	19	4 (21%)	15 (79%)
Instrutor	16	10 (62,5%)	6 (37,5%)
Vencedor	29	21 (72,4%)	8 (27,6%)

Tabela 23: justificativas por posições discursivas dos dois sujeitos.

Notamos que na posição discursiva de doente – do sujeito com doença de Parkinson – as *justificativas* tenderam a ocorrer em ausência de pausa. Quanto que na posição discursiva de *Instrutor* – desse mesmo sujeito – e de *Vencedor* – do sujeito sem lesão neurológica – as *justificativas* tenderam a ocorrer em presença de pausa.

Acreditamos que – na medida que o sujeito com doença de Parkinson é colocado na posição de doente e sua interlocutora, fonoaudióloga, é colocada na posição de orientadora de saúde – grande parte dos enunciados desse sujeito passam a ser materializados em reparo à lacunas criadas pelo funcionamento discursivo de sua interlocutora. Porém, essas lacunas demandariam conteúdos semântico-discursivos pertencentes ao que Foucault define como ritual: “o ritual define a qualificação que devem possuir os indivíduos que falam (e que, no jogo do diálogo, na interrogação, na recitação, devem ocupar determinada posição e formular

determinado tipo de enunciados”. Dessa forma, o sujeito apenas se deixa atravessar pelo discurso já dito, já formulado, já naturalizado e legitimado pelos processos sócio-históricos. O resultado dessa restrição semântico-discursiva é o abafamento da materialidade dos outros discursos concorrentes nas cadeias parafrásticas, de modo que certas marcas, como a pausa, acabam por irromperem em menor frequência no fio do discurso – quando comparado a funcionamentos discursivos menos encapsulados.

A partir do momento em que o sujeito é colocado na posição de doente, grande parte do seu funcionamento discursivo – a fim de manter a ilusão de coerência em seu discurso – necessita, apenas, forjar o sentido de que seu corpo funciona mal. Abaixo, exemplos de enunciados em que encontramos *justificativas* ocorridas em ausência de pausa. Observemos como esses enunciados poderiam compor a materialidade discursiva de pessoas acometidas por outras doenças:

J.N. o senhor emagreceu um pouquinho não emagreceu não?

N.L. ah eu tô comendo menos né

J.N. por que que o senhor ta comendo menos?

N.L. é pra evitar muito né () (problema) () dor assim no estômago

J.N. porque dói demais né?

N.L. dá ruindade né um: moleza no corpo + o dia que eu levanto de manhã s:/ igual a hoje + cinco e meia + mas me dá um sono que eu vou te falar + tem hora que eu falo não vou mexer com nada vou ficar quieto em casa

J.N. senhor tá cuidando das plantinha direitinho lá?

N.L. tô mais ou menos

J.N. + ei mas tá tudo mais ou menos

N.L. ta/ ta/ + e::u num sei não antes eu () sou desanimado demais + eu não era assim não sabe mas agora +

J.N. + ainda bem que tem alguém pra te animar ué

N.L. rapaz olha tem que tem que ter mesmo porque se não tiver né vai indo pára né

Por outro lado, em relação à posição discursiva de instrutor, encontramos uma tendência inversa à tendência observada nas *justificativas* encontradas no discurso de doente.

Acreditamos que essa diferença ocorra em virtude da complexidade enunciativo-discursiva implicada na tarefa de se ocupar a posição discursiva de instrutor. Ao contrário da posição discursiva de doente, como instrutor, o sujeito não pode mais se permitir apenas sustentar a ideologia de que seu corpo funcionaria mal. É necessário elucidar questões técnicas a uma pessoa leiga no assunto. É necessário escolher a materialidade discursiva que conteria (ilusoriamente) a deriva dos sentidos. É necessário manter a imagem de profissional competente que entende e é capaz de discorrer sobre sua profissão. Dessa maneira, seria mais difícil evitar as marcas – como a pausa – dos conflitos entre as materialidades discursivas latentes nas cadeias parafrásticas. Observemos exemplo desse funcionamento no recorte abaixo:

J.N. o senhor sabe fazer tudo esses cálculos?

N.L. tudo (a/ q/ m/na/) (alguma coisa) eu não sei f: já tá guardado na cabeça né

J.N. ((risos))

N.L. que (a obra) mais diffic:/c:/cil na obra + é a estrutura da: da: é a fundação entendeu? + é lá dentro do chão + porque não adianta cê fazer pra cima bonito e: dentro do chão tiver mal feito + que vai acontecer? + as paredes vai trincar + talvez vai cair + dá defeito + **então o principal é na saída da/da/da construção depois + cê sai pra cima aí cê mais ou menos já f/**

J.N. ((tosse)) aí é mais fácil

N.L. mais tranquilo mesmo + agora vem a laje j/já é outra coisa mais + cê tem que f/ administrar ela bem fazer bem feito né + porque ela pode cair pode trincar

Em relação à posição discursiva de vencedor – do discurso de superação do sujeito sem lesão neurológica –, acreditamos que a grande incidência de pausa diante das *justificativas* relacionadas a essa posição discursiva ocorra em virtude da grande quantidade de formações discursivas e funcionamentos discursivos latentes nas cadeias parafrásticas que permeiam o discurso de superação. Lembramos que o sujeito sem lesão neurológica participa da sessão de conversação com o propósito de fornecer dados de “fala saudável”. Dessa maneira, poderíamos esperar que o sujeito fosse atravessado pelos discursos que colocam a linguagem formal como modelo de “boa fala”. Podemos observar, no trecho abaixo, no

discurso do sujeito sem lesão neurológica, um indício de sua preocupação com sua amostra de fala:

A.S. Deus + eu tive boas amizades em Monte Carmelo + tanto com as pessoas que veio pra Monte Carmelo + como eu também sou um: + um ((clique línguo-alveolar)) + como é que a gente fala Ju? (((risos))) vai sair lá na fita ((ri enquanto fala)) + não eh:] eu sou: eu
 J.N. [uai não sei o que que cê quer falar
 não sou carmelitano [sou só um: ((cliques línguo-alveolares))] + ah meu Deus do céu tá
 J.N. [(((tossiu)))]
 gravando tudo direitinho aí eu vou ter [que sa/ ((risos))] + vou ter que: da/ ((risos)) vou
 J.N. [(((risos))) + não tem [problema não ((risos))]
 ter que dançar + [depois cê corta essas parte ((risos))]

O exemplo abaixo traz um indício de mais um discurso presente nas cadeias parafrásticas que permeariam o discurso de superação, o discurso de hierarquização do saber acadêmico em relação aos outros saberes:

AS gosta de estudar + e: eu acho bom o G. é um menino que não + todos são bom + mas ele destaca porque ele quer fazer uma coisa mais fácil ele não quer errar + é igual eu falo ô E. + se você sofre cê vai trabalhar pros outros sofre ocê tem: cê tendo assim um: + cê sendo uma pessoa mais qualificada + ocê: + cê tem o direito de reivindicar as coisas + é igual JN + JN + JN + cê vai me um: uma aula aí por quanto? + eu não vou te pagar tanto não e:u eu tenho que saber o quanto que cê quer pra você fazer um trabalho pra mim de escola e essa coiserada né + então igual eu fiz com o G. né o: povo chega aqui e quer + traduzir um texto p/ em: inglês de português pra inglês de inglês pra português tudo ele faz + **então ele chega ele põe um preço dele** + é igual você no seu estudo também

Levantamos a hipótese que a pausa marcaria os conflitos gerados na tarefa de abafar as vozes dos outros discursos. Dessa forma, seria possível manter a coesão do discurso defendido na posição discursiva de vencedor.

Comparemos, agora, os números de *conclusões* – e as pausas atreladas a elas – relacionadas às posições discursivas de *Doente* e de *Instrutor* – do sujeito com doença de Parkinson – e à posição discursiva de *Vencedor* – do sujeito sem lesão neurológica.

Posições discursivas	Conclusões	Presença de pausa	Ausência de pausa
Doente	4	3 (75%)	1 (25%)
Instrutor	11	8 (72,8%)	3 (27,2%)
Vencedor	11	8 (72,8%)	3 (27,2%)

Tabela 24: conclusões por posições discursivas dos dois sujeitos.

Como já mencionamos na sessão 4.2 de nosso trabalho, uma das funções da irrupção de pausas é a separação e destaque entre funcionamentos semântico-discursivos dentro dos enunciados. A *conclusão* é um desses funcionamentos que, em especial, exerce a função de desenlace, de fechamento para os enunciados. Como funcionamento semântico-discursivo, age no sentido de conter (ilusoriamente) a deriva dos sentidos, é uma importante ferramenta para a tarefa de forjar a ilusão de coesão do discurso defendido. Não à toa, encontramos um alto índice de irrupção de pausas diante desse funcionamento semântico-discursivo. Acreditamos que os momentos de fechamento sejam um lugar de muitos conflitos entre materialidades latentes e discursos concorrentes nas cadeias parafrásticas. A *conclusão*, além de finalizar um conteúdo, pode servir de deixa para o enunciado de seu interlocutor.

Observamos, inclusive, que as proporções entre as irrupções de pausas diante de *conclusões* se mostram próximas entre suas ocorrências no discurso de doente – presença de pausa 75%, ausência de pausa 25%, no discurso de instrutor – presença de pausa 72,8%, ausência de pausa 27,2%, é no discurso de vencedor – presença de pausa 72,8%, ausência de pausa 27,2%. Observemos o exemplo abaixo – retirado do discurso do sujeito com doença de Parkinson – de uma *conclusão* que opera no sentido de destacar um conteúdo semântico-discursivo e fornecer fechamento a seu discurso:

J.N. e as caminhada o senhor não tá fazendo?

N.L. ((clique línguo-alveolar))

J.N. por que?

N.L. comecei fazer esses tempo atrás depois parei de novo

J.N. aí ih:: mas o senhor/ + toda vez eu ouço essa mesma história

N.L.. teve um dia/ n:ão sabe o que + não (mas) sabe o q/ + o que aconteceu + (e::u a: e Ma::: fo/fo::i)
nós tinha caminhado dois dia + (ch/ f/) segunda e terça parece + aí no outro dia eu fui + andei um pedacinho e parece que travou + **aí depois desse dia eu não andei mais**

Observemos que o sentido de “parar de fazer caminhada” já havia se irrompido no fio do discurso – no enunciado da interlocutora –, portanto, era um conteúdo latente, facilmente evocável, porém, a conclusão do sujeito espera a irrupção de uma pausa para trazer à tona novamente (num outro enunciado) esse sentido. Dessa forma fica em destaque o desenlace de sua pequena narrativa.

Observemos esse efeito de fechamento, de enlace, típico do funcionamento semântico-discursivo *conclusão* num trecho retirado do discurso do sujeito sem lesão neurológica:

A.S. p/ + da onde que eu vim + a situação que eu já passei + hoje graças a Deus a gente tem uma casa + sossegado + tem lazer + tem um/ + as coisas tem/ tem carro pra andar tem moto pra andar + cê não vai pro serviço mais numa bicicleta cê não precisa de ralar + andar descalço na rua cê não precisa disso + **então hoje eu acho assim que + ele foi muito generoso comigo**

Observamos, em nosso trabalho, que os discursos impõem posições a serem ocupadas pelos sujeitos dentro das formações discursivas. Ocupar posições discursivas significa ser atravessado por um funcionamento discursivo que marque – no fio do discurso – essa tomada de posição. Na medida em que *justificativas* e *conclusões* são irrompidas conforme as determinações do funcionamento discursivo dos sujeitos, as pausas atreladas a esses funcionamentos semântico-discursivos também são.

Assim, ao descrevermos e levantarmos hipóteses teóricas a respeito da relação entre a irrupção de pausas – diante dos funcionamentos semântico-discursivos *justificativas* e *conclusões* – e a materialidade que evidencia as características do funcionamento discursivo dos sujeitos, em suas tomadas de posições discursivas; e ao quantificarmos e relacionarmos os números de ocorrências de *justificativas* e *conclusões* – e as pausas atreladas a elas – à questões discursivas, acreditamos ter respondido à terceira questão de nossos objetivos: em que medida a irrupção de pausas nos enunciados dos dois sujeitos sofreria a influência de seus funcionamentos discursivos.

5. Considerações finais

De modo a concebermos de que maneira a irrupção de pausas estaria relacionada com os processos discursivos dos sujeitos de nossa pesquisa, percorremos um caminho que envolveu três etapas de análise sobre os dados desses sujeitos. Demonstramos, no capítulo 4.1 (Números de irrupção de pausas em *justificativas* e *conclusões*), a forte relação que os funcionamentos semântico-discursivos *justificativas* e *conclusões* teriam com a irrupção de pausas nos enunciados destes sujeitos. Esta informação nos serviu de base e justificativa para, no capítulo 4.2 (*Justificativas* e *conclusões* nos processos discursivos dos sujeitos), descrevermos os discursos predominantemente marcados nas sessões de conversação de ambos os sujeitos e demonstrarmos de que maneira as *justificativas* e *conclusões* atuariam na materialidade discursiva desses sujeitos.

Analisar os discursos dos sujeitos e suas relações com esses funcionamentos semântico-discursivos nos abriu a possibilidade de relacionar números de irrupção de pausas a processos discursivos. Assim, no capítulo 4.3 (Pausas e funcionamento discursivo dos sujeitos) expomos as evidências que indicariam o funcionamento discursivo dos sujeitos e realizamos o levantamento das *justificativas* e *conclusões* – e suas ocorrências em presença e ausência de pausa – em função das posições ocupadas pelos sujeitos dentro dos discursos. Dessa maneira, demonstramos como a força dos discursos pode atuar na materialidade discursiva dos sujeitos de modo a influenciar – inclusive quantitativamente – a irrupção de pausas em seus enunciados.

Temos certeza que, além do conteúdo descrito em nosso trabalho – acerca de pausas, *justificativas* e *conclusões* e funcionamento discursivo – existe muito mais a ser questionado e investigado. A cada passo dado em direção ao interior do funcionamento discursivo, muitas portas são abertas e as possibilidades de pesquisa e de resultados são incalculáveis.

Os resultados encontrados em nosso trabalho não devem ser estendidos à doença de Parkinson. Acreditamos que a metodologia utilizada aqui aplicada a materiais discursivos de outros sujeitos – doentes ou não –, poderia mostrar resultados diferentes. E, se selecionássemos como categoria de análise outros funcionamentos semântico-discursivos – que não *justificativas* e *conclusões* – nos materiais discursivos destes mesmos sujeitos analisados em nosso trabalho, os resultados também poderiam ser diferentes, inclusive no que se refere à quantidade ou proporção de pausas encontradas. Contudo, considerar que em funcionamentos discursivos diferentes – seja comparando os discursos de sujeitos diferentes, ou comparando diferentes funcionamentos discursivos de um mesmo sujeito – o funcionamento das pausas poderia ser diferente, já ilustra bem o espírito de nosso trabalho.

Considerando a análise apresentada nesta dissertação, acreditamos que testes fechados, pautados em repetição de sentenças ou leituras – utilizados por médicos e fonoaudiólogos em seus diagnósticos sobre questões de linguagem na doença de Parkinson, como relatamos na introdução de nosso trabalho – podem demonstrar uma dimensão muito reduzida dos diversos fenômenos que circundam a irrupção de pausas nos enunciados desses sujeitos.

Não negamos os fatores pneumofonoarticulatórios que são envolvidos na irrupção das pausas, porém, acreditamos que há muito mais a ser relacionado a esse fenômeno – nos discursos de sujeitos com doença de Parkinson ou de sujeitos sem lesão neurológica – do que apenas fatores físico-orgânicos, como faz grande parte da literatura biomédica sobre o assunto.

Referências bibliográficas

- ASSOLINI, F.E.P.; TFOUNI, L.V. Gestos de interpretação e de autoria em produções lingüísticas orais e escritas: desafios e possibilidade. In: **29ª Reunião da ANPED**. 2006.
- AUTHIER-REVUZ, J. Heterogeneidade(s) enunciativa(s). **Cadernos de estudos lingüísticos**, Campinas, v. 19, p. 25-42, jul./dez. 1990
- AUTHIER-REVUZ, J. **A representação do discurso outro: um campo multiplamente heterogêneo**. Calidoscópio Vol. 6, n. 2, p. 107-119, mai/ago 2008.
- CAMILLO, M.. Momentos de mudança de orientação de sentido nas hesitações de um sujeito com Doença de Parkinson e de um sujeito sem lesão neurológica. **Revista de Iniciação Científica da FFC**, homepage: <http://www.portalppg>, p. 1 - 12, 13 out. 2009.
- CHACON, L.; SCHULZ, G. Duração de pausas em conversas espontâneas de parkinsonianos. **Cadernos de Estudos Lingüísticos**, Campinas, n. 39, p. 51-71, jul./dez. 2000.
- COUDRY, M. I. H. **Diário de Narciso: discurso e afasia**. 2ª. ed. São Paulo: Martins Fontes. 1996.
- DIAS, C. E. B. **Integração cognitivo-motora em hesitações na atividade verbal de sujeitos parkinsonianos**. Relatório FAPESP, Processo: 04/02349-1, 2005.
- FOUCAULT, M. **L'Ordre du discours, Leçon inaugurale ao Collège de France prononcée le 2 décembre 1970**, Éditions Gallimard, Paris, 1971.Tradução de Edmundo Cordeiro. Disponível em <http://pt.scribd.com/doc/2520353/Michel-Foucault-A-Ordem-do-Discurso>. 27/06/2011
- FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. 6. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.
- ILLES, J. et al. Language production in Parkinson's disease: acoustic and linguistic considerations. **Brain and Language**, vol. 33, no. 1, pp. 146–160, 1988.

KNOOP D, PADOVANI M. Voz, Fala e Deglutição. In: **Conhecendo Melhor a Doença de Parkinson**. Limongi JCP(ed), São Paulo: Plexus, 2001.

NASCIMENTO, J. C.. **Fenômeno hesitativo na linguagem**: um olhar para a Doença de Parkinson. 2005, 158f. Dissertação (Mestrado em Estudos Lingüísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” São José do Rio Preto.

OJEDA B. S. **A tecedura das relações saber-poder em saúde: matizes de saberes e verdades** [tese]. Porto Alegre: PUCRS, Faculdade de Psicologia; 2004.

OLIVEIRA, E. C. **Um estudo comparativo do funcionamento das pausas na atividade verbal de sujeitos parkinsonianos**. 2003, 177f. Dissertação (Mestrado em Lingüística) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, São José do Rio Preto.

PÊCHEUX, M. & FUCHS, C. A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas. In: GADET, F.; HAK, T. (Org.). **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. Tradução de Bethânia S. Mariani et al. 3. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1990.

PÊCHEUX, M. **O discurso**: estrutura ou acontecimento. São Paulo: Pontes, 1990.

PINTO, S. et al. Treatments for Dysarthria in Parkinson’s Disease. **Neurology**. v. 3, p. 547-556, 2004.

PRETTI, D. & URBANO, H. **A linguagem falada culta na cidade de São Paulo**: materiais para seu estudo. São Paulo: T.A. Queiroz, Editor/FAPESP, 1998.

PITCAIRN, T.K.; CLEIME, S.; GRAY, J. M. & PENTLAND, B. (1990). Impressions of parkinsonian patients from their recorded voices. **British Journal of Disorders of Communication**, v. 25, n. 1, pp. 85-92.

STREIFLER, M. e HOFMAN, S. Disorders of Verbal Expression in Parkinsonism. **Advances in Neurology**, New York, vol. 40, p. 385-393, 1984.

TFOUNI, L. V. A dispersão e a deriva na constituição da autoria e suas implicações para uma teoria do letramento. In: SIGNORINI, I. (Org.). **Investigando a relação oral/escrito e as teorias do letramento**. Campinas: Mercado de Letras, 2001; p. 77-96.

TFOUNI, L.V. & ASSOLINI, E. P. Interpretação, autoria e prática pedagógica escolar. **Odisséia** (UFRN), v. 1, p. 1-16, 2008.

TFOUNI, L. V. (2005). “Letramento e autoria: uma proposta para contornar a dicotomia oral e escrita”. Em: **Revista da ANPOLL**, nº 18, 127-141. Campinas, SP.

ZANIBONI, L. F. **Função das pausas na atividade discursiva de sujeitos com Doença de Parkinson**. 2002, 138f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, São José do Rio Preto.

ZWARG, Y. V. **Pausas em momentos de avaliações nos enunciados falados de sujeitos com doença de Parkinson**. Revista de Iniciação Científica da FFC, Vol. 9, Nº 3, 2009. Disponível em: <http://revistas.marilia.unesp.br/revistas/index.php/ric/article/view/255>

ZWARG, Y. V. **Hesitações em momentos de avaliação nos enunciados falados de sujeitos com Doença de Parkinson**. Relatório CNPq/PIBIC, 2008.

ANEXO

Transcrição da sessão de conversação do sujeito com doença de Parkinson (N.L.)

Data da gravação: 06/03/06

Duração da gravação: 40:42 minutos

N.L. eh: Nilson Leme da Silva + doze do dez de quarenta e seis + primeiro: colegial

J.N. primeiro/ primeira série né?

N.L. é

J.N. e agora vamos começar a contar então + que [hoje] é o último di:a hoje é dia de

N.L. [hum]

falar mais

N.L. dez minutos

J.N. + que dez minu:tos

N.L. + quantos minutos (vai) então?

J.N. uai + do tanto/ o tanto que tiver assunto

N.L. vai falar sobre o que hoje?

J.N. ua:i + o senhor que tem que me contar o que que o senhor andou fazendo de bom não é?

N.L.+ [de bom?]

J.N. [como é] que foi o Natal:: como é que foi o Ano No::vo ó o tanto de tempo que eu não vejo o senhor seu Nilson

N.L. pois é fiquei quietinho em casa viu

J.N. pois é mas ninguém foi lá:: [fazer umas visitinha?]

N.L. [o carnaval passou] também e eu não fui

J.N. carnaval o senhor não foi pular nenhum [DIA]?

N.L. [não] só olhei na televisão

J.N. + viu da televisão?

N.L. uhn

J.N. + e o [Natal e o ano Novo]?

N.L. [o na/ o: ((incoordenação))] o Natal até (foi) bom eu ganhei um cartão né

J.N. ah é:: eu mandei um cartão pro senhor + o [senhor gostou]?

N.L. [eh:: eu] recebi + gostei + muito obrigado viu?

J.N. de nada fui eu que fiz viu o cartão

N.L. ó:: ++ tá bom (né)

J.N. ((risos)) eu tô chique não tô?

N.L. tá:

J.N. ((risos))

N.L. ((pigarreia))

J.N. + e:: mas me conta o que cês fizeram no Natal

N.L. + o que que fizeram? + a Maria fez eh/ o que foi? ((virando-se para Maria))

J.N. uAi

N.L. um almoço

M. + uma janta né?

N.L. é uma janta

J.N. uma janta? o quê que tinha nessa janta?

N.L. + (vários:) ++ tinha carne assada ++ tinha ++ eh: maionese

J.N. hum::

N.L. macarronada

J.N. + foi bom lá então [hein]

N.L. [depois] da/da/da janta teve doce

J.N. hum:: que doce foi esse?

N.L. uai mas é claro que doce de leite
 J.N. hum + do jeito que é bom doce de leite hein
 N.L. uhum + cê gosta?
 J.N. eu gosto
 N.L. + eu ado:ro também + mas eu não posso comer né?
 J.N. por que?
 N.L. por causa da gastrite
 J.N. parece que o senhor deu uma emagreCIda né?
 N.L. + tô magro?
 J.N. o senhor emagreceu um pouQUInho não emagreceu não?
 N.L. ah:: eu tô comendo menos né
 J.N. + por que?
 N.L. a Maria () pra mim comer mais mas eu tô comendo menos
 J.N. por que [que] o senhor ta comendo menos?
 N.L. [é/]
 N.L. é pra evitar () mesmo dor assim no estômago
 J.N. + mas o senhor tá comendo muitas vezes no dia ou não?
 N.L. + t/tem dia ++ q/que eu (bato) três vezes por dia + quatro
 J.N. POuco deMAis
 N.L. + pior que é [né]?
 J.N. [tem] que comer umas seis vezes no dia come um pouquinho
 N.L. pior que às vezes tem dia que () ataca e:u ((incoordenação)) passo mal e tem dia que não viu
 J.N. pois é mas quanto [menos o senhor comer] mais vai atacar
 N.L. [igual hoje eu tô bem]
 N.L. + hoje eu tô até bem ++ mais difícil pra mim tá sendo andar viu
 J.N. + [é?]
 N.L. [Julyana]
 J.N. + e como é que tá indo na fisioterapia?
 N.L. vim de lá agora
 J.N. + tá fazendo direitinho?
 N.L. ah:: faz mas mais ou menos () ++ devagar demais né
 J.N. por que devagar?
 N.L. ah porque começa:: eh né + até que tira a pressão tira + batimento cardíaco + começa depois pára mais pra fazer de novo né então: o + o MÁximo o MÁximo vinte e cinco minuto + porque a au/ a aula é quarenta e cinco né ++ vai começa::r + dez d/dez minuto depois então é vinte e cinco minuto + duas vezes por semana ++ mas tá bom né?
 J.N. ((tossiu)) é mas tem que [continuar] (...)
 N.L. [o negócio] é não ficar entrevado né tem que andar
 J.N. + e as caminhada o senhor não tá fazendo?
 N.L. ((clique línguo-alveolar querendo dizer não))
 J.N. [por que?]
 N.L. [comecei] fazer esses tempo atrás depois parei de novo
 J.N. ai ih:: [mas o senhor/ + toda vez eu ouço essa mesma história]]
 N.L. [teve um dia/ n:ão/ sabe o que + não mas sabe o q/ +] o que aconteceu + (e::u a: ma::: fo/fo::i) ((incoordenações)) nós tinha caminhado dois dia + s/s/segunda e terça parece + aí no outro dia eu fui + andei um pedacinho parece que travou + aí depois desse dia eu não andei [mais]
 J.N. [carrega] um banquinho [+ dá uma sentadinha]

N.L. [((risos))] tô custando carregar eu sô
vou carregar um banquinho?
J.N. uai mas/ dona Mari::a
N.L. ((risos))
J.N. ó ((apontando para a esposa de N.L.)) + carrega um [banquinho daqueles] que
N.L. ((risos)) [bem que eu tenho] +
fecha [sabe?]
[justamente] eu tenho daquele banquinho
J.N. então
N.L. pode carregar igual uma mala na mão
J.N. ué pequeninho ué + [aí travou dá um sentaDinha] olha a RUa e TAL
N.L. [()] ((risos)) + vou sentar no meio fio ()
J.N. ((tossiu)) + [é que até o senhor chegar lá em embaixo] no meio fio
N.L. [((mas/ até lá/ não/))]
N.L. ++ ((durante o tempo de silêncio N.L. faz movimentos com os lábios)) porque lá em casa
cê sabe como é que é né pra descer é uma beleza pra subir daí a vo/ a volta minha filha
J.N. fala [pra Maria te buscar de carro cê desce e ela te busca de carro]
N.L. [porque: + porque depo/ +]
N.L. pra:: andar de a pé + descendo é um beleza e/eu ando quase normal
J.N. ((tosse))
N.L. + agora pra subir n/ ++ hum/eh:: nov/ n/no nivelado mesmo + é até bom mas na subida
J.N. mas lá:: perto da casa do senhor não é que tem uma pista lá que o senhor faz caminhada?
N.L. tem
J.N. + e lá não é reto?
N.L. pois é mas tem o problema que cê tem que descer né
J.N. de CArro
N.L. é + um dia eu falei pra Maria um dia eu vou de:/ andar de a pé e ela vai atrás de mim de
carro né eu cansei (eu entro) no carro
J.N. nã:o o senhor [vai até: a pista que é reta de ca:rro (...)]
N.L. [e out/ + e outra coisa + eu tenho] que fazer isso viu + eu tenho que dar um
jeito de an/ de andar ma:is de sair mais de ca:as () + todo mundo me cobra né + f/k/ ((como
se pronunciasse silenciosamente a palavra “fica”)) + a Maria v:ive me cobrando tem que sair
mais de ca:sa + mas é igual eu te falei parece que eu + ((simultaneamente à pausa produz
ruídos laríngeos, até o início da vogal “e” que iniciará o próxima etapa do enunciado)) eu saio
tá tudo bem + eu entro no meio de um movimento de gente eu perco + o rebolado de um
modo do outro
J.N. vai pra lugar que não tem muita gente
N.L. mas não tem jeito né + igual eu venho aqui às vezes eu venho bem a hora que eu entro
aqui dentro já::
J.N. + já trança [a perna]
N.L. [por que será?] + [cabeça né?]
J.N. [e se] + eu não sei explicar pro senhor mas existe mesmo
esse relato que/ por exemplo + que a hora que vai passar na PORta tem dificulda:de que a
hora que tem muita gente que fica mais/ + nerVOso assim porque né
N.L. às vezes eu vou andar dou três quatro passos + eh:: normal depois eu já + descontrolo +
o passo vai ficando miúdo meu corpo eh/ + cai pra/ + ((durante o silêncio, inicia o movimento
de produção do fonema /f/) frente né ++ então (tudo isso é) difícil
J.N. e em casa o senhor tá (...)?
N.L. ah em casa eh:: + ((produz murmúrio durante a pausa)) a gente estando dentro de casa a
gente (faz) mais errado do que certo né + mas eu não PAro não + eu ando o dia TOdo ++ vou

na rua volto vou lá no fundo então né + ((durante o silêncio, produz movimento com os lábios)) subo escada desço escada

J.N. + uai lá tem escada?

N.L. tem subind/ t/tem cinco degrau pra subir pro quintal

J.N. ah:: é que eu nunca fui lá

N.L. é:: tem de/ cinco [degrau]

J.N. [(senhor)] tá cuidando das plantinha direitinho lá?

N.L. tô mais ou menos

J.N. + ei mas tá [tudo mais ou menos]

N.L. [ta/ ta/ + e::u] num sei não (antes eu) () sou desanimado demais + eu não era assim não sabe mas agora

J.N. + o senhor tá tomando os mesmos remédios?

N.L. tô + eu normalmente () eu te contei que tô tomando o prolopa agora?

J.N. + acho que na outra vez já tava né?

M. eu acho que tava sim

J.N. que hora o senhor tomou o remédio hoje?

N.L. + que hora foi (que nós chegamos)?

M. ((pigarreia)) nove e/ + no mesmo hoRÁRIO (que a gente tem costume) [nove] nove

N.L. [nove hora]

e quinze

N.L. ++ nós chegou aqui cedo né tem mais de hora que nós tá aqui

J.N. + faz mais de uma hora que cês tão aqui?

N.L. faz + porque nós p/ nós f:ez ((incoordenação durante o alongamento)) di/ nós veio direto da fisioterapia ((incoordenação durante o trecho “fisio”))

J.N. ah: não passaram em casa não? [+] [ah:: se vocês tivessem] me falado

N.L. [não]

M. [(a gente) veio direto]

J.N. ++ tinha vindo mais cedo

N.L. a gente veio direto + porque ir lá e v/depois ((incoordenação na produção da sílaba “de”)) voltar né?

J.N. + e tem muito tempo que não vai na doutora Sheila?

N.L. ++ tem hum: dois/ três meses + vai fazer três meses ()

M. (tem) três meses já + é ta fazendo três meses

J.N. [da última vez (...)]

N.L. [dia dezessete] ()

J.N. e da última vez que o senhor foi lá o senhor falou que o senhor tava ficando desanima:do

N.L. uhum

J.N. desestimula:do ++ falou?

N.L. falei ++ mas depende mais é de mim né Julyana?

J.N. não mas às vezes seu Nilson + às vezes um antidepressivo vai ajudando + a melhorar o [humor] ()

N.L. [mas eu] tenho eu tomo um

J.N. senhor toma qual?

N.L. + é:

M. amitriptilina

J.N. [qual?]

N.L. [como?]

M. amitriptilina

J.N. hum tá

N.L. todo dia eu tomo um comprimido J.N. + junto com o [prolopa?]

N.L. [me dá é sono] demais

J.N. + [e o eh: (...)]

N.L. [não o] prolopa e/e/ o acneton eu tomo de manhã né + e o:: amitriptilina eu tomo

J.N. ++ à noite?

N.L. à noite

J.N. ++ é ou às vezes tá de aumentar a do::se ++ [né?]

N.L. [aumentar?] ++ não gosto de remédio que me dá dor de estômago ++ tomar mais?

J.N. o prolopa é que dá: e o acneton

N.L. NÃO ++ o prolopa não dá não

J.N. não tá dando não?

N.L. o prolopa () o que dá é o acneton

J.N. + o acneton? + é tem gente que dá com o prolopa também

N.L. nã/ + p/ (na hora) que tomo os dois quase junto mas pode ser os dois mas

J.N. + mas o senhor JÁ tinha dor estômago [já né?]

N.L. [já::]

J.N. há muito tempo então às [vezes (...)]

N.L. [antes d/eu co/ d/eu s: deu come/s/s:/ que eu/ apareceu esse problema em mim eu/ tinha ++ porque eu tive úlcera no estômago né [+] aí a

J.N. [(((tossiu)))]

úlcera sarou mas o gastrite permanece

J.N. mas seu Nilson falando sério quanto MAIS o senhor comer ++ de pouco espaço de três em três ho:ras + melhor vai ficar o estômago do senhor porque aí ele fica protegido

N.L. + pior é quando a/ co/t/ a comida que me faz mal né?

J.N. é:: mas aí o senhor come me:nos entendeu então vai/ vai digerir melhor ++ agora quanto mais [tempo o senhor fica sem comer mais] dói a hora que come

N.L. [justamente quando a/ (...)]

N.L. justamente tá acontecendo quando eu fico sem comer ()

J.N. + quanto mais tempo fica sem comer a hora que vai comer mais vai doer

N.L. + entendi eu vou falar hum:: f/fica difícil viu ++ cê não tem vontade de NAda

J.N. + porque dói demais né?

N.L. dá ruindade um:: moleza no corpo +++ o dia que eu levanto de manhã s::s:/ igual HOje ++ cinco e meia ++ mas me dá um sono que eu vou te falar ++ tem hora que eu falo não vou mexer com nada vou ficar quieto em casa ++ ()

J.N. + ainda bem que tem alguém pra te animar UÉ

N.L. o pior é que tem que ter mesmo porque se não tiver né vai indo pára né

J.N. ++ [(faz)] a gente piorar a gente pio::ra porque fica/ + parado

N.L. [porque/ (...)]

N.L. parado né + n:ão é fácil não

J.N. ++ (((tossiu))) ++ mas o senhor não terminou de me contar do Natal

N.L. ++ uhum

J.N. ((inicia um toque de celular)) só me contou o que que teve de comi::da

N.L. ++ Natal só passamos em casa (Julyana)

J.N. + quem que tava [lá?]

N.L. [a M:/] Maria foi na casa da mãe dela e eu fiquei em casa

J.N. o senhor não quis ir?

N.L. ++ ((faz gesto de “não” com a cabeça)) ((celular pára de tocar)) é o problema que eu tô te falando né a gente f/ acha difícil ficar no meio do povo

J.N. + mas mesmo se for famí:lia?

N.L. + MESmo se for família +++ é uma coisa in::teressante ((incoordenação durante o alongamento)) e:u ((incoordenação durante o alongamento)) não sei o q/q tá acontecendo comigo () ++ mas eu já vi muitas pessoa falar que esse probl/ que esse (incômodo) dá esse problema mesmo né

J.N. + pois é mas a gente luta [contra ++ a Adriana por exemplo (...)]

N.L. [tem/ + tem pessoa] que não divulga isso pra ninguém que tem (problema)

J.N. não a Adriana por exemplo ela/ + se mete no meio do povo

N.L. ++ é acostumou né?

J.N. + então mas é por que ela luta [contra né?]

N.L. [porque ela é:: ela é:: é mais é sozinha () ++ cê tem visto ela?

J.N. + eu vou ver ela quarta-feira

N.L. eh cê vai entrevistar ela também?

J.N. ((fazendo “sim” com a cabeça)) ++ vou

N.L. é a última vez também?

J.N. dela também é a última vez

N.L. hum:: +++ e que que que o quadro nosso () o que que tá acontecendo + tá piorando ou melhorando? +++ [eu queria saber]

J.N. [seu Nilson] tá: + da primeira gravação pra hoje + a fala ficou um pouquinho mais ++ baixinha

N.L. mais baixa

J.N. + é mas:: de modo geral tá até estável ++ é igual o senhor falou + o que tá ficando ma:is + evidente é a dificuldade de movimento/ + [de perna] mesmo [(isso)]

N.L. [uhum] [isso é mesmo]

J.N. mas a fala + aparentemente tá mantendo ++ é que a gente não pegou to:das pra poder olhar né

N.L. hum

J.N. a gente tá fazendo a coleta pra depois poder/ c/omeçar a estudar o material ++ aí a hora que começar a estudar a gente vai ter condições de falar melhor

N.L. ++ é eu acho que: cada dia que passa (vai me dando) um problema a mais né? ++ mesmo que a gente toma remé::dio fazendo fisioterapi::a ++ va/va/ a idade vai subin::do

J.N. + a gente é que tem que lidar com ela de outro jeito [né?]

N.L. [é::] justamente eu já vi pessoa falar assim que::

J.N. ((pigarreia))

N.L. que luta anda eh: + faz camiNHAda ++ que pe/q/que coisa que é bom ele pega e faz + eu tô precisando fazer isso mas falta ahn coragem

J.N. + tem que ser o senhor pra ter mesmo porque (...)

N.L. é: justamente tenho mesmo

J.N. + precisa começar seu Nilson

N.L. vou começar essa semana

J.N. e::i mas eu ouço isso toda vez que o senhor vem aqui

N.L. uai

J.N. [e aí] toda vez que senhor volta [eu ouço assim] + fiz dois dias depois num fiz

N.L. [semp/] [eu eu eu (vou começar) sexta-feira]

mais

N.L. sexta feira ou vou pra Caldas

J.N. ah é:::?

N.L. é:: eu vou começa::r né?

J.N. ah:: então o senhor já tá é: porque já sabe que vai né?

N.L. + é sexta-feira + se Deus quiser

J.N. ((tossiu)) vai o senhor e quem?

N.L. família toda ué

J.N. ah é? + que coisa bo::a

N.L. + vamos?

J.N. uai não tem jeito né seu Nilson + o senhor sabe que eu tô mudando agora de cidade né?

N.L. mudando de Uberlândia?

J.N. + vou fazer doutorado fora

N.L. ah é?

J.N. é assim eu vou vir aqui mas menos do [que/(...)]

N.L. [(lá em) Ribeirão?]

J.N. vou fazer em São José do Rio Preto

N.L. + mais longe ainda que Ribeirão

J.N. não é a mesma distância

N.L. ah é?

J.N. daqui ++ é: + duzentos e oitenta quilômetros ++ daqui

N.L. + o que ocê vê (muita gente faz é em ((incoordenação)) Ribeirão Preto)

J.N. + é: e aí é assim (...)

N.L. em Minas não tem não ++ (doutorado) não?

J.N. pra minha área não

N.L. não?

J.N. não + pro que eu queria não + mas assim: eu vo::u mas + minha família tá aqui: né então + vou sempre tá aqui + também

N.L. uhum ++ coisa boa

J.N. mas é quatro anos né?

N.L. QUATRO anos? ++ mas é uma vez por semana?

J.N. + toda semana

N.L. pois é mas é uma vez só

J.N. três dias eu vou ter de aula

N.L. três dias? ++ então compensa ficar aqui mesmo

J.N. pois é mas é três dias dividido ++ é segunda + quinta e sexta

N.L. ((faz gesto de concordância com a cabeça))

J.N. + fica caro demais pra eu ficar aqui

N.L. vai virar paulista então

J.N. ((risos)) ++ pra eu ficar aqui eu não dou conta de pagar as passagens

N.L. é pior né?

J.N. caro demais ++ (hum)

N.L. + e aí vai casar e vai ou não?

J.N. ((tossiu))

N.L. NÃO?

J.N. meu namorado tá em São Paulo

N.L. [ma/]

J.N. [como é que casa?]

N.L. + tá bom

J.N. vai ficar mais [perto] né? ((risos))

N.L. [mais perto] ((risos)) ++ mais fácil

J.N. + faz parte né seu Nilson?

N.L. é:: tem que ir + a pessoa hoje que quise:r faze:r essas coisas tem que es/ + esperar um pouco né?

J.N. ++ e suas filhas já acabaram a faculdade?

N.L. termina esse ano agora

J.N. termina esse ano? ++ e:ita lu:ta né?

N.L. é: + cinco ano agora se elas for estudar mais () mais ainda

J.N. vai ficar igual eu ++ as duas acabam esse ano?

N.L. é::

J.N. o que que elas/ as duas fizeram direito ou não?

N.L. não uma vai fazer: + tá fazendo contabilidade né + e a outra administração né

J.N. ah: tá + era administração

N.L. + pra elas é bom tá todas as duas trabalhando já no serviço delas né?

J.N. ah e elas trabalham na área?

N.L. é::

J.N. + ah: então pra ela é bom mesmo ++ eu tenho uma amiga que formou em Ciências Contábeis

N.L.+ (minha menina) trabalha no Martins

((inicia toque de celular))

J.N. ahn?

N.L. no Martins

J.N. + que trabalha/ ela trabalha no Martins?

N.L. é

J.N. as duas?

N.L. não só a contabili/ a de contabilidade

J.N. e a outra?

N.L. a outra trabalha no eh: no:: + s:/ + eh: + São Diego já ouviu falar? ++ eh: pra vender hotel

J.N. é um hotel?]

N.L. é:: + uma firma que (tem:) () + mexe com hotel +++ parece que é aqui em Uberlândia () s/J/s/Juiz de Fora + Belo Horizonte

J.N. é: eu ouvi/ eu já/ esse hotel é ali perto daqueles barzinho que tem ali no Rondon não é?

N.L. é: em frente ao Carlos Gomes ++ onde é que cê vai todos fim de semana

J.N. ahn?

N.L. onde é que cê vai todo ((incoordenação)) fim de semana né?

J.N. ixi + tô indo muito não

N.L. não vai não?

J.N. tô precisando ir mais + não tô indo não

N.L. que a gente passa lá não tem nem jeito de entrar né tá cheio tá de fila

J.N. + tá de fila?

N.L. de sábado

J.N. faz um tempão que eu não vou lá + é que eu tô viajando muito de final de semana

N.L. hum:

J.N. + [então é isso]

N.L. [v/vai] Monte Carmelo?

J.N. + esse final de semana eu fui

N.L. Carnaval passou em Monte Carmelo?

J.N. não + Carnaval fui pra São Paulo

N.L. ó:

J.N. ((risos)) + aí depois o final de semana eu passei com os meus pais ++ aqui

N.L. + é: bom

J.N. bom ++ o Natal eu fui pra Ubera:ba + com a família

N.L. + cê tem família em Uberaba?

J.N. ((tossiu)) tenho + a mãe da minha mãe era de lá

N.L. ++ eu gosto de Uberaba

J.N. + o senhor já morou lá?

N.L. eu já trabalhei lá: uns tempo

J.N. é?

N.L. ((incoordenação)) quando eu era solteiro eu freqüentava era Uberaba depois q/que eu casei que eu vim pra cá depois q/que eu casei não podia

J.N. + aí parou né não podia mais né?

N.L. e:u ((incoordenação)) fui lá umas duas vezes né: três né?

M. acho que sim

N.L. s/s/s/s/ esses tempo nós teve lá + ()

J.N. o senhor ia fazer o que lá + passear?

N.L. foi

J.N. + onde o senhor foi lá + muita festa boa?

N.L. nã:o eu/ s/se eu fui? + eu fui na mila/ eh: na medalha milagro:sa

J.N. ah tá

N.L. + igreja

J.N. + muita gente vai visitar lá [né?]

N.L. [eu] tenho muitos d/dos amigo que mora em Uberaba

J.N. ah: tem?

N.L. tenho

J.N. + é parente próximo?

N.L. primo: + padrinho: ++ tio

J.N. + aí o senhor tem que aproveitar pra rodar e visitar o povo

N.L. mas e:u ((incoordenação)) no modo do outro eu não t/tô indo na casa de ninguém não nem na casa da minha sogra eu não tô indo + que é (perto) ++ a Maria (sabe) e fala assim vamos no ano novo na casa da mãe? eu falo não hoje não + depois outro dia eu vou + e vai [indo]

J.N. [não vai] dia nenhum

N.L. parece que eu fiquei um ano sem ir lá né?

M. + acho que sim ((pigarreou))

J.N. só fica enganando né?

N.L. na casa da minha família também eu passo ano sem ir lá + tem um irmão que tem aqui eu passo/ passei ano sem ir lá

J.N. + seu Nil:son o senhor acha isso bonito né?

N.L. + não não é bonito parece que eu não tenho vontade entendeu? ++ parece que às vezes eu vo/ () eu vou chega no di/ na hora de ir ()

J.N. + e eles vem visitar o senhor ou não?

N.L. muito pouco

J.N. ++ [o senhor não vai eles não vem e fica por isso mesmo]

N.L. [parece que/ parece que não é porque eles não vêm me ver eu não vou] também né? + ((risos))

J.N. desculpa hein?

N.L. ++ a::i a::i

J.N. ((tossiu)) tá certo a gente também tem que ir quando a gente tá com vontade né?

N.L. + é: mas às vezes é uma hora que cê não tá com vontade cê sair cê:: ((incoordenação)) fica p/ é ((incoordenação)) outra pessoa né? + (se) ((incoordenação)) controla ma:is + conversa mais um pouco né? + então eh: porque eh (assi:m) + difícil é cê começar + é igual eu sempre ((incoordenação)) que eu v/v/venho aqui f/f/fazer entrevista com você + no

momento que nós começamos eu acho (muito) difícil + depois vou/ + (vai) soltando devagar [né?]

J.N. [depois] o senhor até esquece que [tá fazendo

N.L. [é: + (depois a gente) esquece]

entrevista]

J.N. fala pros coco né?

N.L. falo errado né ()? [((risos))]

J.N. [não que fala errado] ++ fala pros [coco] que eu quero falar é

N.L. [()]

fala muito

N.L. e errado né?

J.N. ah:: que é isso

N.L. ++ igual a gente j:á ((incoordenação)) é normal falar errado agora () aí que fala di/ + errado demais

J.N. a:i eu não acho que o senhor fala muito errado não

N.L. toda vida eu fui em português eu fui difícil

J.N. é:?

N.L. + fui + matemática eu sou bom + esse eu bati papo ((incoordenação)) sou mesmo + esse aí + () aquela pessoa () matemática não + agora português história ((incoordenação)) geografia + uhn uhn + comigo não

J.N. não?

N.L. se perguntar de quem descobriu o Brasil quando eu não sei

J.N. o senhor estudou até que série mesmo?

N.L. + eh:: ++ priMEiro colegial

J.N. ((tossiu)) o senhor fez até o primeiro [colegial?]

N.L. [foi] ++ depois parei

J.N. + por que parou?

N.L. + (pra) casar + casei () (...)

J.N. e::ita + mas casar não pode estudar não?

N.L. + pior que pode mas eu não + não quis isso não + eu vi:: + quando vim pra Uberlândia eu vim pra estudar + m:as ((incoordenação)) depois comecei (só) + aí nós resolvemos casar né então eu parei

J.N. + a Maria estudou?

N.L. ++ (estudou não)

J.N. estudou não? + até que série que ela fez?

N.L. ++ foi/ + até:: + quarto ano né?

M. até quinta

N.L. quinta + quinta série

J.N. + também parou pra casar?

N.L. não ela já tava parada já

J.N. ((risos))

N.L. ++ mas é assim mesmo não ((incoordenação)) (hoje) ((incoordenação)) naquele tempo era mais difícil que isso tem + quantos ano? quase trinta anos atrás né + é () trinta anos atrás + cê nem era [nascida]

J.N. [((tosse))] + trinta anos atrás não era mesmo não

N.L. pois é + era mais difícil viu + Julyana

J.N. ++ teve que [trabalhar::] né pra sustentar a casa né?

N.L. [hoje é mais fácil]

N.L. é: e outra coisa a pessoa t/rabalhar e: estudar não é fácil não ++ porque eu vejo o quanto que as minhas menina sofre (que/) + elas sai de manhã s:ete hora + chega em casa onze hora onze e quinze já + d/do serviço vai direto pra faculdade

J.N. + tem que ter força de vontade né [porque senão]

N.L. [tem que ter] senão não senão não agüenta não + desiste mesmo né

J.N. ++ é isso é uma verdade + se não quiser muito

N.L. + e hoje não é difícil s:e uma pessoa ganha pouco é v/ai ((incoordenação)) estudar naquele tempo pagava muito (né então)

J.N. [(((tossiu)))] mas hoje em dia te:m ++ [programa de] bolsa essas coisa

N.L. [conforme o emprego] [conforme o em/] + conforme o emprego + con/ nu/não dá nem (pro) cê estudar né + pagar o estudo seu ++ que é melhor m:uitas ((incoordenação)) pessoa às vezes ((incoordenação)) trabalhar pra poder estudar né + o dinheiro que ganha vai tudo no estudo + então aí fica difícil + agora quando papai ajuda mamãe aí né bom

J.N. [(((risos)))]

N.L. [(((risos)))]

J.N. + é: aí facilita [né]

N.L. [((faz duas vezes apenas movimentos silenciosos da palavra "fica")) é:] uai aí fica melhor né

J.N. + [mas mesmo (...)]

23:01

N.L. [porque eu acho que] todo mundo que estuda e forma tem que s/ te:r + tem que trabalhar né + porque não adianta a pessoa estudar (igual) estudar estudar e depois

J.N. + não poder trabalhar [né?]

N.L. [é:] + tem muitas pessoa (às vezes) muitas pessoas faz isso

J.N. + é porque às vezes não acha [empre:go]

N.L. [aí estuda] () nã::o mu/ es/ + muitas vezes estuda + por estudar + depois não

J.N. + às vezes estuda e não acha emprego no que estudo::u

N.L. é: mas

J.N. + aí tem que fazer outra co:isa

N.L. + quantos anos faz que você trabalhando na medicina?

J.N. + vai fazer quatro

N.L. () q/q/ faz quatro ano que você terminou o estudo também?

J.N. faz cinco

N.L. cinco + ficou um ano parada?

J.N. + eu fiquei um ano/ em São José do Rio Preto trabalhando lá

N.L. + ah:

J.N. depois que eu vim pra cá + é isso mesmo ó eu vim pra cá em ++ dois final de dois mil e um dois mil e dois dois mil e três dois mil e quatro dois mil e cinco + quatro anos

N.L. ++ é: + (durante) os quatro anos cê não estu/ agora que cê vai estudar de novo?

J.N. + não eu fiz mestrado né porque pra fazer o doutorado que é o que eu vou fazer tem que fazer essa etapa anterior + mas aí eu f/ + eu trabalhava e:: viajava

N.L. + ahn:

J.N. acabei o ano passado + começo do ano ++ o senhor lembra das reuniões a dificuldade que era pra marcar o di::a porque [a gente] viajava tal + é por isso porque

N.L. [uhun]

eu tava estudando ainda ++ [(((tossiu)))] aí eu parei esses oito meses agora + um ano

N.L. [é]
quase né + agora eu vou voltar
N.L. ++ cê vai estudar de novo?
J.N. + é bom porque a gente:: + cresce mais
N.L. é uai: m/ + não é fácil + a pessoa estudar em quin::ze anos m:ais né
J.N. + ó e eu já tô + quatro de faculdade + aí eu fiz uma especialização um ano cinco + dois
de mestrado seis sete + s/ + sete + vai pra + on/ o ano que eu acabar o doutorado vai ser onze
anos estudando + [((tossiu))]
N.L. [()] do primeirinho segundo + [terceiro +
J.N. [ah é + isso
((risos))] tem que contar tudo aí
daí]
J.N. só esses aí já dá:: + [doze anos não dá?]
N.L. [((risos))]
J.N. ó primeira segunda terceira quarta
N.L. + é: ++ a pessoa vive + meia vida vive estudando né
J.N. já dá onze anos já
N.L. + pois é
J.N. o senhor estudou nove anos que o senhor fez até o primeiro
N.L. ++ diz que é ((incoordenação)) diz que é doze porque tem/ tinha uma:: + como é que eles
falava q/ d/ q/ + depois do quarto ano tinha um:: + fazia uma: + ((clique línguo-alveolar))
esqueci como é eles falava
M. [admissão]
N.L. [admi/ primeira] admissão né?
J.N. ah
N.L. ((risos)) eu fiz isso
J.N. ah então o senhor fez dez anos então
N.L. pois é
J.N. + [mas] por que que fazia isso?
N.L. [()]
N.L. depois que cê fazia o quarto ano cê fazia a admissão né
J.N. ((pigarreu)) mas o que que [era?]
N.L. [fazia] cê fazia o primeiro colegial o segundo terceiro e
quarto + e a prime/ s:exta ((incoordenação durante alongamento)) ++ a: quinta sexta sétima e
oitava + e a admissão cê tinha que fazer pra poder entrar no colégio cê tinha que fazer
J.N. ah é? + mas o que que é que cê estudava nessa/ + ano de admissão?
N.L. parece que é uma recordação dos an:o ((incoordenação durante alongamento)) que a
gente estudava né
J.N. + gen::te ficava um ano [voltando] tudo
N.L. [um ano]
N.L. é: + voltava tudo e começa e t/tinha mais u:/u:/uma parte a mais ++ difícil () + depois
que cê entrava no primeiro colegial
J.N. + [ah: depois da] quinta sexta sétima e oitava é que cê fazia essa admissão?
N.L. [hoje não tem mais]
N.L. não depois da qua/ do quarto ano
J.N. + então pra entrar em que série + na quinta?
N.L. é:
J.N. + ah tá
N.L. + fazia
J.N. ((tossiu)) aí pra entrar no primeiro colegial não tinha mais?

N.L. não

J.N. + também Deus me livre né?

N.L. ((risos)) + (pois) era difi/ era m/ era difícil não era fácil não

J.N. ++ o senhor fe/ o senhor [estudou (...)]

N.L. [cidade] pequena não tem não tem não tem condição do cê estudar [muito]

J.N. [(((tossiu))) o senhor estudou aonde?

N.L. + (Predrinópolis)

J.N. + [ah]

N.L. [foi] até a oitava série eu fiz lá

J.N. + mas o senho:r pra idade do senhor o senhor tem + muito estudo + a maioria das pessoas tem + [até quarta série]

N.L. [é: eu t/tenho ((incoordenação)) tenho dos meus irmão por exemplo só tem quarto ano

J.N. + maioria tem até quarta série

N.L. ++ eu já fiz foi oitava + fiz primeiro colegial + () parei +++ tá bom

J.N. quase que o senhor acaba

N.L. + pra quem quis/ queria ser engenheiro

J.N. o senhor queria ser engenheiro?

N.L. + meu sonho Era ser engenheiro

J.N. engenheiro [de quê?]

N.L. [por tanto] que e:u ((incoordenação)) minha profissão t/ foi em construção né

J.N. ah cê queria ser engenheiro [civil]

N.L. [comecei] trabalhar de servente depois fui pra pedreiro depois passei: mestre de obra + aí eu só tinha o engenheiro + mais do que eu né ++ já fiz muita casa e: pré:dio aqui em Uberlândia + administração de ()

J.N. uhum

N.L. + umas casa chique (minha filha)

J.N. é? + e como é que era a relação do senhor com: + o engenheiro + [que que ele +

N.L. [()/

qual que é o papel] dele?

((incoordenação)) + aí]

N.L. + o papel dele é fazer a planta né

J.N. ((tossiu))

N.L. + e eu + adminisa ((incoordenação durante a produção da palavra administrar)) a obra/ administrar a obra + colocar o que tá dentro do: + papel né + que ele fez

J.N. + ah: tá

N.L. (talvez diz que) tinha engenheiro que eu entendia mais do que ele né

J.N. + ah é?

N.L. é uai + tem muitos uai + isso porque a gente tá dentro né e: + e ele tá: só faz o desenho + então às vezes tem coisa que cê cê vai fazer ele quer que cê faz mas não sabe como é que faz né + então você vai ter que explicar pra ele como é que tem que fazer e fazer

J.N. + mas ele fica lá pra + vistoriar [a obra]

N.L. [não não ele] vai assim uma vez por sema:na uma + vez por + por dia + tem uns que vai todo dia e tem uns que vai uma vez por semana

J.N. + mas aí ele fica dando palpite ou não?

N.L. + não ele dá palpite porque: a ordem vem (impresso) dele né mas é que ele não sabe fazer + então muitas coisa que às vezes que cê tem/ tinha que discutir pra cê + pra ele entender o que que tinha que fazer né

J.N. ah tá ++ é por causa da experiência que o senhor tinha também né às vezes era (o

[engenheiro)]

N.L. [é:]

N.L. + tem engenheiro que não tem experiência + só sabe fazer no papel

J.N. + até eles terem experiência demora também né até o senhor ter demorou não
[demorou?]

N.L. [pois é] aqui tem um um + um é:: ++ Paulo Carrara ele é:: + o que + o que que ele é? ++ decorador sabe? + às vezes ele fazia ele mandava cê fazer/ passava no papel e mandava cê fazer + cê fazia + falando assim não tá certo não + cê não mexia não no outro dia ele chegava e falava que não tá certo + cê entendeu + então uma hora uma hora falava que não tava/ + tava certo + cê não mexia não né no outro dia ele chegava não agora tá certo

J.N. uai mas + ele é decorador ele não entende mesmo entende?

N.L. mas ele pra que que a pessoa chega e fa/ a pessoa chega e fala tá tá errado cê/ + cê não mexe no outro dia ele chega e fala que tá certo

J.N. porque não entende

N.L. ((risos))

J.N. + doido

N.L. + eu acho que a pessoa vai estudar () que estudar e:: + ver fazer né

J.N. + é tem que fazer parte ver [fazer] né

N.L. [é]

N.L. + então meu problema foi esse a única coisa que eu aprendi fazer foi + foi obra + minha casa (por exemplo) + que cê vê lá fui eu que fiz + tudo que tem lá fui eu que fiz

J.N. é? + como é que o senhor faz pra saber que a parede vai tá na/ espessura suficiente pra não [cair?]

N.L. [e/eu] tenho:: ++ cê tem mais ou menos + cê tem a a: ((incoordenação)) + o mate/ eh: o plumo né o ní:vel + a linha + a espessura da/da parede é o tijolo né + quando cê vai fazer de parede () você coloca um: tijolo deitado quando é + parede e meia cê põe: ele em pé + é por aí + tudo tem t/tem um desenho né + cê tem cê tem que ter o desenho e ter + o: + quantidade que cê tem que fazer + o concreto da/da massa + né:

J.N. o senhor sabe fazer tudo esses cálculos?

N.L. tudo a/ q/ na/((incoordenação)) alguma coisa eu não sei mas fi/fi/ já tá guardado na cabeça né

J.N. ((risos))

N.L. + que a coisa mais difíc:/c:/cil na obra + é a estrutura da: da: é a fundação entendeu? + é lá dentro do chão + porque não adianta cê fazer pra cima boni:to e: dentro do chão tiver mal feito + que vai acontecer? + as paredes vão trincar + () vai cair + dá defeito + então o principal é na saída da/da/da construção depois + cê sai pra cima aí cê mais ou menos já

J.N. ((tossiu)) aí é mais fácil

N.L. mais tranquilo mesmo + quando vem a laje já/já é outra coisa mais + cê tem que administrar ela bem fazer bem feito né + porque ela pode cair pode trincar

J.N. é o teto?

N.L. justamente + então é isso aí

J.N. e como é que é o teto + como é que faz o teto?

N.L. uai cê coloca:: s/ tem uma lajota né + e entre uma lajota cê coloca um ferro trançado e: e amarra + ou faz ela num lugar por exemplo esse aqui é uma viga que tem ali ((apontando para o teto)) é uma/uma viga magra + de ferro + pode s/s/ser de quinze doze + por + por trinta + aí cê enche de concreto + agora tem a ferragem mesmo + cê tem que por ferragem + amarrar + direitinho

J.N. pra depois cê pôr [+ concreto]

N.L. [pra depois] cê pôr concreto

J.N. + como é que/ + deixa liso aqui? ((mostrando a parede da sala))

N.L. isso é o reboque né + cê eh:: n/ ((incoordenação durante alongamento)) pra colocar ali cê tem que colocar as tábuas que é o madeiramento + aí depois cê reboca + passa massa + (amacia) as paredes pra/ ficar lisinho + depois vem a pintura

J.N. +++ ((tossiu)) + mas é com madeira?

N.L. não pra fazer a forma né

J.N. + ah:

N.L. a forma pro cê colocar o concreto em cima/ dentro

J.N. ah

N.L. porque o concreto cê coloca molinho + cê entendeu?

J.N. aí deixa ele [endurecer]

N.L. [()] serrar ele direitinho + aí + depois tira e reboca

J.N. + ah tá + nossa deve dar um trabalho né?

N.L. dá trabalho + só que tem () depois de acabadinho fica bom né + casinha limpinha arrumadinha cheirosa né

J.N. [é:]

N.L. [todo] mundo quer né?

J.N. com certeza

N.L. mas quando tá fazendo não passa nem perto

J.N. uai mas a gente não entende também [só vê aquela confusão]

N.L. [cê vê aquele povo sujo] de terra ali () ih não vou nem passar perto desse obra + portanto que às vezes a gente faz uma obra + depois cê vai entrar dentro dela cê tem que ter um sapato () senão cê vai ficar de fora

J.N. ah é?

N.L. + mas como é que cê vai chegar na casa: do:/ + com sapato sujo () + e entrar

J.N. uai mas já acabou a obra o senhor já não tá mais na sujeira da obra

N.L. então mas quando às vezes eles te chamam pra resolver um problema né ++ q/q/ o que acontece

J.N. e o chulé como é que faz? [tira] o sapato o chulé aparece

N.L. [é]

N.L. + é minha filha () cê faz bem feitinha as coisas e não + cê nem entra lá dentro

J.N. acontece muito + de dar problema assim nas obras?

N.L. + o/ é: ((incoordenação)) justamente assim quando a pessoa faz a fundação mal feita né + dá muito problema + dá muito no madeiramento dá nas paredes né + no piso mesmo + [que tem às vezes tem t/tem um (...)]

J.N. [eu acho pior quando trinca né]

N.L. pois é a vezes cê vê tem pi/ tem piso que trinca assim todinho

J.N. + parede trincada

N.L. tudo é:: + estrutura que manda é a dentro do chão () não adianta fazer () dentro do chão fica mal feito + que aí o piso vai + acumulando né ele vai subindo e vai acumulando + se o cê não fizer () chão que vai acontecer ela vai ela vai ceder + (na maneira) que cede aí é que vai dar o trincamento

J.N. + e como é que é a fundação ++ cê tem que pô:r ?

N.L. + cê fura uma valeta né + que é uma valeta quer dizer um buraco ++ quadradinho assim + fundo + mais ou menos isso aqui ((mostrando com as mãos)) + e ali você coloca uma viga armada + de ferro + são hum:: + tem: quatro ferro de comprido e m::ilhares ((incoordenação)) de + () ao redor dele + assim amarrando + e depois cê + primeiro cê vai fazer as brocas que a broca é um: cê faz um: buraco fundo + porque a tendência é aqui ó é igual cê fazer assim + cê faz um buraco + cê enche de concreto + aí vai pendendo aí s/ não desce se cê fizer assim cê não dá conta ó + ou senão aqui ó + puxa cê tem um dedo puxa pra cê ver + então cê fura um

buraco fundo de uns três quatro metro pra baixo + mais ou menos assim ó + e aquilo você enche de concreto

J.N. ah tá

N.L. depois cê vem os ferro por cima + então tem pessoa que não faz nada só faz um buraquinho lá peque/ f/f/ razinho né + põe um ferrinho fininho + aí a construção vai dar trincamento

J.N. + e aqueles prédio que cai né

N.L. pois é

J.N. Deus me livre

N.L. + pois é:/ é que a maior parte que cai é por causa disso () ((incoordenação)) + é por que a a:: ((incoordenação)) + a construção u:: ((incoordenação)) o cimento é a base a/a/ a b/ase ((incoordenação)) é d/ é três lata de areia + duas lata de/de meia de areia e u:/uma lata de cimento + são dois e meio por um que se fala + entendeu? + agora tem pessoa que põe quatro + o que acontece d/daí co/co/ põe quatro da/daí e:sfarinha né + daí e: (...)

J.N. não firma?

N.L. não end/ não endurece + que acontece que os prédio cai né + se bem que eles cai sai até poeria + parece que tá (assoriando)

J.N. + [dá um medo né? pro cê ver o tanto que é sério]

N.L. [(aquilo é:) + aquilo é já a pessoa que faz] que faz pra vender + quer fazer:: + pra dar mais lucro então põe menos c:imento ((incoordenação)) + põe menos ferro + é a mão de obra ruim também entendeu + tu/tudo tudo é:: +

J.N. + cê vê o tanto que é sério né

N.L. e eu () eu eu já fiz + (um punhado) nunca aconteceu comigo não + comigo nunca caiu não + até hoje + eu passo perto das casa que eu fiz (no bairro Tabajara) umas vezes + lá perto do (Cajubá) + não são uma casona grande umas mansão grandona? + tudo tá e/em pé

J.N. tudo em pé?

N.L. s:/ tudo em pé sem defeito né

J.N. + casa é mais difícil cair né?

N.L. + não mas trinca muitas trinca

J.N. agora isso é sério a gente acha que não né mas cê já imaginou [cê (vendo)] sua

N.L. [prédio (...)]

casa e + a casa rachando

N.L. + a minha tem um rachado

J.N. ((tossiu)) a sua?

N.L. + tem + mas só num canto + (ela) deu uma trincadinha assim + mas eu descobri o que era né + justamente uma broca mal feita que eu fiz

J.N. + eita

N.L. ((risos))

J.N. justo na sua casa seu Nilson

N.L. não mas é coisa mínima + não tem perigo não

J.N. + ahn + o duro eu acho que é prédio eu acho que cê tem que saber muito bem quem foi que fez né [porque (...)]

N.L. [é/ é: o prédio] justamen/ como eu tava falan/ tava te explicando o vigamento n/na laje né + fundação + fazendo bem feito não tem problema não

J.N. + porque é s:/ é sério cê ter sua [casa + abaixo]

N.L. [porque é igual por exemplo] uma viga igual essa aí ó + cê tá vendo ela ela pega dali + lá ó ((apontando para o teto)) + ela deve tem uns/ um pilar no meio ou dois ainda

J.N. ((tossiu))

N.L. ++ porque a:/a:/ ((incoordenação)) uma viga desse tamanho assim desse comprimento sem pilar não p/ não tem condições de colocar não pode + no máximo sete m/s/ ((incoordenação)) metro e quarenta sete e meio sempre + eu já coloquei sete e quarenta + sem nada no meio + mas só que tem ca/ viga fi/ + cinquenta centímetro + ela chega com sessenta ++ e não pode ser larga também não tem que ser mais estreita + que quanto mais larga ela seja mais + pesada ela fica

J.N. + mais chance de cair

N.L. + é: + o peso né

J.N. ((tossiu)) + a gente não entende nada dessas coisas né eu acho que quando a gente + ir comprar casa essas coisa a gente [tinha que saber] né

N.L. [justamente + é] + não mas a casa/ + a casa

quando ela é nova é difícil de cê achar um defeito né + é com o espaço do tempo que ela vai dar problema + o que acontece é que ela tá: ela tá arrumadinha novinha + né + aí acontece () vai começar a chover: + começar a molhar: + encharca um bocadinho ali um bocadinho aqui vai pesando entendeu? + então os problemas vão aparecendo + então a casa pro cê comprar () se ocê pudesse + olhar o fu/fu/ o fundagem dela que era bom + aí cê via ela subir (que dizer) essa casa tá bem feitinha bem arrumadinha + tem muitas pessoa que constrói pra vender e faz bem feito + mas tem uns que não + é fazer e dar problema mesmo

J.N. então é isso que tô falando a gente tinha que saber né

N.L. é

J.N. a credibilidade + das pessoas que fazem

N.L. ++ justamente () [()]

J.N. [senão cê compra esse trem] ++ mais meia boca

N.L. + é tão ruim com/ quando uma pessoa com/compra uma casa e: dá problema né

J.N. + é bom não é + principalmente se for a nossa ((risos)) é pior ainda

N.L. hum

J.N. vamos escrever seu Nilson?

N.L. acabou?

J.N. deixa eu ver se acabou ou se o senhor vai conversar mais

N.L. [não chega já (era) só dez minutos]

J.N. [senhor quer conversar mais?]

N.L. ++ passou os dez + () desconto

J.N. ((risos))

Transcrição da sessão de conversação do sujeito sem lesão neurológica (A.S.).

Data da gravação: 04/03/06

Duração: 43 minutos

A.S. Antonio Batista Sobrinho + cinquenta e nove anos de idades + eh + segundo ano primário

J.N. aí: cê vai me contar da sua vida [((risos))]

A.S. [((risos))]

J.N. ai ai + vamos ver me conta primeiro como é que foi o ir à escola + os estudos

A.S. ó: + o:/ eu tive: + pouca oportunidade de estudar + porque na época + eu tinha/ eu vim da zonas rural + com: + doze anos de idade + ingressei fui fazer o primeiro ano primário + com t/ com: treze anos

J.N. + [hum]

A.S. [então] f/ é: muito difícil pra gente + então o que que acontece + e:u [+ logo] que

J.N. [((tossiu))]

eu mudei pra Monte Carmelo em mil novecentos e cinquenta e oito + eu perdi meu pai no ano seguinte

J.N. ah

A.S. aí foi aquela dificuldade + eu sou de uma família grande tem muitos + muitos irmãos + e eu era o: caçula + dos homens + e: + além de mim + eu tinha uma irmã que: tinha problema epilético + e duas de menor

J.N. + [hum]

A.S. [aí] eu tive que largar os estudos + pra poder trabalhar em cerâmica

J.N. hum

A.S. pra poder:

J.N. + ajudar em casa

A.S. ajudar na renda familiar + aí: f/foi esse vidinha assim custosa né + sofrido sempre/ + eu era um: eu era um eu sinceridade eu não julgo um cara: + analfabeto porque eu conheço muitas coisas conheço muitas áreas + e: graças a Deus as pessoas que tem estudo + me ajudou + porque eu trabalho na construção civil + aí eu comecei/ larguei a cerâmica + passei pra construção civil pra poder: + eu ter mais um: uma renda/ melhor + pra poder ajudar minha mãe + que tinha: + igual eu já te falei tinha uma irmã co/ doente e tinha duas menor + pra tratar + pra tra/ pra/ sobreviVER né a sobrevivência da gente + era a vida/ a vida era essa + aí: eu peguei e: + logo fui pra construção civil + uma vida ((começa a rir enquanto fala)) aí Ju nem quero te falar que é s/ mu:ito sofrimento

J.N. + confusão né?

A.S. + é triste + dá um/ ++ a gente até eu até + ((descontrola a respiração)) num momento desse que ninguém nunca me perguntou mas já até falei muito pros meu filhos + eu chego emocionar + a vida que eu tenho hoje + e a que eu passei + não foi fácil não

J.N. + lutou muito pra chegar [()(...)]

A.S. [()] eu raLEI + aí graças a Deus + Deus me deu esse dom de: + trabalhar na construção civil + aí eu comecei com dezessete ((ri enquanto fala)) anos de idade ((risos))

J.N. [e o () (...)]

A.S.[acho] que eu sou um dos pedreiros mais NOvo de Monte Carmelo

J.N. ((tossiu))

A.S. + assim que [começou] né + e: + e aquilo assim

J.N. [()]

J.N. e cê sempre morou aqui + Toninho?

A.S. sempre morei em Monte Carmelo + graças a Deus Monte Carmelo m/ + me deu MUITa alegria + e me deu tudo o que eu tenho + então: o é bom demais isso aqui + e: +++ assim: ++ na construção civil + depois a gente começou a ganhar melhor + quer dizer + quando cê ganha bem + cê logo tem uma vida/ cê procura ter uma vida melhor [+ e foi]

J.N. [()]

disso aí que eu procurei a construção civil me deu essa oportunidade + mesmo sem estudo sem precisar de estudar + eu + consegui algumas coisas boas na minha vida + e: e tem mais + as outras coisas também + a gente conseguiu + boas amizades + graças a

[Deus + eu tive boas amizades em Monte Carmelo + tanto com as pessoas que veio

J.N. [((isso é essencial))]

pra Monte Carmelo + como eu também sou um: + um ((clique línguo-alveolar)) + como é que a gente fala Ju? [((risos)) vai sair lá na fita ((ri enquanto fala)) + não eh:] eu sou: eu

J.N. [uai não sei o que que cê quer falar

não sou carmelitano [sou só um: ((cliques línguo-alveolares))] + ah meu Deus do céu tá

J.N. [((tossiu))]

gravando tudo direitinho aí eu vou ter [que sa/ ((risos))] + vou ter que: da/ ((risos)) vou

J.N. [((risos)) + não tem [problema não ((risos))]]

ter que dançar + [depois cê corta essas parte ((risos))]

J.N. [((risos))]

A.S. mas eu sou um: + eu sou [()] eu não sou carmelitano diretamente

J.N. [((tossiu))]

A.S. [eu sou de (...)]

J.N. [cê é de onde?]

A.S. eu sou de Arcos

J.N. [onde que é isso?]

A.S. [então:o]

A.S. Arcos no centro-oeste de Minas

J.N. hum: nunca ouvi falar

A.S. tem + é perto de Formigas Divinópolis + por ali naquela região ali no centro-oeste + então + aí é ah: aqui + em Monte Carmelo me acolheu graças a Deus + eu consegui aqui + reabilitar + minha vida + ruim de/ + d/da juventude + não ruim assim + ruim porque (...)

J.N. [difícil né?]

A.S. [s/ s/]

A.S. difícil pra gente fazer as coisas

J.N. + hum

A.S. pra gente ter cons/ conseguir as coisas + porque não é fácil + eu t/ por exemplo trabalhava de servente eu não tinha nem uma boti/ não tinha condição nem de comprar uma botina + trabalhava descalço + é du/ é triste + hoje em dia a gente vê: todo mundo trabalha arrumadinho + nem é: muito muito [mais] (...)

J.N. [hoje] em dia é até obrigado os patrão dá as botina [né ()]

A.S. [é + muito mais fácil hoje] + naquele tempo foi + foi ralado

J.N. hum:

A.S. então hoje às vezes assim eu conheço você eu conheço sua família tudo graças a Deus a gente tem boas amizades + e: eu tô falando isso pro ocê + mas eu chego emocionar + da/da: + daquela misé/ aquilo eu não falo que aquilo é ar/ vida + aquilo era uma miséria ambulante

J.N. ((risos)) miséria ambulante [eu nunca tinha ouvido essa não Tonico]

A.S. [((risos))]

A.S. miséria que [anda ((risos)) + miséria que anda () ((risos))] + então + o que era na

J.N. [((tossiu))] [miséria que anda é fogo + ai ai]

vida da gente aquilo na época hoje não hoje graças a Deus + a gente caso/ eu + casei + com: com vinte e oito anos de idade + e gente teve/ e eu tive uma vida: ((inicia movimento do som)) (...)

J.N. eu já tô quase na hora [então] tenho vinte e seis [já]

A.S. [ralada]

A.S. [é tá] quase na hora nesse tempo eu já tava pensando em casar [mas/]

J.N. [(((tossiu)))]

A.S. mas era: assim + nã:o + não é fácil não + eu sempre falo pras pessoas que tem pais que dá condições eu falo pros meus filho + que eu dei condições pros meus filhos estudar dei oportunidade pra eles + eu rale/ eu trabalhei + pensei em ter + era um/ a minha média mesmo era ter dois filhos que se fosse filho ou filha + seja bem-vindo do jeito que s/ fosse + eu ia querer ser dois mesmo + aí: + eu sempre falo pra eles + aproveita essa oportunidade [que tem]

J.N. [mas é dois] que cê tem não é ((risos))?

A.S. é + dois filho não veio filha mas a:s filha/ as nora vão ser a filhas [(((risos)))]

J.N. [as nora vão substituir] [isso?]

A.S. [ahan] então + () sempre eu falo pra eles porque + a gente nã:o ++ não ++ não nasce infeliz ++ eu sempre falei pra eles + infelicidade na vida da gente + nunca tem + a gente procura ela + por os me/ por os mérito da gente + se a gente quiser ser infeliz a gente mesmo é que quer ser + eu por exemplo não quis ser + eu sempre procurei ser um/ um ser humano + feliz + pra poder + eu + eu queria conseguir minhas coisas eu sempre queria mais coisa + [esse (...)]

J.N. [eu acho] que [esse] pensamento motiva a gente a sair do lugar

A.S. [é]

também né

A.S. é ahan e eu já tive oportunidade de deixar Monte Carmelo pra trabalhar não quis + quis ficar aqui + parece que eu tenho: + aqui foi + o meu lugar

J.N. + hum

A.S. então eu não pretendo + sair por nada + já tive boas propostas + pra mim + sair daqui + mas eu não quis + e eu a/ e é igualzinho + eu sempre falo pros meus menino

J.N. ((tossiu))

A.S. pode ser em qualquer situação + em qualquer lugar + se ocê for uma pessoa que: + age com boas intenções + com honestidade + você + será + bem sucedido na vida ++ cê pode ser um médico + pode estar lá: naquele arraialzinho pequenininho + cê pode ser um bom professor (da) na/na/naquela escolinha + sozinha lá + mas se ocê for um bom professor + cê faz as coisas bem feita ali + não adianta cê querer ir pra uma + pra um grande centro + no seu caso tá certo cê tem que procurar + pra estudar cê tem q/ + pra crescer cê tem que procurar um/um centro grande + mas igual pra mim na construção civil + qualquer lugar que dá pra empilhar um tijolinho + cê empilhando com amor com carinho + cê vai conseguir fazer a coisa certa

J.N. não mas eu acho que pra todo mundo onde cê tá: a:/ o ideal é cê fazer o serviço bem feito né

A.S. é

J.N. + de trabalho eu acho que é essencial

A.S. porque porque igual eu já te expliquei + com segundo ano do primário pra você poder/ pegar uma planta de construção + ontem mesmo Ju parece que é ironia do destino + eu fui + num aniversário + pode falar/ pode falar? ah: aqui pode falar senão se não puder cês cortam

J.N. pode

A.S. eu fui num aniversário + com/ da Janete + que eu fiz a melhor casa de Monte Carmelo talvez da região + eu recebi tanto elogio eu falei gente + cheguei em casa aqui falei gente + será que eu mereço essas coisa será/será que é bajulação + será que é enganação + da pessoa? + mas não é + eu fiz uma coisa + eu tive o: [eu tive condição]

J.N. [() seu] melhor né? eu tive foi condição/ então cê cê convive graças a Deus a gente convida com gente a gente conVive + com gente que: + tem um: bom grau de estudo gente formada [+ então]

J.N. [(((tossiu)))]
cê acaba aprendendo alguma coisa porque eu/eu procuro tirar apor/ a::aproveito das coisas + é igual por exemplo + eu tô conversando com você eu sei que eu tô conversando com uma pessoa + estudada intelectual + então eu tenho que aproveitar esse momento pra mim aprender alguma coisa

J.N. uhum

A.S. + porque só (...)

J.N. Tonico e como é que funciona a construção civil hoje? eh + hoje tem m/mais eh: + porque sempre teve o engenheiro o pedreiro o mestre de obra + o arquiteto mas nem sempre + [()] mas era a:assim + () fazia uns quadradinho [lá] era montava a casa

A.S. [tinha decorador] [uhum]

era assim mesmo como é que é que funciona hoje?

A.S. hoje funciona MUIto mais fácil + hoje é fácil demais + porque hoje cê pega vamos super assim cê pega uma decoradora + um arquiteto + um engenheiro civil + então eles te dá + tudo no papel + pro cê entender mais fácil + apesar d/deu + da gente ter pouco estudo + porque a classe que trabalha em construção civil não é uma pessoa que estudou muito não

J.N. + hum

A.S. é uma c/ é uma classe de gente que vai pra aquilo ali + porque tem um salário melhor viu Ju

J.N. ++ [melhor que outras profissões né]

A.S. [o salário na construção civil] é melhor + então você tem que ser um: + um profissional liberal + pra você conseguir ter uma: + um rendimento melhor

J.N. + hum

A.S. isso aí que: + geralmente + [as pessoas (...)]

J.N. [geralmente] o pedreiro é profiss/ é profissional liberal?

A.S. é + geralmen/ as pessoas + [procura] buscar aquilo ali + porque: tem um

J.N. [(((tossiu)))]

rendimento melhor + é o t/ caso meu + eu pude dar um bom estudo pros meus filho + p/ a gente tem uma casinha + modéstia à parte melhor do que: + o que eu tive do meu início

J.N. + [hum]

A.S. [então] a gente t/ consegue tudo isso aí + através da construção civil porque ela/ ela te/ ela não exige muito estudo + se ocê for um pouquinho inteligente + se ocê aprender a ler uma planta + porque o arquiteto vai te passar um desenho + uma coisa que você tem que fazer + ele te dá um desenho + um: + um rabisco lá no papel + e ocê tem que pôr aquilo + em prática + em cerâmica + ou em: + em mármore + ou em granito + ou em madeira

J.N. + hum

A.S. muitas das vezes você tem que + fazer as/ as coisas tudo + corretamente com aquilo + madeira até não é muito pra gente não muito pouca madeira + madeira a parte da construção civil é/ tem outro setor que é outra profissão + mas geralmente você como mestre de obra + cê tem que saber entender tudo aquilo pr'ocê saber explicar + hoje tem o problema do/do gesso também que entra muito na construção + ocê t/ como um:/ como um: se o cê for um + igual eu sou mestre de obras + então cê tem que: + entender tudo daquilo ali + pro cê poder + saber ++

passar o projeto pra pessoa + porque ele/ + vem o projeto pra você + pra depois cê/ procurar o profissional qualificado

J.N. + hum

A.S. então cê tem que saber [isso daí]

J.N. [então é:] o arquiteto é que faz a planta

A.S. é tudo

J.N. e o que o engenheiro civil fica fazendo lá? ((risos))

A.S. o engenheiro civil? + ele faz a parte [Ju] + de concreto a/a vou te falar a parte

J.N. [((tossiu))]

estrutural de uma casa + seria esses pilar de concreto + vigas + tudo que tem numa casa + o que depende de concreto + e ferragem + o engenheiro civil + ele que passa pra mim ali + se vai fazer uma viga vamos supor assim + uma viga daqui ali + ele sabe ali assim + ele põe ali + a + a bitola dos ferro + o traço de concreto + pra mim + aí passa pra mim + [ele

J.N. [ele

que é o responsável (...) + é]

que dá as medidas e: +] onde que vai pôr

A.S. onde/ aquela medida do tamanho + a bitola dos ferro + da a:/a/ a bitola é a grossura da ferragem + que eu vou usar + e: + o pilar tudo direitinho + é co/ é a fundação da casa + cê vai fazer uma casa de segundo andar + é um/ + tem um/ (eles) chama assim bloco + faz os blocos onde tem os pilares onde vai ser um pilar ((bate o braço no microfone))

J.N. opa

A.S. onde tem um + onde tem um vão + livre + uma dimensão + cada vão com a sua + com a sua dimensão + estrutural + aí ele vai + passar pra mim + o que que eu devo fazer ali aí então + aí eu como mestre de obras eu entro ali pra fazer a forma o escoramento + fazer o concreto fazer aquela fundição chama fundição do concreto + cê concreta a viga + põe laje + e + assim + [(sucessivamente)]

J.N. [e além disso você] que coordena os outros que vão (...)

A.S. s/ tem + e aí + nesse caso + e:/ vamos supor assim + se você for um pedreiro meu + que trabalha comigo [+ eu falo] + fulano você vai fazer isso desse e desse jeito +

J.N. [((tossiu))]

geralmente a gente tem um pedreiro que trabalha na parte de ar/ chama + armação + fazer aquelas ferragens você já deve ter visto em construção + aquelas ferragens tudo amarradinha nos estribos+ uns ferrinho quadradinho e aquelas ferragem

J.N. já

A.S. aquilo chama armação + então um/ cê manda um pedreiro vai fazer aquilo + outro vai fazer a fôrma + depois põe aquela ferragem dentro + e aí + vem a concretagem

J.N. + hum

A.S. pra fazer uma laje + ou uma base uma viga () essa coisa aí assim assim

J.N. uhum + eh hoje o negócio é bem mais sofisticado [é mais] é mais dividido né?

A.S. [é bem/]

A.S. é bem mais fácil pra/prá trabalhar hoje + porque de primeiro cê não tinha isso + cê ia fazer uma casa + o sujeito falava assim eu quero uma casa at/ assim assim assim + e ocê ti/ ((faz movimentos com o lábios)) é igual por exemplo + eu admiro muito as pessoas que construíram mais atrás + ANtes de mim cinqüenta anos cem anos + cê vê umas faixadas + em Monte Carmelo mesmo tem + que: é coisa que: + é um dom da pessoa porque + hoje se for pra gente fazer + acho que a gente até nem não dá conta

J.N. uhum + [é] porque assim como é que será que era antigamente pro: + eh medida

A.S. [ho/]

pra você saber onde que vai ter sustentação onde que não vai ter né cê tinha que saber tudo [tinha que fazer tudo]

A.S. [tinha]

A.S. e eles parece que tinha tudo aquilo () + eu já vi uma reportagem + do: + Oscar Niemeyer + que foi o que projetou Brasília

J.N. ahan

A.S. eu sempre gosto de ver essas coisas ele fez uma construção no Rio de Janeiro + ela: + ela tem uma/ é um acervo que tem no Rio de Janeiro + eu vi ela é uma: + construção ((durante o silêncio, faz um espiral com as mãos)) ela + é igual um escada: ((durante o silêncio, faz um espiral com as mãos)) pra subir + uma coisa assim + tem lá no Rio de Janeiro é uma/ é uma biblioteca que eles fizeram num lugar do Rio de Janeiro + aí ele tava me falando + ele tava/ eu vi a reportagem na [televisão (...)]

J.N.

[não é aquele museu] não né?

A.S. + não

J.N. ((tossiu)) que parece um + disco voador

A.S. ((risos)) NÃO

J.N. sabe um museu que parece um disco voador que ele projetou que tem + eh:

A.S. + acho que é esse mesmo

J.N. do lado do Rio lá não tem: é Petrópolis?

A.S. é An/ é Angra dos Reis naquelas imediações ali + é esse mesmo + esse + parece um disco voador + aquilo ali + se ocê vê onde que aquilo é apoiado + aquele/ eu/eu vi o detalhe pela televisão + o/ ali + ele fez o projeto + mas a responsabilidade maior ali + é do engenheiro civil + que entra + o q/ o que sofre + as loucuras do arquiteto + o engenheiro civil é que sofre + porque ele tem que fazer (...)

J.N. o trem ficar em pé

A.S. s::: ficar em pé + eles faz no pa/ lá no papel eu quero isso aqui + aí foi o tal que eu tava me/ que ia/ que vou te falar + que eu vi uma reportagem que ele fez um + um: um: um vão livre + na França + cinqüenta metros quadrados uma viga + um apoio no outro ++ ele queria uma viga de dez centímetros de grossura + e cinqüenta só de altura ++ ele falou/ + ele falou pro engenheiro + cê se vira

J.N. + Nossa Senhora

A.S. cê se vira + eu quero isso aí + e fez + parece que o acervo bibliote/ da biblioteca na: França + ele que fez + eu vi essa reportagem na televisão + eu fi/fico doido com essas coisas porque é do meu ramo

J.N. uhum

A.S. então eu quero ver + mas a gente hoje a gente na nossa condição também a gente já faz + coisa bastante + extravagante também

J.N. aham

A.S. () aqui também a gente tem + coisa que assusta as pessoa

J.N. + () os engenheiro tem trabalho né porque

A.S. tem

J.N. mas o arquiteto não tem que entregar um projeto com um cálculo não de se aquilo é possível de ficar em pé ou não?

A.S. não + ele faz + ele [()] ele estudou + porque + o: o arquiteto + es/ eh: seis anos de

J.N.

(((tossiu)))

faculdade né + dois ano ele estuda só telhado só faixa

J.N. + hum: tá

A.S. o engenheiro civil é quatro ano + ele só estuda o peso + a sustentação + então + mas geralmente o arquiteto + ele sabe que vai + que aquilo que ele tá passando + tem condição + é só se de/ (...)

J.N. ele tem uma noção [né porque senão]

A.S. [é: ele tem uma noção] + ele s/ ele sabe que é assim + a pessoa tem que de/de/ o engenheiro civil tem que desdobrar + e chegar a um denominador comum + pra fazer aquilo + e faz

J.N. entendi + cada coisa né

A.S. ((risos)) não é fácil não + mas é bom

J.N. ((tossiu)) [é porque] é igual cê falou hoje é mais né

A.S. [porque e/e/]

A.S. hoje hoje é muito mais fácil + porque: o: problema da construção uma vez/ se ocê for um leigo + igual + hoje + não vou dizer eu sou um leigo + que: já se/ já trabalhei demais com engenheiro então cê já pode até + cê já sabe até o que: é certo e que é errado + só que: muita gente chega pra mim + ah cê podia fazer isso pra mim calcular isso pra mim uai + eu não/ + projetar isso pra mim eu não posso + cê tem que procurar uma pessoa + capacitada + porque eu não posso + eu não posso assinar nada + cê tem que procurar uma pessoa que assina aquilo que te dá uma garantia + e uma sustentabilidade + pra que ocê (...)

J.N. senão ó sabe porque que eu tô falando isso porque eu fico pensando naqueles prédio que caíram + cê lembra [daquela] história? + eu falo assim gente + mas é um

A.S. [uhum]

perigo né se ocê [não (...)]

A.S. [n/ n/] + Nossa Senhora

J.N. [não faz ()]

A.S. [(é igual por exemplo)] ontem eu ainda tava [brincando () (...)]

J.N. [antigamente] eu não sei como as casas não caíam porque a gente não tinha nada disso

A.S. mas eles trabalhavam com mais segurança

J.N. + aquelas/ + [obra de (parede)] né

A.S. [ao invés/ + é]

A.S. cê vê ao invés de: + i:igual por exemplo assim + [ao invés da pessoa] + trabalhar

J.N. [(((tossiu)))]

com: a parede vamos supor assim de meio tijolo que é o tijolo em pezinho assim + eles trabalhavam com ele atravessado assim

J.N. + hum

A.S. era outro/ uma sustentação + mais resistente + pra pessoa ++ [não/ +] a/a/ a

J.N. [não ter perigo]

garantia dele + não era a garantia assim não tinha garantia assim + tecnicamente + ele tinha uma garantia + eh: ((mexe a cabeça de um lado para outro)) não eu vou f/ eu vou pro lado + do mais resistente + se gasta dois + eu ponho quatro ++ é igual ferragem + cê vai fazer uma viga por exemplo + às vezes nós gasta dois ferro + de dez milímetros ++ mas eu como leigo + eu vou pôr/ três quatro

J.N. + pra não ter [perigo]

A.S. [(((faz movimentos com os lábios iniciando o som))) pra não ter/ aí não vai ter perigo nunca + mas/ eu/ vai ficar/ vamos supor [assim eu tô fazendo

J.N. [()]

um serviço desse pra você] + eu vou (canhetar) + o preço da sua obra + aonde tem que ter as pessoas que estudou + porque sabe ali a dis/ a: dimensão + e a distância e o valor que vai ser + agregado no peso tudo direitinho + pra pessoa tá::

J.N. + não ter risco né?

A.S. não ter risco de vida + é igual por exemplo + essa sala aqui eu mesmo calculei ela + as coisas que eu fiz + agora não deu trinca não deu nada + e/eu não sei se eu trabalhei dentro da média + certinho mas eu devo ter trabalhado acima da média + pra ela não me re/ não me ofe/ a me ofe/ me oferece conforto + e segurança

J.N. uhum

A.S. assim é a construção é: igual um carro também + uma moto uma bicicleta tudo que cê vai/ que vai fazer + tem que ter os engenheiros pra aquilo pra saber que/ + que tem: (...)

J.N. + pra fazer o cálculo [certinho + ()]

A.S. [é + o cálculo] certinho a su/ a sustentação adequada p/prá coisa certa

J.N. mas essas coisa é tão interessante né?

A.S. é

J.N. igual a gente vê aquelas construção toda diferente outro di/ outro dia eu fui lá em São Paulo no MASP lá + que é aquelas pilastra aquela coisa MAIS + [ma/ (...)]

A.S. [()] cê quer coisa mais bonita em São Paulo eu tive em São Paulo uma vez [+ cê]

J.N. [((tossiu))]

vê aqueles viaduto + a sustentação deles os vão de distância + passa um carreta ali com: + uma carreta ali com: + ela e o peso dela assim é: sessenta tonelada + em cima + não tem nada cê nunca [ouviu falar] que um viaduto daquele caiu nem treme

J.N. [() trem]

+ c/cê vê aqui: + igual por exemplo essas f/ aqui entre Araguari e Uberlândia tem uma p/ [+ uma:] + uma não tem um refor/ uma: + a ferrovia lá né p assa aque/ aquele

J.N. [a ponte caiu ((risos))]

mundo velho de: + de máquina com aquela: + composição daquele tamanho + e nada os trem entra lá quietinho em cima aquilo tudo é uma/ + geometricamente + é uma coisa: + calculada pra pessoa + é:: engenharia civil e:la é [importante]

J.N. [é esses dias] a gente tava/ eu tava reparando também naqueles túneis que tem quando a gente sobe da PRAia () (montanha) e tal gente mas aquilo lá é faraônico + e no meio da montanha [né?] + é um negócio

A.S. [é]

assim espetacular [também] da Engenharia ++ [() (...)]

A.S. [é] [é uma] das coisas mais importante do: do nosso século vinte + a Engenharia né + igual é/ + a Engenharia ela é sobre tudo + tem Engenharia ele/eletrônica + que hoje s/te + oferece uns aparelho desse aqui que nós tá aqui conversando [+] e te dá um retorno + maravilhoso né

J.N. [((risos))]

J.N. uhum

A.S. e: vem aí a Engenharia Civil + tem Engenharia Nuclear + e igual () já tem na:s os que controla nossas água até nossas águas já tão tudo + isso tudo é através da Engenharia as pessoa que + cuida disso aí + [porque se/]

J.N. [igual a] Bebel que controla a produção + [()]

A.S. [a produção?] + é uai + senão não tem: + assim + a Engenharia assim acho que hoje é hoje é uma profissão assim que tá + quase que em primeiro lugar + em tudo + porque: (...)

J.N. e tem muita tecnologia né

A.S. uhum ++ então [tem que (...)]

J.N. [o investimento] é bruto

A.S. + e: sem contar quando ocê encontra uns profissional bom que te explica eu tive uma chance na vida + de ter uns + uns co/ u::ns ++ engenheiro + pra explicar + de uma carismática

J.N. + porque não tem medo né [()]

A.S. [não tem medo de e/] não medo de se explicar + e explica a coisa certa tem paciência pra explicar + porque eu já tive engenheiro que pára assim + fica aí dez minutos me explicando as coisa assim + não é aquilo que eu/ nem queria aprender + não

precisava a pra minha profissão não precisava + e eles vai me explicar aquilo até o que eles teve em/em sala de aula + eles me explica que aqui em Monte Carmelo () o Didi que é o Porto + Maria do Rosário + é uma ótima arquiteta uma das me/melhor casa daqui + ela que faz + então + a gente vê umas pessoas que tem uma paciência + agora eu trabalhei com duas meninas de Uberlândia meninas eu vou falar assim elas é tudo já/ ((risos)) já é quarentona né [((risos))]

J.N. [((risos))] eu chamo elas de menina né porque elas são mais nova + mas/ é gente de uma: + de uma delicadeza t/ inclusive eu até tive um convite agora pra elas pra mim ir pra Uberlândia eu falei não + com a idade que eu tô + é Monte Carmelo já tá grande demais pra mim eu quero ficar numa (...)

J.N. cê quer é sossego [agora né]

A.S. [sossego] agora tá: + ((clique língua-alveolar)) né

J.N. os filhos tá tudo encaminha:do

A.S. tudo encaminhado [graças] a Deus eu não posso reclamar + tenho + o Gustavo

J.N. [()]

que tá aí + na sua lutinha o Eduardo + não quis estudar + pelejei falei não/ pra não ficar igual eu mas ele/ + obriguei ele ele estudou até o: + fazer o: + terceiro científico + né o normal [o segundo] ano né

J.N. [((pigarreu))]

J.N. uhum

A.S. eu falei o/o/ aí eu falei ó () Eduardo + isso/ per/ amanhã + a hora que você tiver com quarenta ano + se você quiser + fazer qualquer () é só você prestar um cu/ um cursinho de seis meses + você pode prestar um vestibular fazer qualquer coisa que você quiser na vida + mas ele não quer + paciência vai trabalhando aí

J.N. ele tá trabalhando com que?

A.S. ele trabalha na: + na: + nas máquina selecionadora de café na rua ()

J.N. + hum tá

A.S. aí agora o Gustavo não o Gustavo cê já sabe como é que sabe né

J.N. uhum

A.S. colega da sua mãe gente que + eh cdf [((risos))]

J.N. [pois é]

A.S. gosta de estudar + e: eu acho bom o Gustavo é um menino ((clique língua-alveolar)) que não + todos são bom + mas ele destaca porque ele quer fazer uma coisa mais fácil ele não quer errar + é igual eu falo () o Eduardo + se você sofre cê vai trabalhar pros outros sofre ocê tem: cê tendo assim um: + cê sendo uma pessoa mais qualificada + ocê: + cê tem o direito de reivindicar as coisas + é igual Ju + () Ju + Ju + cê vai me um: uma aula aí por quanto? + eu não vou te pagar tanto não e:u eu tenho que saber o quanto que cê quer pra você fazer um trabalho pra mim de escola e essa coiserada né + então igual eu fiz com o Gustavo né o: povo chega aqui e quer + traduzir um texto p/ em: inglês de português pra inglês de inglês pra português tudo ele faz + então ele chega ele põe um preço dele + é igual você no seu estudo também

J.N. uhum

A.S. cê vai ter também () ninguém vai chegar lá + ó Ju eu vou te pagar um salário mínimo + uai + tá brincando?

J.N. é [não] não

A.S. [eu/]

A.S. ué + eu me qualifiquei pra que pra ganhar salário mínimo? salário mínimo não precisa de + nem estudar + pra ganhar

J.N. mas hoje em dia até estudando tá difícil viu [Tônico]

A.S. [é]

J.N. + hoje eu tava fa/ a/assim esses dias eu tô + de olho nos concurso que tem na minha área né mas o salário tudo assim

A.S. baixo

J.N. baixo

A.S. + é mas + mas mas [o seu/ (...)]

J.N. [(((tossiu)))] eu tava olhando um concurso lá em São Paulo + pra fazer o me:smo trabalho que eu faço aqui em Uberlândia + onde o custo de vida é metade do que é lá em São Paulo pra ganhar o mesmo salário + quer dizer é um absurdo [não] é

A.S. [é]
não

A.S. é custoso + é pior que assim eu falo assim eu falo assim gente (...)

J.N. mas realmente é me/ mais remunerado do que

A.S. + [é]

J.N. [chance] que cê [tem] talvez seja maior

A.S. [ah tem]

A.S. tem mais chance Nossa Senhora ()

J.N. ((tossiu))

A.S. é brincadeira a pessoa que tem estudo ele tem chance pra tudo

J.N. + [acho que é + eu acho que é que] abre a cabeça né [às vezes nem é] o estudo em si

A.S. [a pessoa tem mais po/ a pessoa tem] [é abre a cabe/]
né

A.S. não é pro/ não + a pessoa tem que/ + tem que ser as duas coisas + ela tem que ter estudo capacidade + e humildade + porque não adianta + se ocê achar que ocê estudou cê + cê sabe ler um livro de cabeça pra baixo (a b/a b/) sa/sa/sabe a bíblia de dentro pra trás de trás pra frente + não tem problema + você saber + tem que ver + a sua capacidade de: + eh esclarecer + o que cê leu

J.N. é [()]

A.S. [porque muitas pessoas] lê + mas não sabe leu leu leu + e não sabe explicar + é igual da construção + na construção u:m pedreiro chega perto de mim que é: + eu vejo lá o projeto lá To/ Tonico como é que vai ser isso aqui + como é que vai ser esse essa esse/ essa parte aqui? se eu na/ não souber explicar pra ele ((mexe a cabeça de um lado pra o outro))

J.N. + [mas como é que faz] esse é seu papel né

A.S. [ele não vai saber fazer]

A.S. o meu papel de explicar + de orientar passar pra frente + é igual eu acho assim que todo mundo que tem: + estudo + a obrigação dele + é passar + claramente + e com facilidade + aquilo que ele aprendeu + pra dar oportunidade pra outras pes/ pra outra pessoa + aprender + e tudo aqui/ agora + tem uma coisa + igual nó/ eu sempre falo + aí tem uma vanta/ pra ocê passar isso claramente pras pessoa + cê tem que tá bem + remunerado + pra ocê passar com [tranquilidade] + pra ocê não ter problema + porque

J.N. [(((tossiu)))]

t/tudo na vida da gente + eu sempre falo + cê tem que ter Deus na vida da gente + mas aqui na terra se não tiver dinheiro + bom salário + não adianta + cê não faz nada com alegria ++ porque quando cê tá bem remunerado + igual cê faz uma casa tá trabalhando eu tô satisfeito + reboco () faço alguma coisa + mas eu sei que: + o salário meu à tarde + x por dia + vai + dar pra minha sobrevivência + é igualzinho você também que tá ralando tá estudando + tá fazendo as coisas assim + tá buscando cê tá buscando o seu espaço + mas se ocê não vê + recompensação financeira + [cê vai falar] porque que eu tô +

J.N. [(((pigarreou)))]

sofrendo tanto e não tô ganhando nada + aí cê vai ficar uma pessoa frustrada + não é a realidade?

J.N. aí cê fica querendo correr pra arrumar outro emprego pra fazer as duas coisas ao mesmo tempo

A.S. e não vai dar conta

J.N. ((pigarreu)) não dá conta faz tudo meia boca + aí

A.S. + não dá

J.N. é o que a gente fala do serviço público hoje né que o povo leva tudo nas coxa porque + não ganha [bem e aí] fica querendo fazer as coisas ao mesmo tempo pra ver se ganha

A.S. [não é verdade]

o que dá pra + não que isso justifique né mas

A.S. é + mas/ a pessoa não pode/ é igual por exemplo assim + o caso do empe/ do emprego público + a pessoa já tá ali já perdeu ali quinze anos () ali como é que ele vai sair? + se ele sair + não é igual não é assim nós + igual na construção por exemplo + cê trabalha n/ aí quinze não não chega isso () pra trabalhar + a construção até hoje que eu trabalhei assim mais + mais tempo com a carteira assinada foi três anos + na construção civil + (na) construção + que a gente trabalha lento ah eu quero só ocê Tônico + cê trabalha só ocê cê e o servente aí + vai lento + três anos + () mas a hora que ocê sair três anos + se ele não te pagou férias não te pagou nada te paga tudo acerta tudo daquele jeitinho com ocê + fundo de garantia cê vai no banco cê tem seu fundo de garantia + tem tudo seus direito ali + cê pega até um: + uma reservinha () + hoje no Estado + se ocê largar o Estado hoje + se ocê/ se ocê não tiver economia + amanhã ++ [cê vai pedir]

J.N.

[()]

esmola

A.S. mesmo com o diploma que ocê tem se você não arrumar outro serviço ++ cê vai passar fome + porque não tem + aquela reserva né igual + hoje por exemplo na construção civil por exemplo + cê tem férias cê tem décimo terceiro + cê tem fundo de garantia + então () se ocê trabalhar muito tempo numa firma igual eu trabalhei três anos + cê pode ficar um ano à toa + que não tem problema

J.N. + é

A.S. + mas + no público já não é assim + cê vai trabalhar numa prefeitura num estado aí + chega ali se ocê saiu + amanhã cê/ + se ocê não tiver uma reserva + é uma pessoa sem nada

J.N. + é mas é igual cê tava falando mesmo não adianta só o estudo né cê tem que ter/ saber usar também aquilo que cê aproveitou [porque] tipo assim igual cê falou

A.S. [tem]

+ cê + não teve a oportunidade de estudar mas cê tinha a oportunidade de ir pra alguma coisa que ia te remunerar melhor + e que cê também devia gostar né porque ((risos)) a gente também não vai pra uma coisa que a gente odeia né + então cê foi esperto [também

A.S. [e e:u]

né]

A.S. é mas eu [a +] a maior ++ erro que eu fiz na minha vida Ju + eu vou te falar eu

J.N. [(((tossiu)))]

vou te contar + eu tinha dezenove anos + arrumado + e era meu sonho + eu sou apaixonado por avião + eu já consegui voar três vezes + bom demais já conseguir andar de avião três vezes pra mim tá de bom tamanho + se eu morrer hoje morro um cara feliz + mas o negócio é o seguinte + eu com dezenove anos arrumei pra ir pra + Lagoa Santa + trabalhar de mecânico + ganhando um salário mínimo naquela época em sessenta e: cinco + ganhando um salário mínimo + aí + minha mãe + não sabia assinar + mas porque/ por eu não ter vinte e um ano + eu não podia assinar por mim + minha mãe tinha que + me autorizar + me cortou esse barato

J.N. [mas] ela não podia pôr digital [não] podia época?

A.S. [()] [podia]

A.S. mas ela não quis pôr não ponho

J.N. hum:

A.S. + ela não deixou ++ hoje eu podia tá muito/ hoje eu podia ter morrido um avião comigo () + se eu fosse pra lá eu ia + eu ia fundo + eu ia estudar e/ + ia estudar ++ mecânica de avião + e estudar + lá em Lagoa Santa + perto de/ perto de Belo Horizonte + um cara daqui arrumou um/ + eh: + colega meu + pra mim ir pra lá + ganhava um salário mínimo falei mãe eu mando um salário mínimo + porque lá sei que tinha + era a farda + e comida + e estudo tudo de graça + eu falei eu mando o salário pra senhora + ela não quis + sabe o que que mãe falou pra mim? + se vestir farda + não entra na minha casa + falei mãe mas + é uma oportunidade que eu quero + eu não vou/ eu não vou ser um militar qualquer eu vou pra um + uma coisa boa + hoje quem tá ralando pra entrar na/na aeronáutica + tem que ter muito estudo + e naquele tempo cê entrava de graça + minha mãe cortou isso isso aí e eu + não + Deus o tenha onde que ela tenha tá + mas + eu fiquei frustrado [+] eu podi/ eu podia ter dado muito mais conforto pra ela + e pra mim mesmo

J.N. [(((tossiu)))]

também

J.N. eh mas às vezes também o conforto que ela queria não era esse né [às] vezes

A.S. [é]

ela preferia ocê/ pra/ ocê [perto] era um conforto muito maior do que [+] dinheiro

A.S. [é] [é custoso]

né

A.S. a gente ah:ah: hoje quando a gente fica maduro assim fica velho + porque eu já tô entrando na terceira idade né [(((risos)))]

J.N. [(((risos)))]

A.S. [então aí já/ (...)]

J.N. [depende de quantos] anos que é a terceira idade

A.S. eu acho que depois dos sessenta [(((risos)))]

J.N. [ah nada] hoje em dia eu tô achando que: do povo tá vivendo mais [que essa terceira idade pode ir (...)]

A.S. [(((risos))) + não não] eu acho que eu já tô na terceira idade segunda minha/ segunda minha pra mim acho que foi até os quarenta

J.N. ((risos))

A.S. a primeira até os trinta + ((risos)) depois a segunda até os qua/ até os cinqüenta + daí pra cá já + tá correndo pra terceira idade

J.N. + [eh:] hoje em dia o povo com sessenta ano tá forte [antigamente] o povo [tava]

A.S. [mas e/ (...)] [é então] [e os]
[velhinho]

A.S. [eu só/] eu eu eu igual por exemplo eu sempre [falo + eu fui eu fui um cara] eu tive

J.N. [(((tossiu)))]

uma juventude muito ++ muito + resguardada assim não fui um cara de/ noitada eu fico bobo hoje os meninos + os meus filho s/ sai onze horas + vocês jovens sai/ onze meia-noite + eu nunca eu/ + casei com vinte oito anos + e: + eu acho que eu não + nesses vinte oito anos + eu não passei três noites + sem dormir ++ era assim muito + sempre procuran/ não bebia + hoje eu fa/ hoje eu passei fazer uso de bebida depois dos quarenta e dois anos + eu lembro nós começou ir nesses movimento de igreja tinha essas festinha né + vai pra ali vamos pra ali vamos pra ali + eu bebia coca-cola os cara ficava até gozando na gente ah coca-cola coca-cola porque não sei o que + aí eu/ comecei/ a comprar cerveja e pôr em casa beber uma cervejinha + aí eu tomei [gosto]

J.N. [até] acostumar né Tônico

A.S. até acostumei hoje eu gosto de cerveja eu f/ eu tô + eu tô fazendo um esforço danado pra beber pouca cerveja

J.N. + [ai] agora tá ao contrário [((risos))]

A.S. [()] [tá ao contrário] cê vê tenho que esforçar pra não beber

J.N. + ai

A.S. mas que é gostoso é + ((pigarreu)) antes não (até) então na minha juventude eu + hoje eu vejo os/ + esses jovens tudo né tá numa + num num vício danado com bebida + quando é só bebida até tudo bem né porque a gente ainda tem + essa + coisa aí que é essas tal de droga tem muita gente que + não pensa né + vai + por esse lado + aí fica

[difícil]

J.N. [((tossiu))] e mesmo a bebida é perigoso assim

A.S. é p/ demais

J.N. + acidente essas coisas

A.S. ((mexe a cabeça para cima e para baixo))

J.N. () + juventude meio inconseqüente né

A.S. é + Nossa Senhora + e como é

J.N. + isso que é perigo/ isso que eu acho [mais (...)]

A.S. [mas] até a gente que é velho fica inconseqüente + cê bebe uma cervejinha umas quatro garrafa de cerveja + cê/ eu acho que eu posso andar de moto eu acho que eu posso ir pra ali pra ali ++ não eu não condeno o jovem não + a gente at/ atrás de bebida + te dá um embalo

J.N. + cê perde a noção [né ()]

A.S. [perde a noção] cê acha que tá bonito tudo que cê tá fazendo tá bonito ++ agora eu sempre gosto/ eu sempre falo pra Divalda eu falo assim + eu gosto de beber aqui em casa + que a hora eu vejo que ela tá: + alterando eu vou pra cama deito + não vou amolar ninguém

J.N. uhum

A.S. então cê fica tranquilo assim + o jeito melhor que tem pra beber é em casa + cê viu/ cê não vai + pegar moto sair nem carro nem nada

J.N. + [e a] Divalda gosta de beber também uma cervejinha?

A.S. [cê ()]

A.S. de vez em quando ele bebe uma cervejinha + ao contrário de mim que aquilo ali () de fumar ainda gosta de fumar eu já não gosto

J.N. ah

A.S. e () um debate nós dois + [eu]

J.N. [é?]

A.S. + p/ eu já vai pra/pra sete anos que eu não tô fumando + sempre peço pra ela porque + a gente melhora demais ++ quando larga de fumar + parece/ eu não sei + mas eu acho que o cigarro é mais prejudicial do que a bebida + pra mim foi

J.N. + você fala pro que + pro/pro físico?

A.S. fisicamente + cê nã/ quando cê fuma cê não dorme direito + cê não alimenta direito

J.N. + é isso é verdade [o cigarro tira o apetite]

A.S. [ele ele/ ele/ tira] o apetite da gente + e ela ((faz movimento de um lado pra outro com a cabeça e aponta para a cozinha)) ah mas eu também sou um cara assim tranquilo o dia que eu vejo que ela tá nervosa e () ela quer cigarro eu vou ali pego minha moto compro cigarro trago pra ela

J.N. ((risos)) cê ajuda né

A.S. ah ((estalo línguo-alveolar))

J.N. não adianta [né quando a gente] não dá conta não quer é difícil

A.S. [é mas não adianta]

A.S. pessoa não dá conta de largar + então

J.N. + ((tossiu)) + eh aí é complicado [mesmo]

A.S. [é complicado]

J.N. eu não gosto muito de cigarro não eu não dou conta de [fumar de jeito nenhum]

A.S. [o cheiro dele é forte] demais de/
p/ Ju eu fumei (...)

J.N. eu já experimentei mas dá uma tosse ((risos))

A.S. eu fumei trinta e dois anos ++ eu achava que não/ + não largava do cigarro não + porque é o cigarro + cê vai tá trabalhando cê pode tá fumando + e: fumante cê sabe o que que a pessoa que fuma é? + uma pessoa sem educação

J.N. + é?

A.S. não respeita limite não respeita lugar + então + eu achava que eu não largava do cigarro + e um belo dia + no dia seis de + de maio de mil novecentos e noventa e nove + eu falei esse é o último cigarro que eu vou fumar sete horas da noite deitado no sofá aqui em casa + a sala era na + do outro lado dali que a entrada da casa era do lado de cá ((apontando para trás)) + aí eu falei assim + não vou fumar mais + parece que os anjos falou amém + era tarde + eu não larguei de cigarro não tive problema

J.N. + não teve [dificuldade não?]

A.S. [((clique línguo-alveolar))] Deus me ajudou não tive dificuldade [não]

J.N. [Nossa]

Senhora

A.S. nunca mais pus um cigarro na boca não tenho vontade de fumar + compro cigarro pra Divalda

J.N. + gente

A.S. e não/

J.N. + podia todo mundo ser assim porque tem gente que tem dificuldade

A.S. e eu falo assim Deus/ Deus foi bom demais comigo + acho que ele foi bom demais desde que eu nasci

J.N. + [((risos))]

A.S. [((risos))]

J.N. ele foi te encaminhando né

A.S. eu acho/ eu acho assim eu não tenho muito que pedir a Deus não tenho só que agradecer

J.N. ((tossiu))

A.S. () p/ + da onde que eu vim + a situação que eu já passei + hoje graças a Deus a gente tem uma casa + sossegado + tem lazer + tem um/ + as coisas tem/ tem carro pra andar tem moto pra andar + cê não vai pro serviço mais numa bicicleta cê não precisa de ralar + andar descalço na rua cê não precisa disso + então hoje eu acho assim que + ele foi muito generoso comigo

J.N. + cê também ralou pra ajudar [ele] a ser [generoso]

A.S. [ralei] [bom]

A.S. é o que eu falo gente + a gente a gente não tem isso de graça + cê tem que fazer [alguma coisa] igual as pessoas que eu trabalho sempre + eu sempre + agra/ eu

J.N. [((tossiu))]

NUNca esqueço d/ cê ocê falar Tonico os patrão que cê teve na vida eu te falo todos + eu acabei de perder um agora essa semana + Hugo Siqueira

J.N. + faleceu?

A.S. é:é faleceu seu Hugo Siqueira + a gente foi/ eu trabalhei naquela construção dele naquela casa dele + então eu sempre falo assim a gente tem que agradecer aquelas pessoas que dá serviço pra gente + porque + não é porque eles me pagou + que não + que ficou tudo certo + eu sempre tenho aquele carinho pelas pessoas sempre agradeço a Deus e rezo por eles + nas minha oração eu peço + que Deus dá muita vida pra eles e: saúde pra eles/ + du/ usufruir daquelas/ + construção que a gente fez + igual por exemplo ontem o Manoel Cardoso eu fui

na casa dele + lá todo mundo me dando parabéns lá pela obra que eu fiz eu falei não se o seu Manoel não pagasse + não comprasse o material + [não ia

J.N. [não

nós não fazia nada]

tinha obra né]

A.S. assim ele/ + não mas cê também merece falei não tá certo + mas o + mérito maior é dele que foi o patrão + que me pagou que se ele não me paga eu não fazia + não tinha condição

J.N. + [hum]

A.S. [né?] então eu não sei + eu dis/ de:/ eu comecei trabalhar de pedreiro + em: fevereiro + de: sessenta e quatro + tá com: [quarenta e dois anos]

J.N. [(((tossiu)))]

J.N. Nossa Senhora

A.S. eu sei tudo os meus patrão que eu trabalhei + inclusive eu já trabalhei com/ + seus pais + pouco/ foi poucos dias mas trabalhei

J.N. [uhum]

A.S. [(((risos))) né? + [então (...)]

J.N. [cê tem] a memória boa então Tonico porque quarenta anos cê deve ter tido [mu:ito] patrão

A.S. [tenho]

A.S. não capaz que não dá trinta

J.N. + é?

A.S. + eu já trabalhei muito em construção grande então + a gente vê assim as pessoas assim que a gente já trabalhou eu sei todas as construção + (falo) ah tal rua assim assim foi tal ano + na carteira prof/ tá/ em registro em carteira eu falo que foi que começou foi dia tanto tanto + sei tudo [isso daí]

J.N. [e todas a maioria] é registrado?

A.S. é ((movimenta a cabeça para cima a para baixo)) não + no início foi muito pouco registrado + porque eu fui um: + um grande: assim assim eh na/ nos meus colegas de construção + de construção + eu fui um batalhador disso aí pra poder pra ver se + se a gente não perdia essa coisa depois que eu + comecei + com pouco estudo mas comecei a + a escl/ a ter um esclarecimento das/ dos deveres de trabalhadores + e obrigações de patrão e tudo isso aí + sem + assim + cê: sem demagogia a gente procurava + entender com os patrão o que era bom pra gente () cê pa/ pra não prejudicar + uma nem outro mas sempre as pessoas começou a/ + a: ter mais consciência disso aí e [registrar]

J.N. [e aí assinava] a

carteira [mesmo] quando era pouco tempo?

A.S. [é]

J.N. + [registrava?]

A.S. [eu tenho] registro em carteira até três meses

J.N. + hum tá

A.S. + mas (...)

J.N. ainda bem né [()]

A.S. [o que faz] parte da vida da gente é isso aí + ocê aproveitar + dessa parte + que a pessoa te/ que:

J.N. deu ano pra você aposentar não?

A.S. não ainda não + ainda falta/ eu vou ter que aposentar por: + idade

J.N. por idade?

A.S. por/ eu tenho ho:je + mesmo com esse tempo todo + eu devo ter mais ou menos

-- boa tarde ((fala uma pessoa que chega))

A.S. boa tarde

-- cadê Divalda

A.S. tá lá no fundo ()

-- ()

A.S. pode ir lá que ele tá lá ++ aí ((pigarreia)) com esse tempo tudo de pedreiro + a primeira vez cê/cê Ju vou te () cê não vai acreditar qual é a construção primeira que eu fiz carteira + em mil novecentos e sessenta e sete

J.N. + ()

A.S. capaz que ocê estudou lá a não não estudou não

J.N. aonde?

A.S. colégio estadual

J.N. não [não estudei]

A.S. [primeiro] primeiro registro de carteira minha + mil novecentos e sessenta e sete + setembro de sessenta e sete colégio estadual construção do colégio estadual ajudei a construir aquilo ali + trabalhei a de/ trabalhei trabalhei lá dez meses

J.N. ++ dá quantos anos na sua carteira cê já tem?

A.S. uns vinte e cinco

J.N. + ((tossiu))

A.S. de contribuição

J.N. é trinta e cinco né?

A.S. trinta e cinco + agora: eu falta cinco pra/ eh é sessenta e cinco eu vou aposentar por idade + falei que: chega o sessenta e cinco eu + eu deixo desse negócio

J.N. aí Tonico depois que aposenta é que é terceira idade não é antes não ((risos))

A.S. (((risos)))

J.N. [pode estender isso aí] + porque antigamente aposentava com sessenta né? + cinquenta e cinco mulher sessenta [homem] agora sessenta mulher e + [sessenta] e

A.S. [hum] [uhum]

cin/ + então cê pode [()] dessa terceira idade subiu [pra sessenta e cinco]

A.S. [ah mas eu] [ô Ju eu já/ acho eu acho] que já tô dentro dela viu + () bem ainda graças a Deus graças a Deus eu falo assim + eu sou uma pessoa que + caminho mais ou menos um po/ + eu + faço minhas caminhada ando uns nove quilômetros

J.N. + nossa

A.S. + e: + procuro ter uma vida assim

J.N. + todo dia cê [caminha?]

A.S. [saudável]

A.S. se eu tiver tudo/ se eu tiver uma oportunidade assim se tiver chance eu caminho todos os dia ++ na: + [eu gosto de caminhar]

J.N. [também quando cê] não caminha tá trabalhando cê tá mais que caminhando

A.S. não eu caminho quando eu tô trabalhando eu vou à tarde geralmente eu vou à tarde eu saio daqui vou lá na/ na matinha e volto

J.N. + gente

A.S. uma beleza dá nove mil + e duzentos metros + eu já medi + aí mas eu o: o bom + é que mesmo cê trabalhando Ju + cê tem que caminhar + o seu/ o se:u + corpo o or/ parece que o organismo acostuma com a/ + com aquele movimento ali + não + se começa a sentir dor nas pernas cansa

J.N. + quando cê não caminha né?

A.S. quando faz/ quando não faz nada + e mesmo assim cê vai + volta + igual cê pára do serviço cinco hora + cê vai daqui na volta de tardinha cê chega aqui + uma beleza + melhor que tem

J.N. e Divalda vai também ou não?

A.S. raridade ele vai/ ele/ já eu tô eu tô de férias agora + esses dias + tava fol ah férias não eu tô folgado né

J.N. uhum

A.S. () folgado + sempre eu levantava de manhã eu levanto cinco e meia e vou + [tem

J.N. [()]

dia que ela vai] + tem dia que ela vai tem dia que ela não vai + eu a coisa melhor que eu gosto é de a hora que cê tá lá em cima no trevo da (Cantolina) + aí o dia tá começando a clarear + é o trem melhor que tem

J.N. + deve ser uma imagem bonita mesmo né

A.S. é + a hora assim/ tem dia que/ o dia que cê tá de tempo eu rezo um terço + dia que eu tô assim + () cê reza um terço aquela coisa gostosa + lembra das pessoas tudo que + gosta da gente + então trem melhor do mundo é aquilo ali + cê tá na estrada porque vai ficar na cama aqui esperando o sol esquentar? eu não dou conta

J.N. + é que cê já deve dormir pouco já né?

A.S. eu durmo muito

J.N. é?

A.S. desde cedo + eu geralmente + eu + oito e meia nove hora

J.N. + ah cê dorme com as galinhas

A.S. eu tô + eu/eu tô eu deito sim + tem dia que Edval/ a hora que Divalda vai deitar eu tô achando que o dia tá amanhecendo eu olho no relógio lá é onze e meia meia noite

J.N. ixi

A.S. eu falo ainda falta muita coisa ainda

J.N. ixi ainda e [volta dormir]

A.S. [() já dormi demais]

J.N. [((risos))]

A.S. [eu posso] dormir muito + mas a:: ela sempre fica aqui + na televisão + eu não dou conta de ver televisão + eu não gosto de televisão + na realidade eu não gosto + de ver televisão + gosto de ver televisão assim igual por exemplo a/ + assim + cê pega vê aqueles canal do Amazonas aquelas coisa Diferente + essas coisa nossa aqui + novela essas coiserada tudo + ve/vejo Jornal Nacional assim umas coisa [assim]

J.N.

[repete] tudo também

A.S. é muito ruim só notícia ruim então + dormir eu acho melhor ((risos))

J.N. é é ((risos)) ++ Tonico vamos escrever então

A.S. + depende do que cê quer que eu escrevo

J.N. facinho + hoje eu não/ hoje eu tô +++ vai tá tranquilo

Autorizo a reprodução deste trabalho

São José do Rio Preto, 24 de fevereiro de 2012

YMORIAN VILELA ZWARG